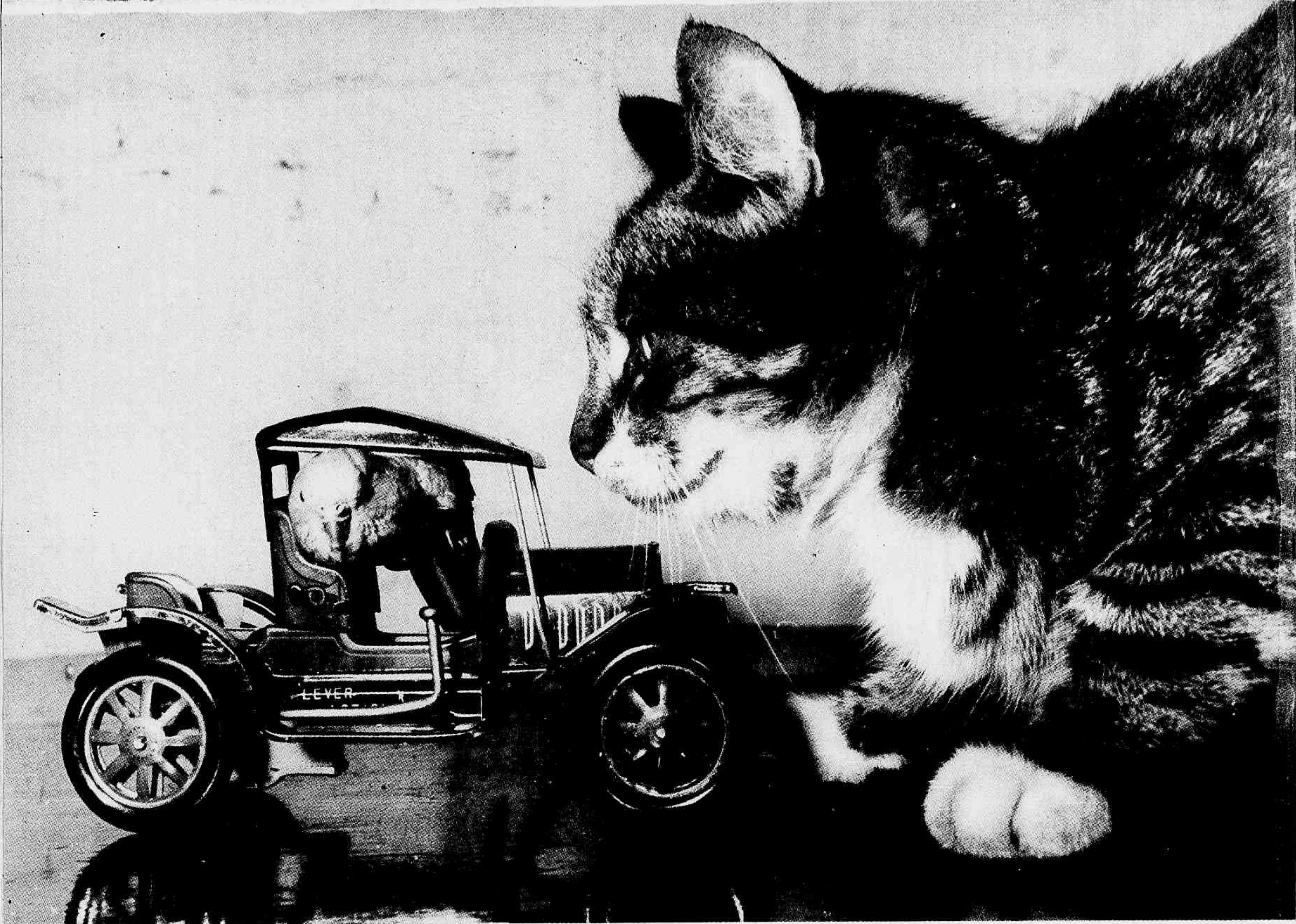


REVISTA DA SEMANA

N. 36 3-9-55 Cr\$ 5,00 em todo o Brasil

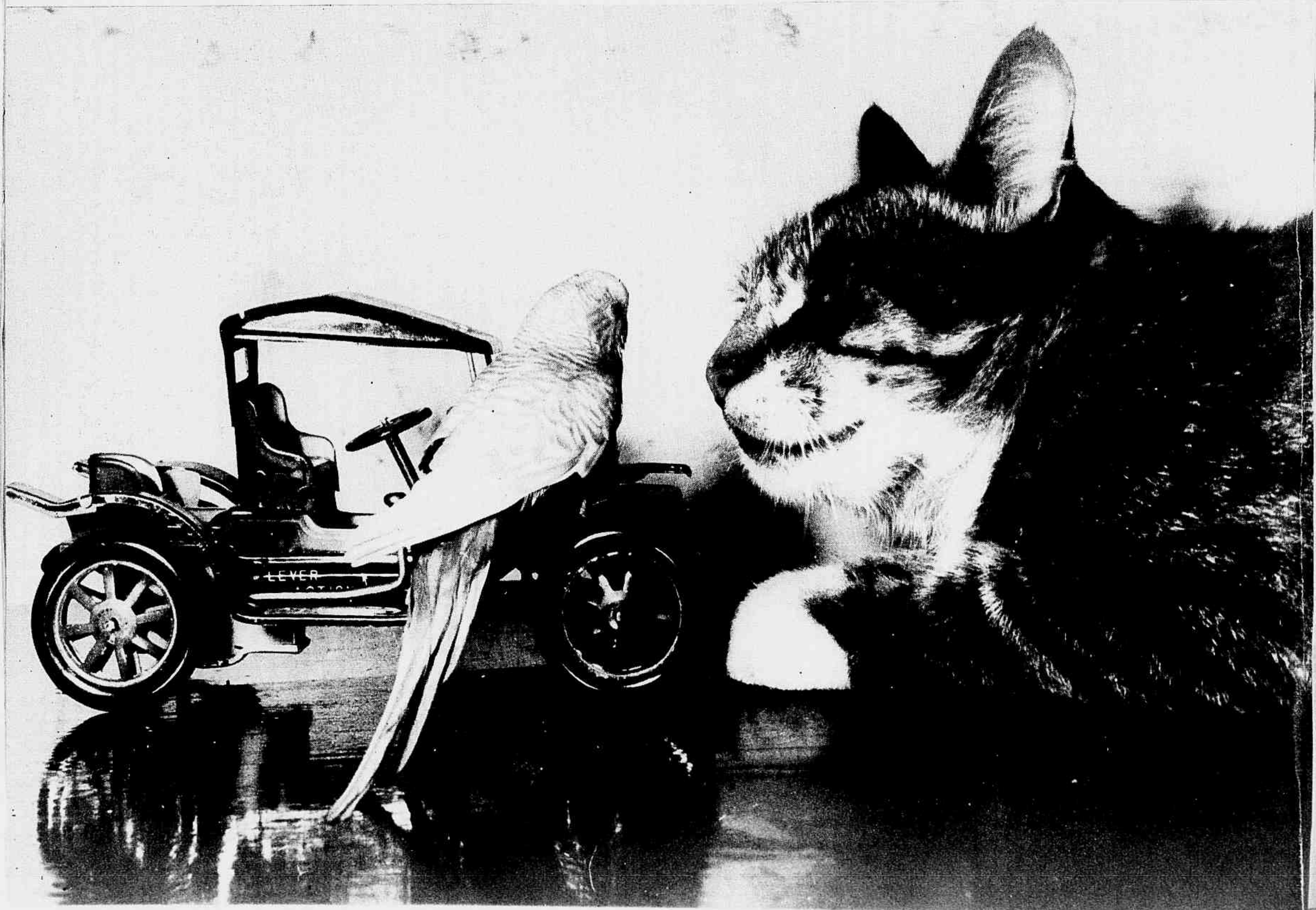


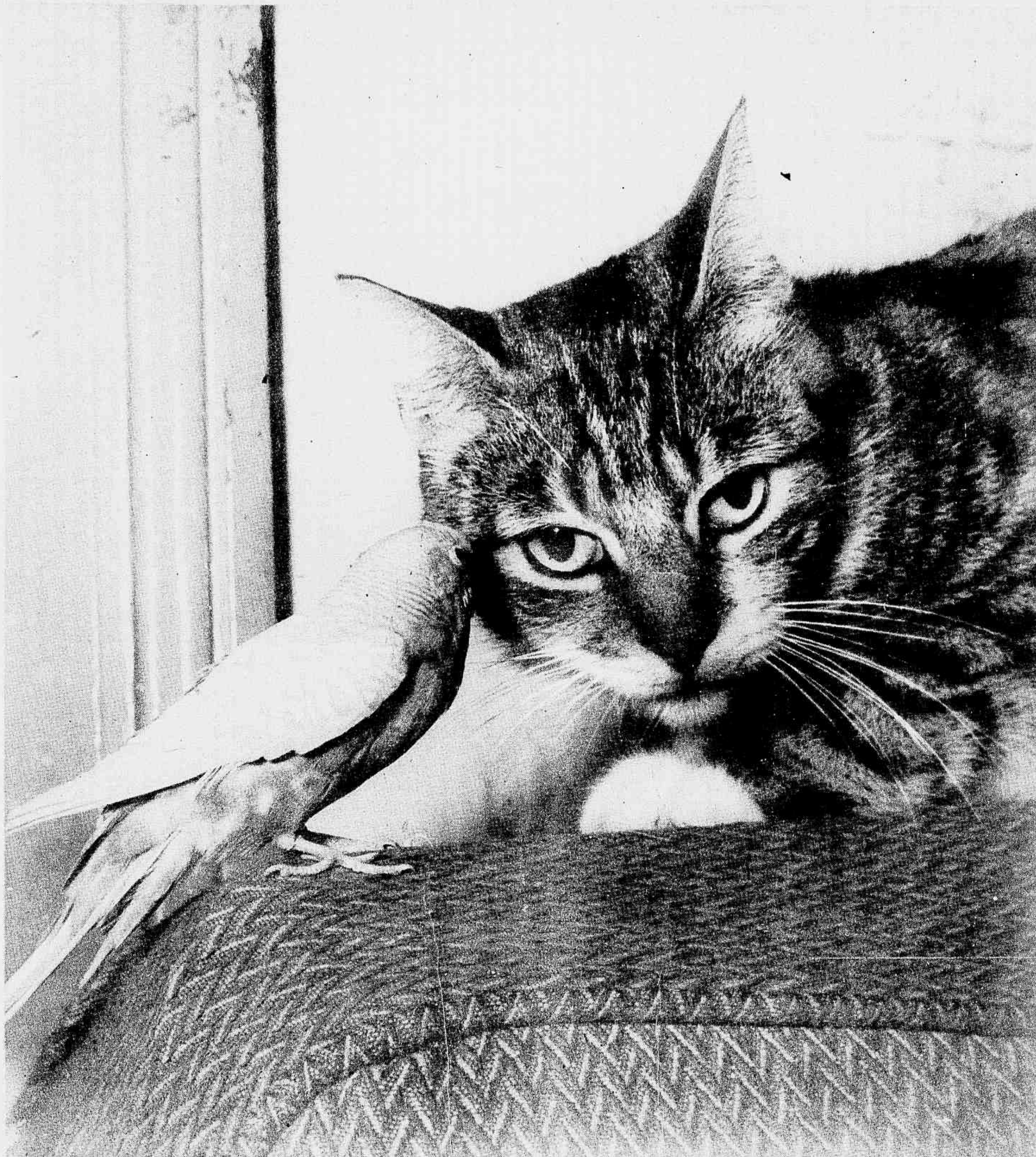
FALAM OS
CANDIDATOS: **A PALAVRA DE PLÍNIO SALGADO**



1 — QUEM FOI QUE DISSE QUE GATO É IMPECILHO? ▲

2 — VOCÊ SABE COM QUEM ESTÁ FALANDO? ▼





3 — DE UMA BOA CANTADA NÃO HÁ GATO QUE ESCAPE.

EU (PÁSSARO) E A VIDA (GATO)

(SUITE-DIALOGO PARA HARPA E QUOTIDIANO)

VAN JAFÁ

● Fadas?!... Quem foi que disse que não existem?!... Existem sim. Meninos, escutai o conto de fadas que me aconteceu. No florir do encontro casual» (como diria o poeta), INGRID, a fada — perguntou-me que realidade eu desejaria ser pelo espaço em que o sol se levanta, olha a vida e deita-se entediado. Incontinenti,

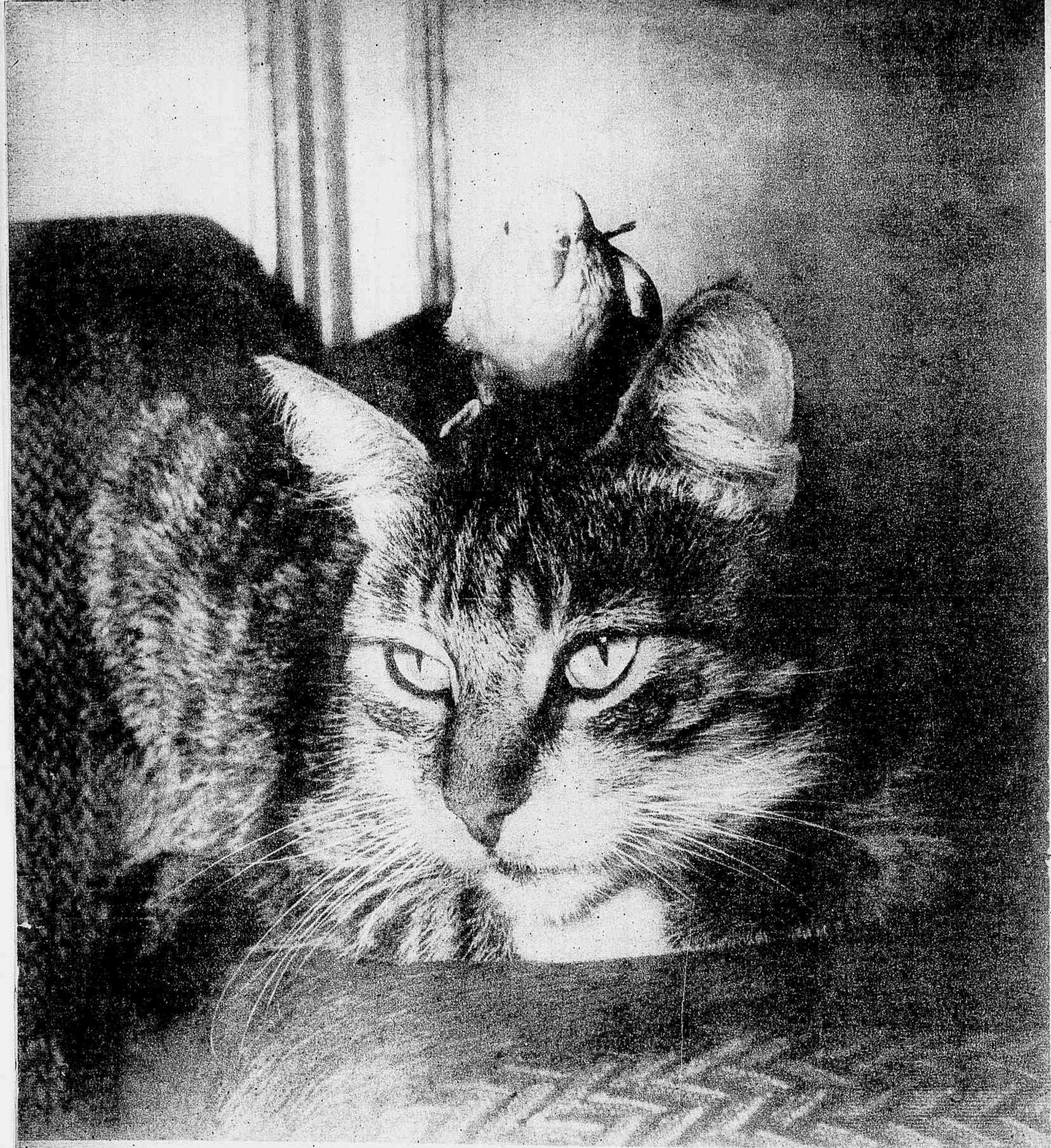
respondi-lhe: pássaro (É o que mais se aproxima de poeta). E a fada entre milagre e amor fêz-me pássaro diante da vida: gato. E o enigma eterno estava suscitado, face a face, numa fábula moderna: ou tu me decifras ou eu te devoro! Que horror!

— Não vês, pobre vida, grande vida, que eu

nasci para cantar, voar pelas sensibilidades, encher o mundo de poesia, divino gato?

— Pequeno pássaro, belo pássaro, teu canto é suave como o nascer do dia, tua roupagem amável, mas que farei da minha tradição, do meu dever devorar-te?

— Querido gato, escuta aqui: sabes quem eu



4 — QUANDO O PÁSSARO É POETA O IMPOSSÍVEL ACONTECE.

sou? Deixa-me segredar-te: eu sou a Poesia. Um só verso meu te faria imortal.

— Que poderá ser maior que a vida, ingênuo pássaro? Eu sou a vida. Fui feita para subjugar. Ademais estômago não se alimenta de poesia.

— Gato, nobre gato, por que escondes sob tua face felina a imensa ternura, tão que emana dos teus olhos, e das entrelinhas dos teus gestos? Por acaso tua tradição não passou pelas mãos de Baudelaire ou Poe, Colette e Eneida? Tens certeza que não te chamam José?

— José, eu? Não tenho irmãos.

— Esqueci-me, a vida é filha única. Eu também sou. Escuta aqui, façamos um acordo

uma tua solidão à minha e seremos menos sós e a vida será mais bela e meu canto mais claro. Sejamos donos daquela paz que tem raízes no coração, que vem da certeza das coisas belas e boas, da harmonia, da segurança, de como se a gente estivesse em casa entre objetos familiares, com nossas cortinas, nossas porcelanas, nossos livros e nossa música.

— Basta! Agora compreendo porque Platão não queria poetas na sua República. Quase me convenceste de tudo quanto dizes.

— Agora é que compreendes o erro de Platão. Eu não te convenci em coisa alguma. Fôste tu que me convenceste de que a vida é bela, digna de ser vivida.

— Meu pássaro!

— Meu gato!

...Desde então não nos soltamos mais — eu e a vida. Quando acordei dentro do sonho o fogo crepitava manso na lareira. As rosas vermelhas dir-se-iam rostos humanos, tal a floração da beleza sadia. Na eletrola automática o disco repetia «some enchanted evening». Havia escorregado das minhas mãos «O Poder e a Glória» e no chão deitado em cima do livro estava o gato e em cima do gato o pássaro. Meninos, se não fôsse o azul dos vossos «blue jeans» não sei o que seria do azul da vida. Entrei por uma porta e saí pela outra, o Rei, meu senhor, que me conte outra.

REDATOR-CHEFE Celestino Silveira

ASSISTENTE José Roberto Teixeira Leite

PAGINAÇÃO Victor Tapajós

COLABORADORES — Adalgisa Nery, Demóstenes Varela, Hélio Abreu, Hynenny Gomes Ferreira, Petrarca Maranhão, Milton Salles, Pedro Müller, Sérgio Silveira e Vinícius Lima.

ILUSTRADORES — Alberto Lima, Ramón Fortuna, Darel e Maria Tereza.

FOTÓGRAFOS — Alberto Ferreira Lima,

Arnaldo Vieira, N. Viana e Vito Vasconcelos.

SUMÁRIO

● REPORTAGENS

Eu (Pássaro) e a Vida (Gato)	2/ 4
Plínio Salgado: «Sou Contra o Rea- tamento»	6/ 8 e 10
O Pedro II é o Primeiro	11/13
Uma Grande Mulher	14/15
Ilha das Flores, Paraíso dos Imi- grantes	18/21
Getúlio Vargas	49/52

● SEÇÕES

Champanhota	9
Palavras Cruzadas	16
TV Em Revista	17
Astrológica	22
Literária	23
Modas	26/27
Feminina	32/33
Por Esse Mundo de Deus	34/35
Flash Paulista	47
Cinema e Teatro	48
Figura em Foco (Ademar de Barros)	53
Fortuna	54/55

● LITERATURA

Prenúncio de Conflito (A. Nery)	5
Iniciação (Orígenes Lessa)	24/25
Adriana Lecouvreur	30/31

● CAPA

Foto I. N. S.

Este número consta de 56 páginas.



Desenho de MARIA TEREZA

Prenúncio de conflito

ESTOU esperando a qualquer momento, a eclosão de um conflito sério entre os médicos especialistas em métodos de emagrecer, e as técnicas de arte culinária. O que um faz, a outra desmancha. As mulheres com justíssimo pavor à adiposidades freqüentam os consultórios médicos e se submetem a tratamentos penosos, a fim de combaterem o alargamento das suas silhuetas. Então, se os maridos demonstram tendências para admirar a linha tipo aspargo, a aflição das espôsas cresce assustadoramente. Vivem de fita métrica nas mãos medindo-se diariamente numa inspeção rigorosa às alterações das polegadas. Se uma amiga, por enfermidade, perde alguns quilos no pêso, a piedade se transforma em motivo de inveja. Enfim a vida das gordas é um constante martírio e, a das que têm propensão à dilatação antiestética das curvas, é uma ameaça pior do que a de um conflito mundial. Os consultórios médicos vivem apinhados de clientes apreensivas. Mas, solapando a ciência, estão a postos, as técnicas na preparação de pratos deliciosos, bem condimentados, fartos de calorias e cálcios e de doces variadíssimos feitos com muitas nozes, amêndoas, chocolate e manteiga à farta. As mulheres precisam definir-se dentro do problema. Ou comem e não dão importância à aparência física nem ao gosto dos maridos, ou ficam de abstinência de boca a favor da paz conjugal e das normas da estética. As duas coisas juntas são incompatíveis.

● Os médicos podiam fazer uma propaganda inteligente tirando as suas clientes do drama de consciência em que vivem: pendurar nas paredes do consultório a fotografia de todas as mestres cucas nossas conhecidas. Isso ajudaria muito a força de vontade, daria uma propulsão nova contra a gula e beneficiaria a ciência. Há pouco, nos Estados Unidos, foi pedido um divórcio com a alegação de que a cara metade engordara vergonhosamente. Havia mesmo, o tal engano de pessoa. A noiva esguia e leve se transformava numa obesa senhora de aparência desagradável e a sua forma física trazia ao marido uma certa humi-

lhação diante dos gracejos dos vizinhos. O juiz obrigou a ré a emagrecer. Deu um prazo. caso quisesse continuar a gozar as delícias do matrimônio. Do contrário daria ganho de causa ao marido sofredor. A gula superou todo o instinto de felicidade conjugal e meses depois o juiz achou que o argumento do espôso era contundente e insofismável. Tudo isso porque a espôsa passava horas seguidas diante da televisão aprendendo com as mestres cucas a preparar os mais gostosos, apetitosos e requintados pratos regados de molhos maravilhosos!

ADALGISA NERY

«REVISTA DA SEMANA» — Ao público: Grave acidente ocorrido em uma das nossas impressoras de «off-set», impôs uma série de alterações de ordem técnica na confecção deste número. Providências imediatas foram adotadas para a restauração da referida máquina, tarefa que deverá ser concluída sem maior protelação de tempo. Por esse motivo o leitor terá compreendido e relevará algumas alterações encontradas na paginação bem como a supressão das cores nas páginas internas desta edição.

EXCLUSIVO

O candidato Plínio Salgado
responde ao questionário da
REVISTA DA SEMANA:

"SOU CONTRÁRIO AO REATAMENTO DAS RELAÇÕES COMERCIAIS COM A UNIÃO SOVIÉTICA E COM OS PAÍSES DA CHAMADA CORTINA DE FERRO"

**«PORQUE ELAS INVADIRIAM INEVITAVELMENTE
O TERRENO POLÍTICO DAS IDEIAS» ★ «NÃO
SE TRATA DE SER CONTRA OU A FAVOR DA
PETROBRÁS, MAS DE SABER SE O BRASIL É**

**OU NÃO UMA NAÇÃO SOBERANA» ★ «É PRE-
CISO INSUFLAR A ENERGIA NOS MOÇOS,
ARRANCÁ-LOS DA DESCRENÇA. SACUDIR AS
FIBRAS DA PÁTRIA. ERGUÊ-LA DO DESALENTO»**

Reportagem de CELESTINO SILVEIRA

(4ª e última de uma série com os candidatos à Presidência da República)

Fotos de ALBERTO FERREIRA

ENERGIA

PETRÓLEO

REPÓRTER — E' nacionalista em política de petróleo? Julga que a lei que criou a Petrobrás deveria ficar tal como está ou admite que seja modificada, a fim de permitir a participação dos capitais internacionais na pesquisa, lavra e refinação?

PLÍNIO — Já expedi por várias vezes o meu pensamento a respeito. Acho que o problema está mal colocado: não se trata de ser contra ou a favor da Petrobrás, de admitir-se ou não a participação do capital estrangeiro na exploração do nosso petróleo. Trata-se de saber se o Brasil é ou não uma nação soberana, com capacidade de preservar essa soberania. Respondida afirmativamente essa consideração, o que importa é extrair e explorar o petróleo, pela forma mais adequada e rápida, para proveito do país.

CARVÃO

REPÓRTER — Que pensa do Plano Nacional do Carvão? Nesse setor da energia, consulta os interesses do país ou deverá ser modificado?

PLÍNIO — O Plano Nacional do Carvão é grandioso e cogita de várias providências urgentes e indispensáveis. Omitiu, entretanto, a meu ver, um aspecto substancial, qual o da qualidade do carvão, estimulando o seu aprimoramento. E' sabido que o carvão nacional contém muitas impurezas e, pela sua formação peculiar, reclama um tratamento também peculiar, que espera a inventiva dos nossos técnicos para a necessária adaptação dos processos de tratamento adotados em outros países. Entendo que a indústria carvoeira nacional deve ser estimulada, estimulando-se também a melhoria da qualidade do carvão oferecido aos consumidores, mediante um conjunto de medidas protecionistas que objetive sobretudo este aspecto qualitativo.

ELETRICIDADE

REPÓRTER — Como enfrentar o tremendo «deficit» de energia elétrica que vem freando o progresso da nação? Acha que a diretriz contida na «Eletrobrás» é correta?

PLÍNIO — O «deficit» de energia atualmente constatado é mais um exemplo do crescimento desordenado de nossa economia e da ausência de planos de conjunto capazes de evitar situações como a que ora defrontamos no setor da energia hidro-elétrica. O desenvolvimento da indústria em nosso país sofre as consequências de dois fatores causados pela ausência desse planejamento geral que obviamente compete ao Estado realizar. Um, decorrente de complexas causas que se correlacionam com fatores de natureza política, econômica, climática, social, é a concentração do parque industrial brasileiro em região desprovida de grandes recursos naturais para a produção da energia hidro-elétrica em proporção capaz de atender ao crescimento constante das solicitações não apenas industriais mas também das determinadas pela concentração demográfica; o outro é a falta de subordinação dos novos empreendimentos às possibilidades reais do abastecimento de energia de sorte a que a expansão daqueles mantenha a indispensável correlação com o desenvolvimento deste. Esta arritmia foi a causadora da atual crise.

Empreendimentos como as obras do São Francisco forçarão a dispersão da indústria para outras regiões com reais vantagens econômicas, sociais e políticas, devendo o Estado incentivar a execução dos planos por ele estabelecidos.

Como decorrência do que afirmo, competirá ao Estado, através de empresas como as definidas na «Eletrobrás» suplementar as deficiências da iniciativa privada, para evitar a arritmia do desenvolvimento industrial e do progresso do país, por insuficiência da produção de energia elétrica.

● Com as respostas do sr. Plínio Salgado ao grande questionário instituído pela REVISTA DA SEMANA, damos por encerrada a nossa missão de esclarecer o eleitorado nacional, para o prélio de 3 de outubro próximo. Sem nenhuma finalidade publicitária remunerada (o que nunca é demais repetir), proporcionamos a cada um dos candidatos o ensejo de transmitir aos cidadãos brasileiros, uma súplica dos seus programas de governo, e parece que os problemas de maior importância foram focalizados, mantendo-se esta revista a uma absoluta equidistância dos quatro homens públicos que ora percorrem a nação em todos os sentidos no desenvolvimento de suas campanhas. Por aqui desfilarão, sucessivamente, os srs. general Juarez Távora, Ademar de Barros, Juscelino Kubitschek e, hoje, Plínio Salgado, emitindo seus conceitos próprios, ou de seus partidos, sobre o plano de ação se eleitos. Um deles terá oportunidade de pôr em prática, a partir de 31 de janeiro do ano próximo, o que agora promete, e a todos foi dado tempo bastante para meditar sobre as respostas que inserimos.

Esta foi a contribuição desinteressada e patriótica da REVISTA DA SEMANA que, fiel ao seu tradicional programa de cinquenta e cinco anos de vida, pôde dar à Nação, sem outro benefício que o de prestar mais um serviço aos que a lêem.

Também o sr. Plínio Salgado teve essa oportunidade e aqui está sua palavra de candidato, que o eleitor poderá, agora, confrontar com as de seus três competidores. Esse confronto servirá para distingui-los pelas idéias, até pelo estilo; e se em alguns problemas eles coincidem na mesma opinião para resolvê-los — a mudança da Capital Federal, por exemplo — em outros divergem fundamentalmente, como na questão do reatamento das relações comerciais com a União Soviética e os países da Cortina de Ferro.

Nada mais nos cabe depois desse serviço concluído, senão esperar que o eleitorado acerte na sua escolha, que o candidato preferido saiba cumprir a sua palavra dada a esta publicação — e que Deus ilumine os homens de boa vontade para salvaguardar e proteger os destinos desta generosa terra em que nascemos.

POLÍTICA DE PREÇOS

REPÓRTER — Em combustíveis líquidos, qual a política acertada: os preços baixos para baratear a produção e seu transporte, ou altos, tendo em vista proporcionar bonificações de produtos agrícolas?

PLÍNIO — A pergunta cinge-se exclusivamente ao preço dos combustíveis líquidos e a uma só alternativa: preços baixos ou preços altos? Evidentemente, a questão como foi colocada, implicaria na formação de toda uma política econômica. Ademais, no estágio atual da economia brasileira, mais caótico do que ordenado, descreio da eficácia da intervenção estatal através da manipulação dos preços para o incentivo a esta ou aquela atividade. Não é abaixando ou elevando o preço dos combustíveis líquidos, de maneira arbitrária, que se poderá alcançar objetivamente o barateamento da produção e mesmo o seu transporte, dentro de certos limites, é claro, ou realizar um programa de subvenções a produtos agrícolas deficitários. Quanto menores forem os artifícios que se introduzirem na livre e natural formação dos preços, mais sadia e forte será a estrutura econômica do país. Isto se aplica, em caráter genérico, aos combustíveis líquidos como a tudo mais.

TRANSPORTES

FERROVIAS

REPÓRTER — Qual a política ferroviária mais adequada para assegurar vitalidade econômica e eficiência à nossa obsoleta rede?

PLÍNIO — Já em 1936, quando lancei o Manifesto Programa com o qual me apresentava ao eleitorado brasileiro, para concorrer à suprema magistratura do país, com os srs. Armando de Sales Oliveira e José Américo de Almeida, preconizava «o estabelecimento de um plano nacional ferroviário, visando os interesses da defesa nacional, do incremento da produção e da unidade da pátria». Entendo que, só com a elaboração criteriosa e bem estudada desse plano, será possível chegar-se a conclusões positivas, seja no sentido de assegurar vitalidade econômica à nossa atual rede, seja no sentido de ampliá-la, reequipá-la ou modernizá-la.

RODOVIAS

REPÓRTER — O imposto único sobre combustíveis líquidos é o caminho correto para proporcionar ao Brasil o sistema rodoviário de que necessita?

PLÍNIO — O que disse acima sobre as ferrovias, aplica-se integralmente às rodovias, à navegação de cabotagem e fluvial. No que respeita particularmente às rodovias, entendo que o plano deve ser orientado no sentido da complementação e irradiação do plano ferroviário, pelo menos enquanto não tivermos petróleo nacional suficiente, por resultar mais econômico e menos desgastador o transporte por estradas de ferro.

PORTOS

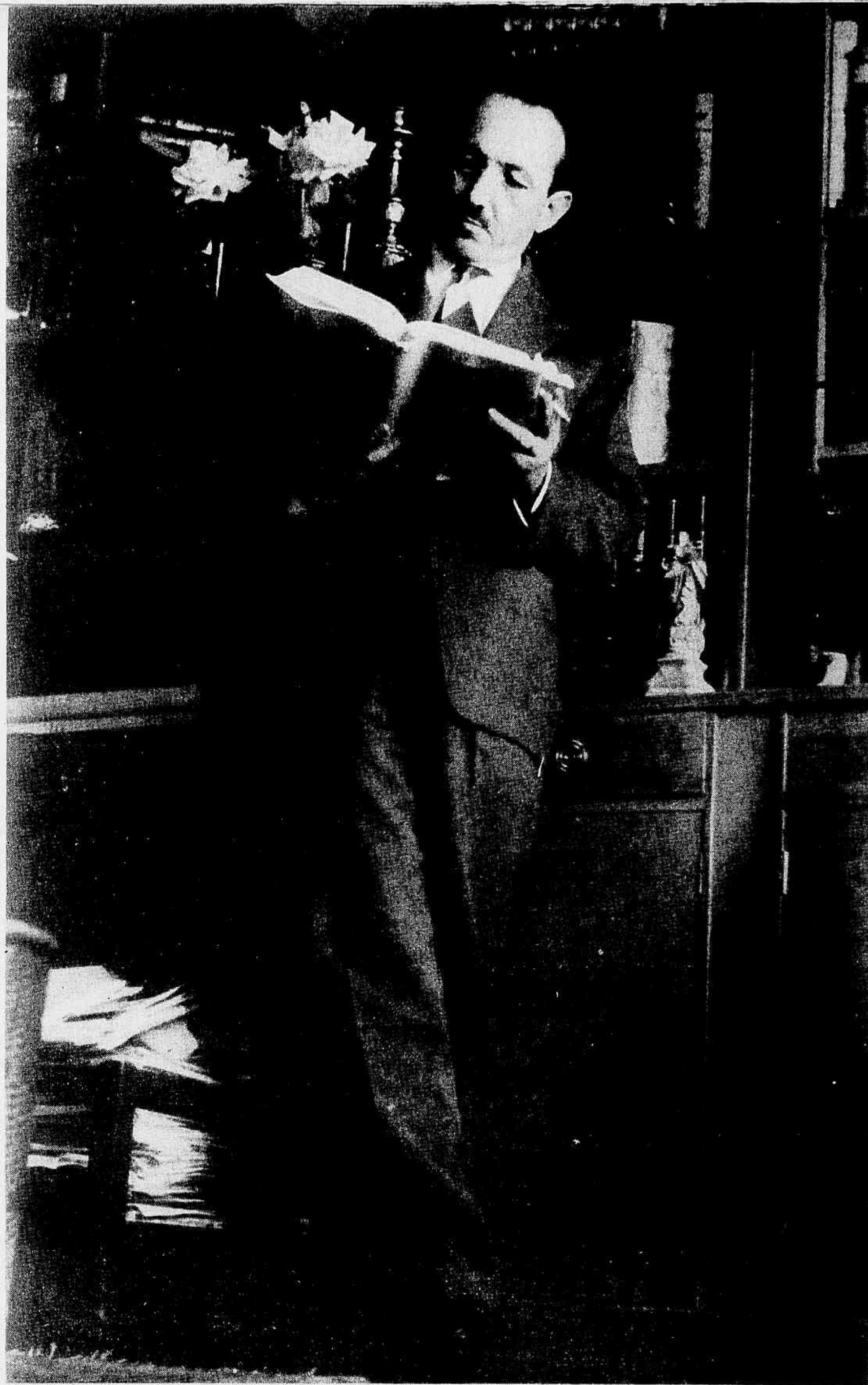
REPÓRTER — Como enfrentar os problemas de dragagem e do reequipamento dos portos? Esposaria o atual programa, dando-lhe cumprimento?

PLÍNIO — Nada se pode fazer sem programação e planejamento. É claro que a melhoria e ampliação da navegação comercial, importaria em ampliar as nossas instalações portuárias, com dragagem e reequipamento. O programa atual, executado com sistema e com as variantes impostas pelas circunstâncias dominantes, acredito que satisfaria os objetivos visados.

INDÚSTRIA DO AÇO

REPÓRTER — Como planejar o aumento da capacidade de produção de aço no país? Acha acertada a construção de uma grande usina siderúrgica em São Paulo? As realizações em curso cobrirão as necessidades nacionais?

PLÍNIO — O planejamento do aumento da capacidade de produção de aço não poderá ser dissociado do planejamento geral do desenvolvimento econômico e, especificamente, do industrial. A produção de aço deverá ser dirigida no sentido da auto-suficiência do país para as



No seu gabinete de trabalho, Plínio Salgado sempre encontra tempo para leitura, no intervalo das atividades políticas. Imagens sacras e livros de caráter religioso encontram-se em grande número nas prateleiras.

necessidades internas e ainda exportar excedentes aproveitando-se as privilegiadas condições de que usufruimos neste particular. A complexidade desse planejamento exige o concurso de equipes especialistas e a enunciação de programa de tal envergadura escapa aos limites deste questionário.

Tendo em vista os princípios gerais enunciados no tópico referente à energia elétrica, e considerações de ordem técnica específicas da indústria do aço, opinaria pela escolha de outro local para qualquer novo empreendimento desta natureza, salvo se outras razões relevantes aconselhassem a localização de uma grande usina siderúrgica em São Paulo.

OUTRAS INDÚSTRIAS PESADAS

REPÓRTER — Acredita que as indústrias de aço e de petróleo já alcançaram desenvolvimento suficiente para justificar que se incentive a criação de poderosas indústrias químicas, automobilísticas e de equipamento elétrico?

PLÍNIO — Infelizmente ainda estamos longe de poder realizar em futuro próximo empreendimentos que possam ser qualificados de «poderosos» no ramo da indústria química, automobilística e de equipamento elétrico. Por algum tempo ainda nossa falta de capitais e de técnica nos manterão dependentes do concurso alienígena neste particular. Aliás, o que devemos desejar não é a expansão preferencial deste ou daquele setor industrial, mas o desenvolvimento harmônico e ordenado da economia em que sejam evitados desequilíbrios perturbadores.

ENGENHEIROS E PESSOAL TÉCNICO

REPÓRTER — Como solucionar a carência de engenheiros e pessoal técnico para enfrentar a expansão industrial do país?

PLÍNIO — A resposta a esta pergunta já foi também dada, em 1936, no Manifesto-Programa citado, onde já me batia pelo desenvolvimento do «ensino técnico superior, adaptando-o ao pla-

PLÍNIO SALGADO

Dona Carmela Potti Salgado, a esposa do candidato, está satisfeita com o andamento da campanha e confia na vitória do marido. Duas jovens familiares presentes, quando foi batida a chapa, garantem mais dois votos.

cangarão os objetivos deixando de existir os problemas focalizados no relatório e outros que não o foram.

COMÉRCIO EXTERIOR

REPÓRTER — Que pensa do reatamento das relações com a União Soviética e a China Continental?

PLÍNIO — Já me manifestei contrário ao reatamento das relações comerciais com a União Soviética e com os países da chamada cortina de ferro. E isto porque, segundo já expliquei, essas relações não se cingiriam ao terreno comercial das trocas e invadiriam inevitavelmente o terreno político das idéias. Preferiria intensificar o nosso intercâmbio com as nações do ocidente e principalmente das três Américas, onde é vasto o mercado para os nossos produtos, com recíproca verdadeira e objetivando, paralelamente, a formação de uma unidade continental, obra realmente para várias gerações, mas que se iniciaria com a projeção intelectual, econômica e sentimental do Brasil.

INFLAÇÃO

REPÓRTER — Que providências adotaria para sofrear o surto inflacionário?

PLÍNIO — O objetivo imediato de meu programa de governo, o mais urgente, é a reforma monetária. Nenhum plano de recuperação econômica ou de desenvolvimento poderá ter êxito sem contar com uma base monetária estável. Há décadas que a demagogia política e o empirismo vêm solapando a estrutura econômica do país e o valor interno e externo da moeda tem sido o alvo preferido da inconsciência perdulária dos governantes. O combate à inflação, é portanto, ponto capital de meu programa de governo. As medidas mais eficazes para restabelecimento do equilíbrio monetário são já bastante conhecidas, dispensando uma repetição desnecessária no âmbito deste questionário. A conjugação de medidas monetárias e providências de caráter econômico favorecendo a produção, conduzirão seguramente ao controle da inflação e ao restabelecimento da normalidade monetária.

POLÍTICA INTERNACIONAL

REPÓRTER — Qual seria, a seu ver, a política exterior que o Brasil deveria adotar no futuro?

PLÍNIO — Antes de tudo, criar um espírito novo, absolutamente novo, na diplomacia brasileira, reatando as tradições históricas e, ao mesmo tempo, elevando o nível cultural e técnico de todo o funcionalismo do Ministério do Exterior, criando um clima de entusiasmo e supervisão dos problemas de ordem externa, renovando a consciência e a mentalidade diplomática e empreendendo, assim, uma obra de grande envergadura, como jamais se imaginou no Brasil. Em seguida, reorganizar completamente o nosso Grupo Consular, em moldes superiores, justapondo à sua organização, distribuição e jurisdição do plano nacional de expansão econômica e à reorganização de nossa marinha mercante e aviação comercial, rotas e itinerários presentes e futuros, pelo qual fique invertido o critério atualmente em vigor da renda consular, que se traduz em maior importação, pelo que melhor possa atender ao aumento da exportação.

BANCOS E CRÉDITOS

REPÓRTER — Qual é, no seu modo de entender, a política de crédito que o Brasil precisa instituir, partindo-se da obrigação constitucional da fundação do Banco Central e da nacionalização dos bancos de depósito?

PLÍNIO — A política de crédito está intimamente ligada à política monetária. Antes considero o crédito bancário a mais delicada forma de moeda do mundo moderno. Em nosso país observamos uma integração crescente das formas primitivas da economia na moderna economia monetária e grande parte dos problemas que nos afligem decorrem dessa mudança. O Banco Central já se está fazendo sentir indispensável à boa coordenação dessa integração como órgão executor e fiscalizador da política monetária do Governo. (Cont. na pág. 10)

no de criação das novas fontes de riqueza nacional e fundando escolas técnicas de caráter não universitário, disseminadas por todo o território nacional».

PLANEJAMENTO, DIRIGISMO E LIVRE INICIATIVA

REPÓRTER — Compete ao Estado planejar e intervir diretamente na economia nacional, ou esta deve ficar entregue à livre iniciativa?

PLÍNIO — Reporto-me ainda uma vez ao Manifesto de 1936, para reafirmar o que aí se continha sobre o assunto da pergunta: «O Estado Brasileiro será o supervisor e o orientador da Economia Nacional, objetivando a melhor distribuição possível da propriedade, como garantia material do Instituto da Família e condição indispensável ao índice da produção. Baseado no princípio da solidariedade que deve existir entre as classes produtoras e nos deveres sociais inerentes à propriedade, o Estado organizará planos para determinados setores da Economia, tendo sempre em vista a garantia dos legítimos interesses dos produtores e a defesa da soberania nacional. Os problemas econômicos serão considerados em seu conjunto, harmonizando-se os interesses regionais com os nacionais». O objetivo último do Estado, em matéria econômica, é permitir, mediante a sua supervisão, coordenação e vigilância, que a livre iniciativa e as próprias classes produtoras, com responsabilidades definidas, propugnem pelos interesses nacionais.

AGRICULTURA

CAFÉ

REPÓRTER — Qual a política que prefere nesse setor?

PLÍNIO — A pergunta está formulada de maneira muito vaga para a importância que o café tem na economia brasileira. Não é possível dar uma resposta sem antes indagar, qual o aspecto que se deseja analisar. Considerando de forma objetiva a pergunta naquilo que me parece desejou ferir, respondo que o problema do café deve ser encarado sob dois aspectos fundamentais:

1º — Como principal produto de nossa economia agrícola;

2º — Como a mais importante fonte de divisas estrangeiras de nossa balança comercial.

No primeiro caso, o tratamento a ser dispensado ao café não difere do que devem merecer todos os produtos agrícolas. A política a seguir será a ditada pelo bom senso e a experiência que se resume em métodos racionais de produção, visando alcançar o ideal: abundância, qualidade, preços satisfatórios para o produtor e o consumidor, normalidade dos mercados e escoamento. Muito já se tem realizado no Brasil neste particular. Nossa produção cafeeira é, sem favor, do ponto de vista dos métodos da produção, a melhor do mundo não lhe empanando a grandeza, defeitos mais de condições ecológicas próprias a certas regiões e que se refletem na qualidade, do que de imperfeições culturais. O incentivo ao esforço de aprimoramento da

produção cafeeira em todos os seus estágios deverá merecer especial atenção e amparo.

No segundo aspecto, a política do café está intimamente vinculada a toda a estrutura econômica do país, porquanto é no café que reside o PODER DE COMPRA da nação brasileira no exterior.

O café é nossa moeda internacional e é fácil entender a importância que assume para o país a sorte de um produto que é simultaneamente a sua moeda. Não cabem nos limites deste questionário as considerações que essa constatação enseja. Em outra oportunidade abordarei a matéria analisando-a à luz dos mais recentes estudos feitos a respeito da reforma monetária que preconizo em meu programa de governo.

TRIGO

REPÓRTER — Devemos e podemos ser auto-suficientes?

PLÍNIO — Não hesito em afirmar que devemos ser auto-suficientes na produção de trigo. Somente as limitações impostas pela natureza nos impedirão de alcançar este objetivo. Trata-se de produto fundamental e de alto valor para a alimentação do povo e nenhuma razão se pode sobrepôr ao dever dos governantes de assegurar sua produção dentro das fronteiras do país.

Adotarei, se eleito, uma política de desenvolvimento da produção do trigo que poderá atender em um quinquênio nossas necessidades fundamentais.

MECANIZAÇÃO DA LAVOURA E ADUBOS

REPÓRTER — Que pensa a respeito?

PLÍNIO — A mecanização da agricultura é um imperativo dos modernos métodos de produção. A produção em massa, visando a redução dos custos é uma decorrência natural da mecanização e da adubação. Não desconheço o atraso lamentável em que se encontra o país neste setor e os difíceis problemas que será necessário resolver para modernizar a agricultura brasileira. Mas, não é somente em máquinas que estamos em atraso. Muito é preciso fazer pelo homem do campo, esse mesmo que deverá dirigir as máquinas e que tem recebido dos governos menos atenção do que os monstros mecânicos.

A reforma agrária que terá por objetivo principal a elevação do nível de vida das populações dos campos está intimamente ligada à mecanização, onde for praticável, à irrigação onde for necessário, à adubação sempre que aconselhável.

RELATÓRIO KLEIN E SACKS

REPÓRTER — Aconselha a sua adoção?

PLÍNIO — O relatório desses peritos americanos está cheio de observações interessantes e de críticas contundentes ao descaso dos governos pelos problemas da alimentação do povo. Foi trabalho encomendado para soluções de emergência e, desligado de uma política governamental atuante e eficaz no setor da produção de alimentos, não pode evitar a sorte de muitos outros relatórios. Entendo que as soluções de conjunto que preconizo em meu programa de governo no setor de alimentação, al-

A CRÔNICA SOCIAL PRESTA HOMENAGEM PÓSTUMA — O "VOGUE" ABRE UM CLARO NA NOITE CARIOCA.

● Quando, neste momento, pensei em escrever esta seção, o fato primeiro que me veio foi, evidentemente, o trágico fim do sr. e sra. Waldemar Schiller, do jornalista Raul Martins e do cantor Warren Hayes. Cheguei mesmo a bater umas primeiras linhas, em homenagem aos que desapareceram com a excelente casa do sr. Barão Stuckart. Escrevi sobre o sr. Waldemar Schiller que criou com o «Vogue» e sumiu com ele; na fatalidade do aniversário da sra. Glória Schiller que coincidiu com o seu falecimento e no jantar-surpresa que seus amigos estavam preparando, enfim, uma porção de fatos foram alinhados e revividos, mas, depois de pensar alguns momentos, achei que a homenagem seria maior e mais decisiva se em vez de traduzir apenas a minha opinião, eu servisse de veículo à opinião de alguns dos cronistas sociais que, de maneira completa e amiga, falaram sobre esse simpático casal. Vamos lhes dar a palavra, pedindo licença para transcrevê-los.

★ "Waldemar Schiller adorava o "Vogue". Vira a "boite" nascer e, sempre ao lado do mestre Stuckart, vira o "Vogue" tornar-se o ponto de referência de tradição, o ponto sensacional das noites cariocas. E, noite após noite, Waldemar estava sentado nos bancos do "Vogue", conversando com um ou com outro, sempre alegre, sempre gentil, sempre, cavalheiro. De tempos para cá Waldemar tinha uma companheira: Glorinha Neder. Os dois eram vistos freqüentemente na "boite", sempre rodeados de amigos. Até que casaram-se. A vida do jovem casal não mudou depois do casamento. Continuaram indo ao "Vogue", dançando como namorados, conversando com os bons amigos que tinham. Waldemar e Glorinha residiam num dos apartamentos do Hotel Vogue, no quinto andar. Na tarde de domingo o "Vogue" acabou. E acabou também aquele casal que tanto víamos na "boite". Acabaram da mesma maneira. Glorinha e Waldemar foram encontrados juntos, abraçados no 10º andar do Hotel Vogue. Lutaram pela vida de todas as maneiras. Mas as chamas foram impiedosas e o casal morreu no mesmo lugar onde gostava tanto de aproveitar a vida no "Vogue". ("Diário da Noite", de José Mauro).

★ "Senhor Sylvio Schiller.
Meu caro Sylvio.

Escrevo para a família mas dirijo-me a você porque entre todos os 12 irmãos, é o que me pareceu ter uma certa ascendência quase paternal sobre o nosso querido Waldemar. Não vou fazer literatura. Apenas quero manifestar minha enorme admiração pela maneira com que vocês todos assistiram à tragédia, e suportaram o acontecimento. Todos os homens austeros, correlamente vestidos, barbeados, com uma dignidade e uma discrição, que não conseguia ocultar o que roía vocês por dentro, mas mostrava que Waldemar era quem era, graças ao caráter e educação dos Schiller. Dou minha palavra que se vosso pai estivesse vivo, teria orgulho da sua família. A única coisa a que não me habituei, foi à idéia de que Waldemar e Glória não estarão mais. Eles não estarão mais no Vogue. Eles não estarão mais naquele mundo meio fantasia, e muito de informação que Waldemar criou, e a que Glória aderiu, por carinho, por amor e por sonho. Não conheço um inimigo de Waldemar e duvido que existisse algum. Não me lembro de vê-lo perdidamente triste nem um só dia, nem um momento. E você sabe tão bem quanto eu que ele tinha os seus problemas, como qualquer ser normal.

Puxa, que exemplo. Eu estou orgulhoso em poder dizer que fui amigo do Waldemar Schiller. Só que ainda não me acostumei à idéia de que ele e Glória não estarão mais. Não estarão mais hoje à noite jantando no "Vogue". ("Diário Carioca" Jacinto de Thormes).

★ "Um vazio ainda incalculável nos cerca nestas horas que passam. Vão nos perdoar os leitores se por hoje silenciarmos, se por hoje deixamos de lado as coisas alegres, os assuntos festivos que dão forma a esta coluna. Não mais veremos um casal feliz, um jornalista inteligente e um cantor simpático, todos jovens, ainda ontem cheios de vida. Depois, morreu uma tradição da cidade. Morreu o "Vogue" que não era uma "boite", mas uma casa com muitos e muitos amigos.

Fechou o Sacha's as suas portas enquanto ardia o seu rival. Curvou-se humanamente ante a surpresa que o destino que nos reservava para aquele fim de domingo. Consternação, dor, incredulidade. Morreram amigos, desapareceram costumes, hábitos, tra-

dições. Virou-se mais uma página da história deste Rio, onde a tristeza cala mais fundo porque vivemos entre sorrisos. Com o "Vogue" se foram muitas coisas, destas insubstituíveis que ali nasceram e ali morreram.

Justamente na sua última noite lá estivemos e na sua calçada — que era tão amiga e sedutora como qualquer de suas poltronas — conversamos com Fernando Ferreira, Oscar Ornstein, Ladislau de Abreu e Maurício Lanhos. Eles contavam história da velha Urca, com aquele saudosismo que vem da alma, do fundo do coração. Amanhã vamos falar do "Vogue" com a mesma ternura. Entre aquelas paredes, agora desfeitas em cinzas, nasceu uma história. Houve riso, houve choro. Amor e ódio. Houve vida." ("Correio da Manhã", Roberto Vasconcelos.)

★ "O trágico desaparecimento de Glória e Waldemar Schiller permanecerá por longo tempo na memória de todos aqueles que conheceram esse jovem casal, que se findou juntamente com um dos mais elegantes centros de diversões da cidade. Com o aparecimento do "Vogue", logo após o fechamento dos cassinos, surgiram inúmeras casas congêneres. Foi quando ficou provado que o Rio noturno poderia sobreviver sem o jôgo.

O "Vogue", com a "boite", a parte residencial, o restaurante e o Clube de Cinema, era centro de intensa vida social. Após a labuta diária, centenas de pessoas ali se encontravam, em grande cordialidade, para uns momentos de recreio. O "Vogue" não pertencia mais ao Barão Stuckart: o "Vogue" era um clube; o "Vogue" fazia parte da cidade. De certa maneira, o "Vogue" não pertencia apenas à alta sociedade e ao "Café Society"; pertencia também ao povo, pois era uma das salas de visita da cidade, onde as personalidades estrangeiras que aqui vinham podiam verificar que os nossos costumes e a nossa cozinha não ficavam a dever aos de qualquer centro elegante do mundo.

O "Vogue" era uma parte da minha vida. E se chorei ontem no cemitério junto aos túmulos dos meus amigos, também chorei quando as chamas devoravam o "Vogue", onde vivi os melhores momentos da minha existência. Senti os meus mais tristes momentos com o desaparecimento dos fraternais amigos Glória e Waldemar Schiller, do meu colega de imprensa Raul Martins, do cantor Warren Hayes e de um hóspede francês, cuja esposa e filha estão a caminho do Rio. Mas a vida é dura e imprevista. É o destino..." ("O Globo", Ibrahim Sued.)

Gostaria de registrar o pesar manifestado por outros colunistas, mas o espaço é pequeno e devo ser breve. Aqui fica o meu ADEUS.



Esta foto, tirada recentemente, fixa a sra. Glória Schiller entre as sras. Paulo Paranaguá, Murilo Gondim e sra. Sônia Gonçalves. (Foto Rio-Magazine).



Ainda na mesma ocasião com a «hostess», sra. Paulino Limpo de Abreu e sra. Walter Moreira Salles, a sra. Glória Schiller. (Foto Rio-Magazine)

Homens que trabalham

Se V. S. sofre de prisão de ventre e esqueceu-se de tomar **Ventre-Livre** ontem à noite, antes de dormir, não esqueça hoje.

Tome uma dose de **Ventre-Livre** hoje à noite, antes de ir para a cama, que amanhã passará o dia bem e trabalhará com prazer.

Os homens ativos, que trabalham com afinco, devem cuidar especialmente da saúde, pois precisam ter o estômago, os intestinos, o fígado, enfim todos os órgãos, e também os nervos, em bom estado, para conservar as suas energias.

A prisão de ventre intoxica o organismo, abate as forças e, por conseguinte, diminui a capacidade de trabalho.

Combata a prisão de ventre sem perda de tempo, usando **Ventre-Livre**.

Ventre-Livre tonifica as camadas musculares do estômago e intestinos e limpa os das substâncias infectadas e fermentações tóxicas, verdadeiros venenos, que perturbam as funções de todos os órgãos e causam tão grande mal aos nervos.

Tome **Ventre-Livre** hoje, à noite.

...

Lembre-se sempre:
Ventre-Livre não é purgante

...

Tenha sempre em casa
alguns vidros de **Ventre-Livre**

Academia de Acordeon MASCARENHAS

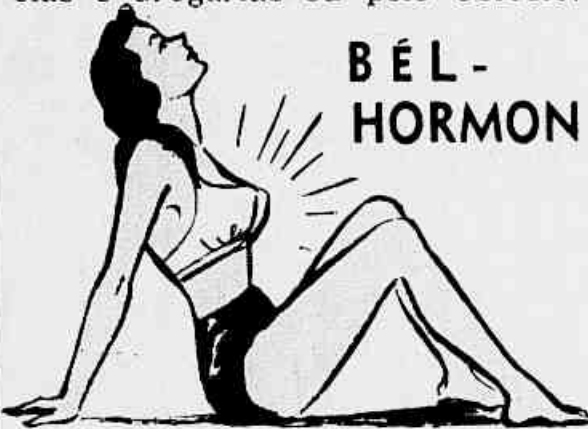
A mais ampla e moderna academia do Brasil. O mais completo sortimento de músicas para acordeão. Escreva pedindo a lista e encomende pelo Reembolso Postal. Vendas de acordeões Scandalli



RUA SENADOR DANTAS, N° 7-A, 12° ANDAR -- TELS.: 42-4615 e 42-5453
São Paulo -- Praça Júlio Mesquita, 83, sobreloja
Tel.: 37-5679

BÉL-HORMON A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use **BÉL-HORMON** n° 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use **BÉL-HORMON** n° 2. **BÉL-HORMON**, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembolso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" N°.....
NOME.....
RUA..... N°.....
CIDADE.....
ESTADO.....

Preço para todo o Brasil: Cr\$ 75,00

COMO APRENDER A DANÇAR

6ª EDIÇÃO AMPLIADA



Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Choro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início, sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Avenida da Liberdade n° 120 — São Paulo. Pedidos pelo reembolso postal: Cr\$ 55,00 — Caixa Postal 649 — São Paulo. A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

EM PORTUGAL: A venda na Livraria Clássica Editora Praça dos Restauradores n° 17 — Lisboa

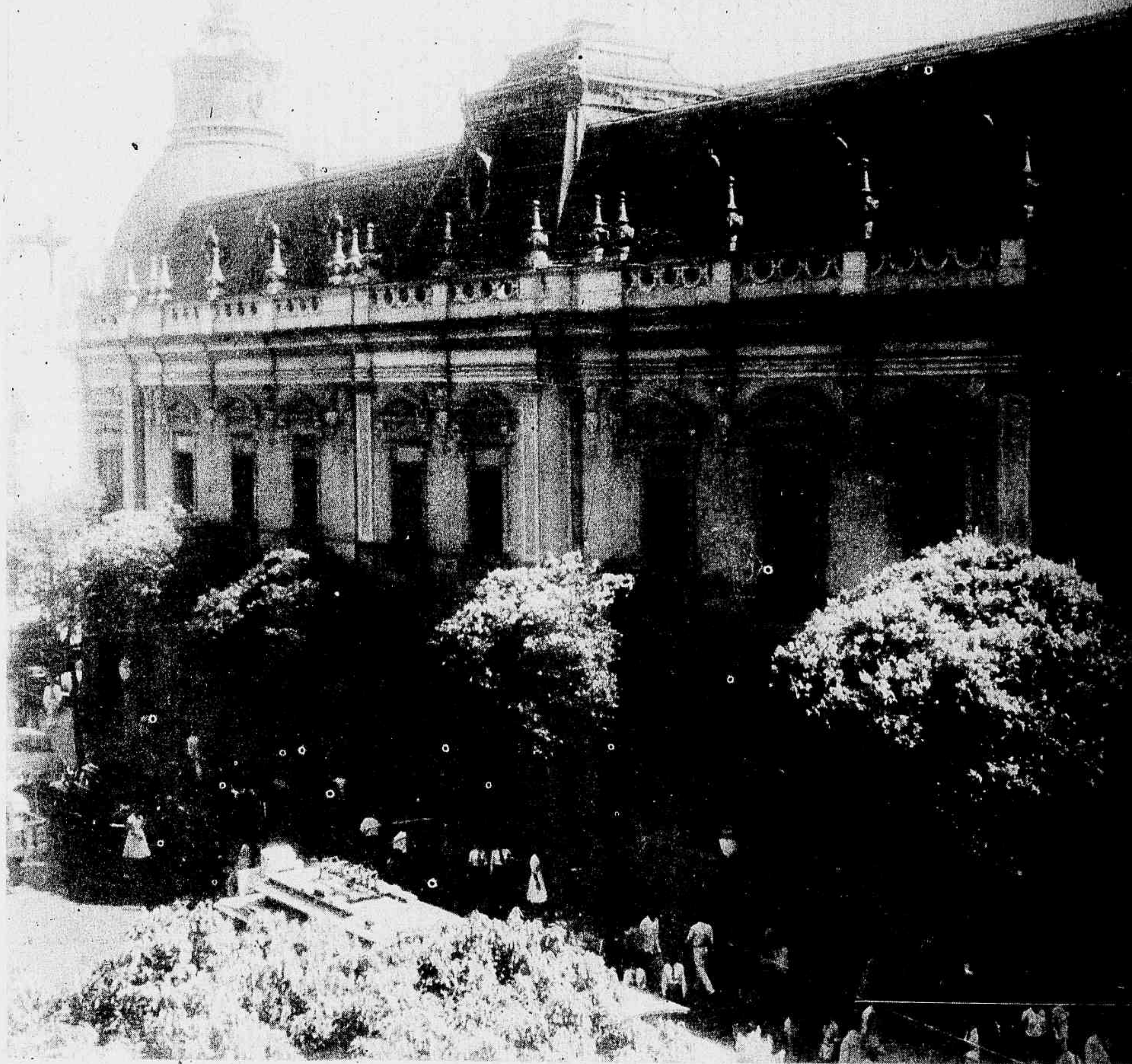
Plínio Salgado

A nacionalização dos bancos de depósito não deve ser entendida como sendo da transformação dos bancos de depósitos em organismos do Estado, mas apenas como a limitação das sociedades bancárias estrangeiras a operações que não impliquem no recebimento de depósitos do público. Assim entendida, a nacionalização é consequência natural da reforma monetária que preconizo.

ASSUNTOS DIVERSOS

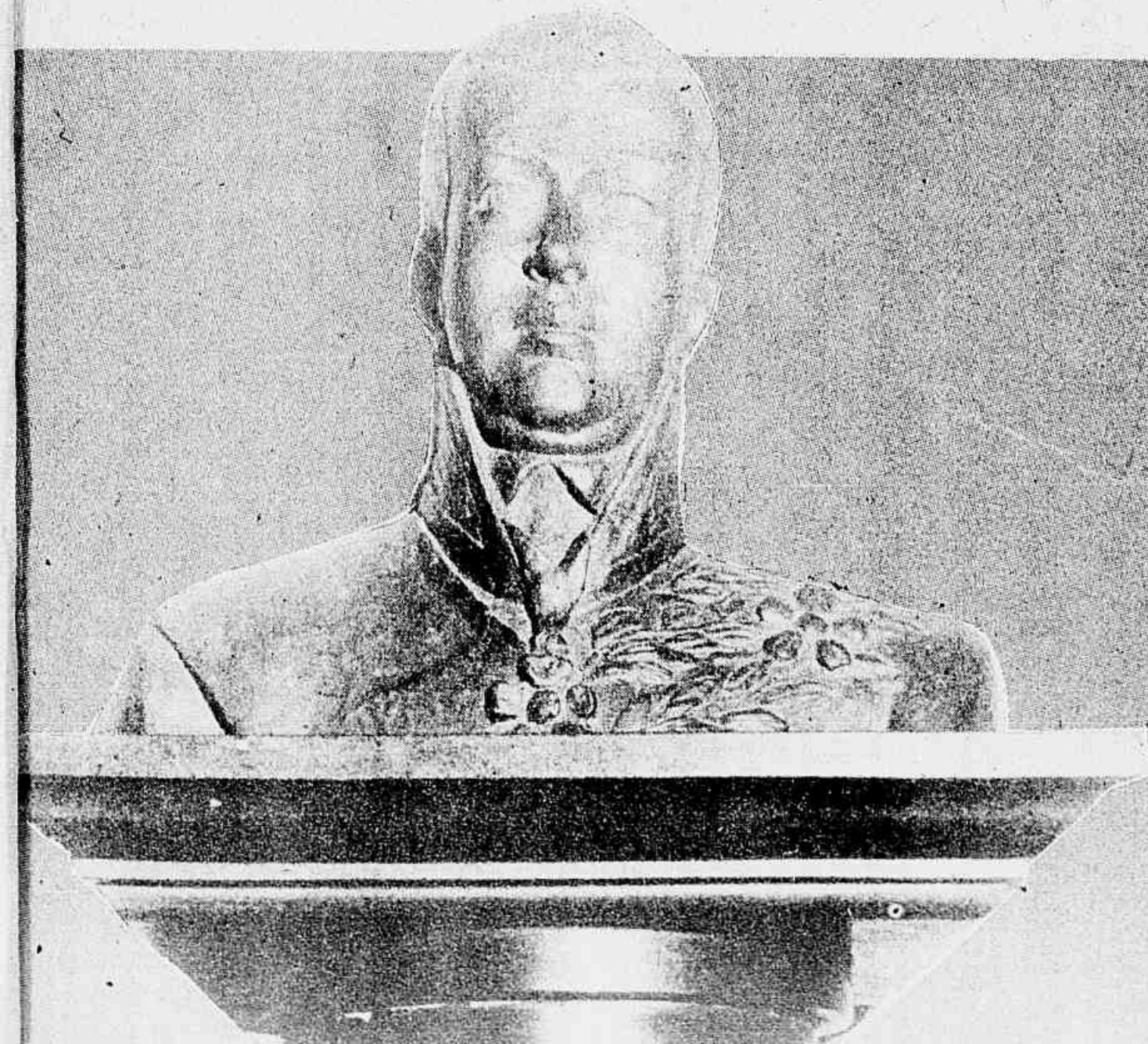
- Qual foi, na sua opinião, a maior figura de Estadista do Império?
- É difícil responder, pois em 67 anos surgiram grandes vultos, cada qual de acordo com o período em que viveram e agiram.
- Qual o maior Presidente que o Brasil teve na sua história republicana?
- O momento áureo dos governos da República foi o quadriênio de Rodrigues Alves.
- Acha realmente difícil a situação política, econômica e financeira do país?
- Acho difficilima, exigindo esforço e sacrifício de governantes e governados para restaurarmos a saúde da nossa pátria.
- A que atribui a situação a que chegamos?
- Ao artificialismo político em que temos vivido, sobretudo a partir da proclamação da República, com desprezo sistemático de nossas mais vivas realidades; à predominância do político sobre o econômico ou administrativo; à demagogia desenreada que tem dominado a nossa vida pública; à mentalidade imediatista que predomina nos nossos dias. Pode-se afirmar, sem remontar mais longe, que, de 1891 a 1930 o Brasil viveu ao influxo de um artificialismo jurídico e de 1930 aos dias de hoje, sob o impulso de um artificialismo social. Precisamos reencontrar-nos, auscultando as nossas realidades tangíveis e palpáveis, inspirando-nos nelas para reconstruir a Nação do futuro, a Pátria dos nossos filhos.
- Em sua opinião, qual deverá ser o total do eleitorado brasileiro, no próximo pleito de 3 de outubro?
- Acredito que o comparecimento às urnas será de dez milhões de eleitores.
- Que impressão tem da situação orçamentária propriamente dita do país, sua receita, sua despesa em relação aos princípios da técnica orçamentária?
- As rendas públicas estão mal distribuídas, prejudicando mesmo o funcionamento do sistema e criando situações de fato incompatíveis com os dispositivos constitucionais. Refiro-me à pobreza e à situação de dependência, dos nossos municípios e mesmo dos Estados, em face da União. Por outro lado, creio ser necessária a melhor distribuição das dotações aos diferentes Ministérios, tendo em vista os superiores interesses do país. Saliento ainda que em todos os orçamentos nacionais é extremamente elevado o índice de despesas de pessoal, sendo o funcionalismo usualmente mal pago. Ainda aqui impõe-se uma revisão de critério, com uma melhor padronização de vencimentos, redução de excessos e decréscimo de índice, pois a arrecadação, traduzida em impostos e taxas, deve voltar ao contribuinte sob a forma de obras e serviços e não consumir-se quase totalmente em pagamento de pessoal.
- Acha necessária uma orientação de poupança e de cortes?
- Evidentemente, porém não ao ponto de prejudicar o desenvolvimento normal do país. A economia de uma nação, como a de uma empresa ou a de um indivíduo, baseia-se na poupança e na dispensa do supérfluo, sem chegar, entretanto, à avaria e comportando moderados saques sobre o futuro, sempre que a finalidade for o aumento da riqueza, baseada em previsões seguras e planejadas, sem eiva de aventureirismo e de comprometimento das gerações futuras.
- Que pensa da mudança da Capital?
- É assunto já hoje superado. Todas as vantagens são no sentido dessa mudança e nenhum argumento sério se lhe pode opor. Prevista nas sucessivas constituições brasileiras, desde a de 1891, só há a lamentar que essa previsão jamais tivesse sido feita a prazo fixo, para que o problema já se encontrasse resolvido, com reais proveitos para o Brasil, sob todos os aspectos.
- Que impressão tem da previdência social do país?
- A impressão que todos têm, ou seja, a de que não está funcionando. Possui já vários estudos, no sentido de reajustá-la às suas verdadeiras finalidades, inclusive saldando o vultuoso débito governamental para com os Institutos e Caixas. O mais audacioso, porém, talvez o mais objetivo deles, dissocia o problema da previdência da assistência, deixando o primeiro a cargo da União, com a fusão de todos os órgãos em Instituto único, e atribuindo o segundo aos municípios, com apreciável revitalização financeira para os mesmos.
- Qual o melhor critério para a constituição de um Ministério?
- O da competência e o da homogeneidade, coisa que praticamente ainda não se fez, até hoje, pelos compromissos dos candidatos com governadores, com partidos políticos e com grupos financeiros. Os ministérios do Brasil são distribuídos como consequência das combinações políticas, sem a preocupação da competência e da articulação governamental, resultando desse fato os choques que se verificam no seio de um mesmo governo, como ocorreu recentemente entre o ministro da Fazenda e o presidente do Banco do Brasil e, ainda mais recentemente, entre o ministro da Fazenda e o do Trabalho.
- Quais são, pela ordem, os três maiores problemas de aspecto geral e de natureza material do nosso país?
- Não há maiores problemas, porque todos eles se entrelaçam em íntimas conexões e interdependências de forma a não permitir sua apreciação isolada. O problema é um só, sob variados aspectos e comportando múltiplos detalhes. Poderia, entretanto, resumi-los na palavra «organização», tendo em mira a organização política, a organização econômica e a organização social, sob base de inspiração moral e espiritual.
- Há problemas de ordem psicológica e moral de amplitude nacional? Quais?
- Sim. A nação está extremamente materializada, o povo sem esperanças, os espíritos precocemente envelhecidos e a ordem moral e espiritual seriamente ameaçadas. «É preciso insuflar a energia nos moços, arrancá-los da descrença, da apatia, do ceticismo, da tristeza em que vivem; ensinar-lhes a lição da coragem, incutindo-lhes a certeza do valor que cada um tem dentro de si, como filho do Brasil e da América Latina. Movimentar as massas populares numa grande afirmação de rejuvenescimento. Sacudir as fibras da pátria». Erguê-la de sua depressão, de seu desalento, da sua amargura, para que ela caminhe, dando começo a uma nova era, que se caracterize pelo «primado do espiritual sobre o moral, do moral sobre o social, do social sobre o nacional e do nacional sobre o individual».

**NO CAMPO
EDUCACIONAL
BRASILEIRO**



Busto de Bernardo de Vasconcelos (em baixo), ministro da Justiça e interino do Império em 1837, que, juntamente com Araújo Lima, fundou o Colégio Pedro Segundo.

O PEDRO II É O PRIMEIRO



1837, MARCO INICIAL DO ATUAL COLÉGIO

★ ARAÚJO LIMA, SEU FUNDADOR ★ PRE-

SENÇA DE D. PEDRO, ENTÃO COM DOZE

ANOS, A INAUGURAÇÃO ★ O PRIMEIRO

LIVRO DE MATRÍCULAS ★ PRIMEIRO

REITOR ★ PROFESSORES E O PRIMEIRO

ALUNO MATRICULADO ★ OUTRAS NOTAS

Reportagem de HYNENNY GOMES FERREIRA

COLÉGIO PEDRO II

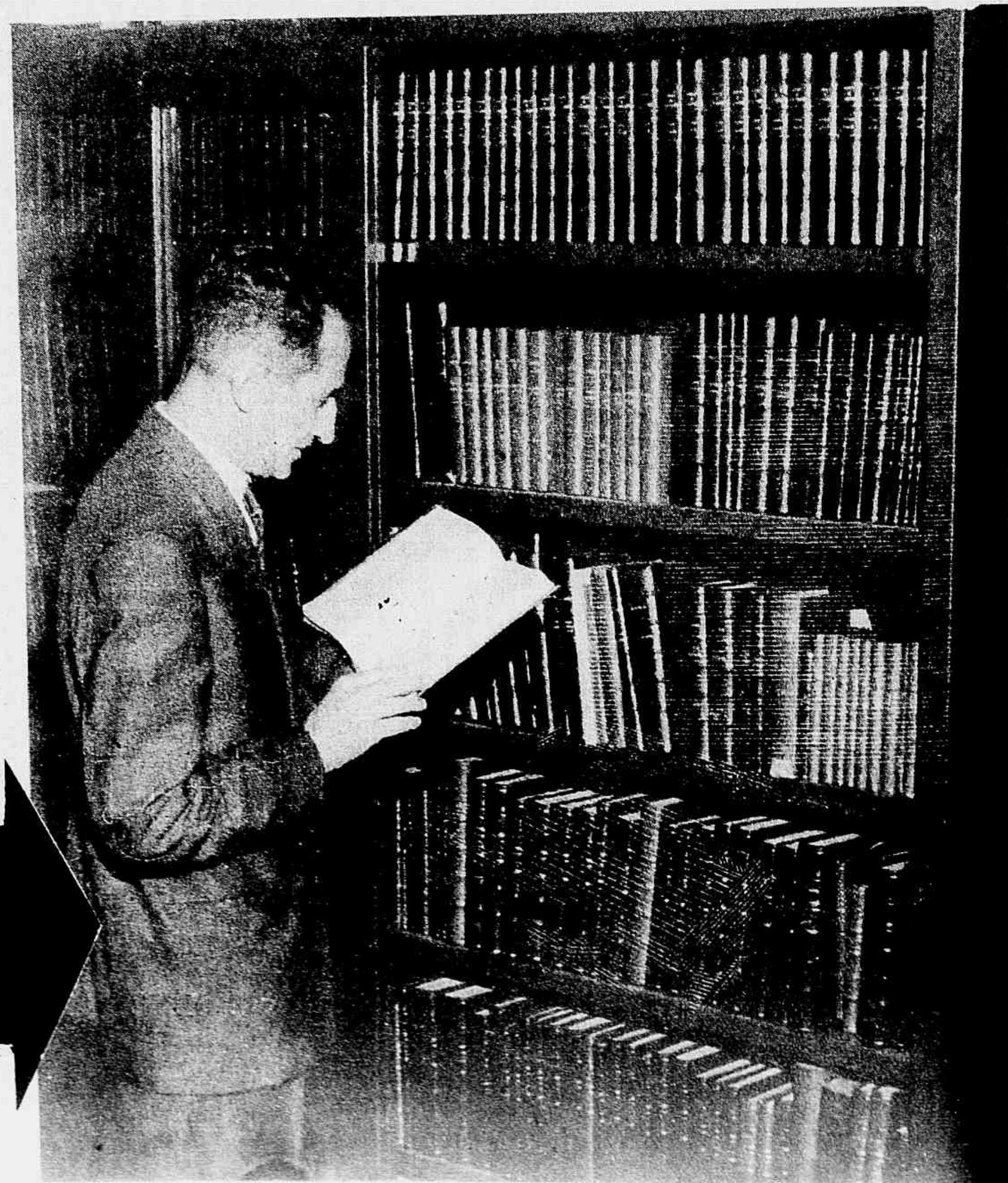
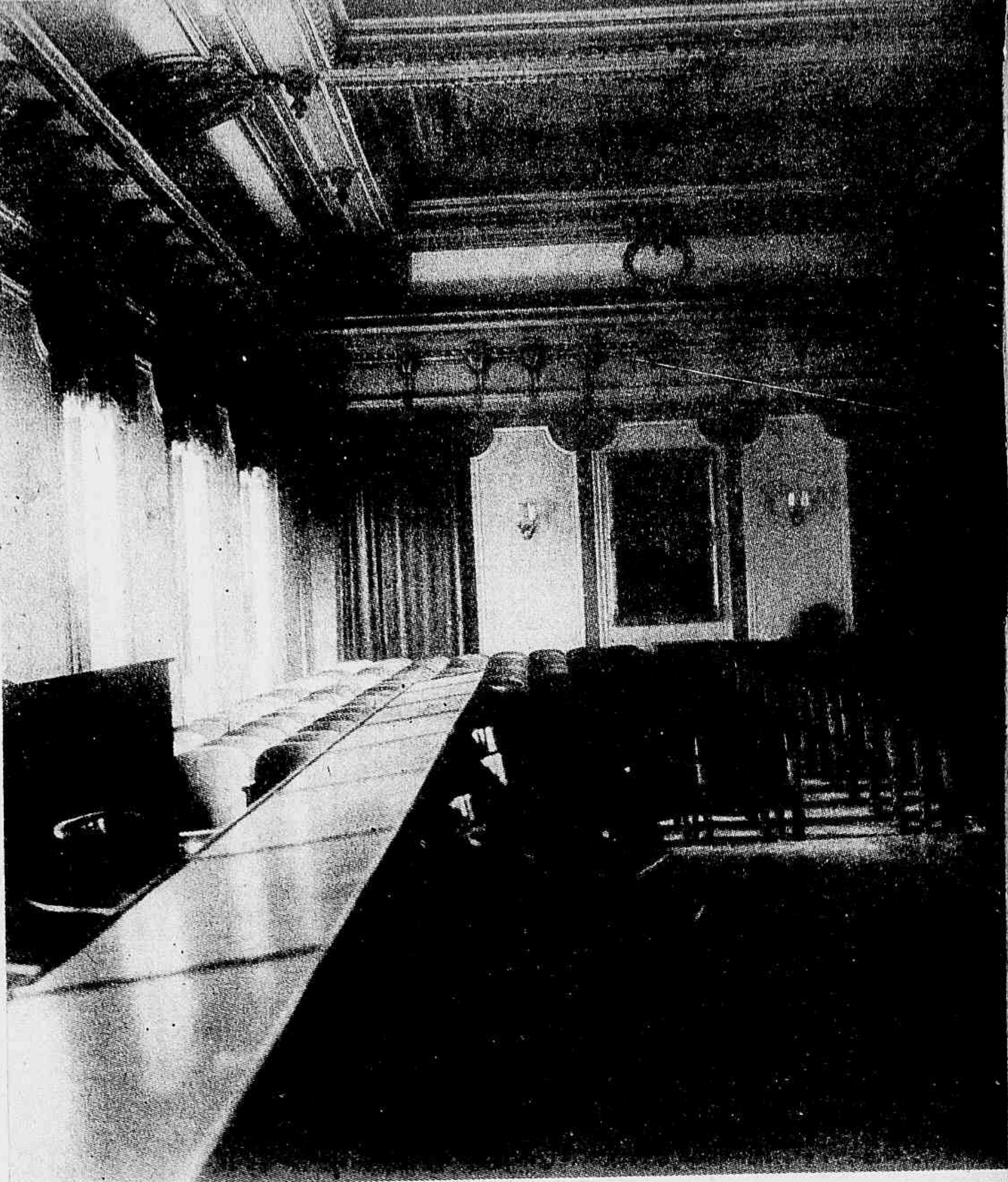
ESTAMOS em 1837. Politicamente falando, de excepcional importância para o Brasil foi esse ano. Pela renúncia do regente Feijó entrou a exercer, constitucional e interinamente, a regência do Império o senador Pedro de Araújo Lima. No dia imediato da renúncia de Feijó, chamava Araújo Lima ao governo novo ministério, o de 19 de setembro de 1837. Compunham-no Rodrigues Tórres, Calmon, Maciel Monteiro e Bernardo de Vasconcelos, este ministro da Justiça e interino do Império, pasta acabada de deixar por Araújo Lima. Dava este a Bernardo o que recebera de Feijó. Regente e ministro, Araújo Lima e Bernardo, ambos por coincidência interinos, voltaram suas vistas para o Seminário de São Joaquim, então em decadência, razão por que deliberaram encampá-lo. Assim, chamaram-no ao Estado, absorveram-lhe o patrimônio de origem colonial, transformaram o seminário em estabelecimento modelo de letras secundárias. Não quiseram, contudo, regente e ministro, escolher para data da fundação do colégio, dia insignificativo. Elegeram um natalício, o do menino mais de vista no Império: D. Pedro II. Completava ele doze anos a 2 de dezembro de 1837.

● **PRIMEIRA SOLENIDADE** — Mas vejamos como transcorreu para D. Pedro II a data da fundação do colégio que traz o seu nome. Narra Escragnoille Dória, fonte de informação desta reportagem, como se verificou o acontecimento. Di-lo ofício inédito do encarregado de negócios da França no Rio de Janeiro, dirigido a 3 de dezembro de 1837 — no calor, portanto, do grande natalício da véspera — ao ministério dos Estrangeiros de sua nação, na época regida por Luiz Felipe, rei dos franceses, mas não de todos, porque alguns tentavam assassiná-lo.

As quatro e meia da tarde de 2 de dezembro de 1837, dia da fundação do colégio, chegava o jovem imperador de doze anos ao paço da cidade. Sem anúncio prévio havia sido modificado o itinerário do cortejo imperial de São Cristóvão para o largo do Paço. Em vez de tomar, como de hábito, pela rua do Ouvidor, passou o cortejo pelas ruas de São Pedro e Direita (hoje, Av. Presidente Vargas e Rua 1º de Março, respectivamente). Não faltou quem quisesse ver na mudança do itinerário, aliás explicável de modo muito simples, espécie de tendência para favorecer e lisonjear o amor próprio dos portugueses domiciliados no quarteirão distinguido. Para reforço de suposição, vieram à baila nomeações recentes recaindo em alguns lusitanos. O decreto de fundação do estabelecimento era conciso: abrangia treze artigos. Copioso, porém, seria o decreto de 31 de janeiro de 1838 aprovando estatutos colegiais, discriminando em 232 as regras atinentes à formação e desenvolvimento da Casa. Apenas expedido o decreto de criação do Colégio, ocupou-se Bernardo de Vasconcelos em conceder-lhe instalação material. Procurou melhorar a do antigo Seminário de São Joaquim, dando a muitas das velhas dependências, espaço, ar e luz. E a 25 de março de 1838 inaugurava D. Pedro II o Colégio que traz o seu nome.

● **OS PRIMEIROS MESTRES** — O decreto de criação do Colégio chamava reitor à autoridade

Professores e alunos têm à disposição uma excelente biblioteca. Obras de valor inestimável são encontradas ali, e a qualquer momento podem ser compulsadas pelos interessados. O Salão Nobre, palco das memoráveis tertúlias da Congregação do Colégio.



maior do estabelecimento. Coube a frei Antônio de Arrabida, que antes fôra preceptor de D. Pedro, a primeira reitoria do Colégio. Os primeiros professores, nomeados a 29 de abril de 1838 pelo ministro Bernardo de Vasconcelos, foram: Joaquim Caetano da Silva, Retórica, Gramática Portuguesa e Grego; Justiniano José da Rocha, Geografia, História Antiga e Romana; Emílio Joaquim da Silva Maia, Ciências Naturais; Domingos José Gonçalves de Magalhães, Desenho e Januário da Silva Arvellos, Música.

Por outro lado, o primeiro aluno matriculado no Colégio foi Pedro de Alcântara Lisboa, filho do Conselheiro Antônio Lisboa, a 27 de abril de 1838 — único no dia — com 16 anos de idade, na qualidade de interno. Tinha sido aprovado para a quinta classe, mas, por falta de companheiros matriculou-se na sexta. Passou para externo no primeiro de agosto do mesmo ano. Em dezembro foi aprovado unanimemente para a sétima classe e obteve o primeiro prêmio em Geografia, o segundo em Latim, Aritmética, História e Grego, e menção honrosa em Francês e Desenho.

● **UM LIVRO CURIOSO** — No começo de longa existência, certo não lhe faltariam livros de matrículas, o primeiro digno de especial menção. Conserva-se no arquivo do Colégio o curioso livro, sólidamente encadernado em couro, com 354 páginas de excelente papel, tinta de primeira ordem. Representando tradição venerável, o primeiro livro de matrícula do Pedro Segundo também retrata época aos olhos do observador arguto e de comércio com a História. Escriturado o livro minudentemente, dele se lê na primeira fôlha:

«Livro Primeiro de Matricula Geral dos Alumnos deste Imperial Collegio de Pedro Segundo, no qual se nota para os Internos o dia em que entrarão para o Collegio, e, para os Externos aquelle em que principiarão a cursar as aulas.»

Mais abaixo:

«Vão marcados com uma estrelinha os Alumnos que sahirão do Collegio sem ultimarem os seus estudos e com duas os Bachareis.»

● **OS PRIMEIROS BACHARÉIS** — Agora estamos em 1843. Findos os exames, o Colégio preparou-se para a solenidade habitual da distribuição de prêmios, desta vez realçada com a primeira colação de grau de bacharel em letras. Na véspera do ato foi expedido decreto a êle relativo. Segundo êsse decreto, o bacharel em letras prestaria juramento sobre os Santos Evangelhos, ligados à Igreja e Estado, nem sempre em paz, o espiritual incomodado pelo temporal e vice-versa. Devia o bacharel, por juramento, respeitar e defender constantemente instituições pátrias, concorrendo, quanto possível, para a prosperidade do Império, satisfazendo com lealdade as obrigações a êle incumbidas. Após o juramento, o ministro do Império ou o comissário do governo imporia ao bacharel barrete branco franjado, proferindo solenemente estas palavras: «Dou-vos o grau de bacharel em letras, que espero honreis sempre tanto como o haveis sabido merecer». Em ato solene ou não recebia diploma o novo bacharel, diploma em pergaminho, subscrito pelo ministro do Império, pelo reitor e pelo vice-reitor. Na segunda-feira, 21 de dezembro de 1843, na presença do Imperador, colou grau a 1ª turma de bacharéis, assim constituída: Agostinho Marques Perdigão Malheiro, Antônio Manoel Loureiro, Carlos Arthur Busch Varella, Francisco de Sales Rosa, Joaquim Fernandes da Silva, José Carlos de Almeida Arêas, José Alexandrino Dias de Moura e Paulino de Souza Brito.

● **SEPARAÇÃO** — Foi 1857 ano típico para o Colégio até então conjuntamente internato, semi-internato e externato. Por inspiração do marquês de Olinda, pela segunda vez presidente do Conselho de Ministros, foi baixado o decreto de 24 de outubro, cujo regulamento seccionou a fundação de 1837 em dois estabelecimentos distintos — Externato e Internato do Imperial Colégio de Pedro Segundo. Distinto ficar o novo Internato do antigo Externato, instalado, aquêle por aluguel, em casarão no Engenho Velho, na chamada chácara Matta, nome do proprietário, o dr. Nascimento Matta. Ir da cidade ao Largo da Segunda-Feira, com o qual fazia esquina a chácara do Internato, coisa penosa era em 1858. Não dispunha o Rio de Janeiro de fáceis meios de transportes públicos. em 1858, localizado o internato do Pedro Segundo na chácara da Matta, ao bairro do Engenho Velho, cabiam seis viagens de bonde até o

Este é o primeiro livro de matrículas do colégio. Sólidamente encadernado em couro, com 354 páginas de excelente papel, representa uma tradição venerável daquela Casa de ensino.

Largo da Segunda-Feira. Daí regressavam os veículos à praça da Constituição, hoje Tiradentes, ponto inicial das viagens até 1859, transferido depois para o largo de S. Francisco.

● **TROTE AO JEJUM...** — No princípio do ano o despertar dos calouros era desagradável. Judiavam com êles os veteranos, os do 2º ano sobretudo, sequiosos de vingança nas recordações de vexames de pouco antes. Transformavam calças e mangas das jaquetas dos calouros em verdadeiras roscas, obrigando o primeiro anista, com os dentes, a desatar os nós da roupa. As seis da manhã os alunos entravam na capela. Sobre o altar, diz Vieira Fazenda, havia velho livro de orações, impresso em Lisboa, no qual se pedia pela saúde do Rei, do Vigário e do povo da paróquia. Caso o estudante menos prevenido não substituísse tais palavras pelas do Imperador, Reitor e Colégio, era alvo de risota. Acontecia tal quando o aluno, à mingua de prática ou por descuido, lia automaticamente.



Uma das maiores preciosidades — entre as muitas — do Pedro Segundo são os livros que pertenceram ao Imperador, por êle doados à Biblioteca do Colégio. Os livros tem as suas capas ornamentadas (em ouro) com os braços do Império e são, na sua quase totalidade, escritos em latim.



A EX-PRIMEIRA DAMA DO PAÍS, por suas qualidades de espírito e de coração, jamais, com efeito, se apeiou daquele alto posto. Acima da política e dos rancores que dividem atualmente a nação brasileira, sua figura doce e profundamente humana vela extremosamente pelos desamparados.

UMA GRANDE MULHER

**DONA DARCY SARMANHO VARGAS, EXEMPLO DE VIRTUDES — A
LEGIÃO BRASILEIRA DE ASSISTÊNCIA, A CASA DO PEQUENO JORNA-
LEIRO, E, AGORA, O RESTAURANTE DO PEQUENO TRABALHADOR,
SUAS MAIORES CRIAÇÕES — TÔDA UMA VIDA DEDICADA AO
BEM DA COLETIVIDADE — LIÇÃO DE SOLIDARIEDADE HUMANA.**

ADALGISA NERY

CONCEBEU a vida e suas vicissitudes não como o efeito imediato de forças movidas ao sabor dos acontecimentos presentes mas como uma sucessão lógica e inteligente de impulsos dos quais selecionou aqueles que, conjugados no tempo e no espaço, a levassem a produzir o bem à coletividade e formar na sua personalidade um padrão exemplar de virtudes e compreensões.

Há destinos de alegrias e destinos de dores. Há vidas sem reflexos que se apagam nas memórias e há vidas de ressonâncias e coloridos indeléveis.

E' D. Darcy Vargas, um ser humano fixado nesta escala rara. A sua concepção de sofrimento silencioso, constituiu para ela uma valiosa ajuda moral. Foi um sistema de encorajamento nas horas dolorosas e um conceito construtivo nos momentos de desespero. As suas qualidades humanas a levaram ao entendimento exato da aplicação da existência no trabalho-dever, trabalho-missão e trabalho-função de vida. Mulher admirável que soube colher das suas dores e sofrimentos o sentido missionário de servir aos necessitados numa íntima e integral união de alma, utilizando as suas penas e angústias para um belo movimento de consólio aos humildes, protegendo-os com carinho e ternura.

Num silêncio edificante e nobre, soube D. Darcy atravessar os largos e mortais desesperos da sua alma apunhalada pelos fatos impiedosos, com a altivez e a dignidade que só o valor moral oferece aos privilegiados, como resistência.

Figura admirável de mulher que todos respeitamos pela conduta impecável que sempre manteve frente à tódas as injunções da vida, fôssem períodos alegres ou tristes, usando invariavelmente da prudência, da sobriedade e da sua fascinante simplicidade de hábitos, de gestos e de palavras.

Mãe extremosa, sofreu intensamente todos os sofrimentos dos seus filhos acumulando no seu coração as múltiplas inquietações e sustos, sob um contróle extraordinário orientada pelo sentido de pacificar os espíritos aflitos pelas acusações tenebrosas e calúnias cruéis que atiravam sobre os seus filhos. Mãe amantíssima nunca dividiu com ninguém as suas mágoas nem distribuiu condenações e rancores nem atirou vinganças nem revoltas. Muito ao contrário. As suas palavras se necessário se faziam, eram sempre de absolvição e reajustamento. Espôsa exemplar, dedicada, sempre encantada pelo homem a quem ligara o seu destino aos 14 anos de idade, nunca deixou de manifestar seu grande júbilo e conforto, quando uma iniciativa tomada pelo marido, beneficiava não aos seus amigos particulares mas à coletividade, assegurando o direito dos humildes e levantando as esperanças caídas nos ânimos dos necessitados.

Amiga leal, compreensiva, dedicada e prestativa, sua presença se fazia tanto nas dificuldades como nas alegrias das quais participava com a sua simpatia e o calor da sua alma.

Solidária com as criaturas em sofrimento. D. Darcy jamais deixou que os seus sentimentos e a floração da sua sensibilidade ganhasse o hábito de ouvir sem participar na miséria de todos que a procuravam como um lenitivo e um refúgio. Nunca a vi indiferente a uma mãe que a procurasse, a uma criança enferma, a um velho cansado e abandonado, nem a um jovem deprimido ou atingido por uma deficiência física. O trabalho constituiu para ela uma fonte de vida, o motivo direto de cooperação, o exemplo mais eficiente de auxílio ao próximo. Sempre trabalhou. Tanto nos anos da sua vida privada, quanto na época da sua vida oficial.

D. Darcy idealizou e realizou a Casa do Pequeno Jornaleiro, instituição particular que vive até hoje apresentando os melhores resultados. Levou a termo o restaurante do Pequeno Trabalhador, lutando com as maiores dificuldades financeiras, derrubando todos os obstáculos até vê-lo funcionando num serviço de 3 a 4 mil refeições diárias a preços abaixo dos

gastos. Nesta obra, ganhou D. Darcy uma longa enfermidade produzida pelo trabalho extenuante de pintar ela mesma, sòzinha, centenas de mesas, cerca de duas mil cadeiras, dezenas de armários. Adquiri-los já prontos, era impossível pela falta de verba e, para resolver o problema decidiu-se a executar uma tarefa própria de homens calejados. Atirou-se nesse empreendimento com decisão e, após muitos dias, viu coroado de êxito o que poucos acreditavam pudesse ser feito por ela. Nunca o trabalho assustou D. Darcy em qualquer modalidade com o qual ela se apresentasse. Tinha alegria em servir indistintamente desde que a sua ajuda levasse aos humildes um pouco de consólo e bem estar.

À sua passagem pela Legião Brasileira de Assistência diz elogiosamente de D. Darcy pela eficiência que gozou durante o período da sua gestão como presidente. A vida dessa criatura admirável foi sempre gasta entre o trabalho construtivo e a distribuição de carinho, ternuras e compreensões a todos que a ela recorriam.

Durante os dramáticos acontecimentos de agosto passado, nunca ouvi de D. Darcy uma palavra de revolta ou uma condenação àqueles que nas suas paixões desenfreadas estraçalhavam o seu coração de mãe amantíssima, de esposa impecável e de amiga incondicional. Com serenidade e o contróle adquirido pelos sofrimentos causticantes, D. Darcy foi um exemplo de comportamento não permitindo que um gesto ou uma palavra quebrassem a sua altivez.

Passado o imponderável, retomou silenciosamente o seu trabalho junto ao Pequeno Jornaleiro e ao restaurante do Pequeno Trabalhador visando sempre não perturbar o tempo dedicado à assistência dos seus filhos e dos seus netos.

Desprendida de tudo, de tôdas as situações e até mesmo da sua saúde, D. Darcy fêz da sua vida uma forma nobre de viver dando-se com os mais altos sentimentos, a todos os trabalhos e tarefas que dela clamaram e ainda clamam a sua ajuda. Jamais deixou-se levar pelos elogios fáceis e corriqueiros, nunca falou em público nem deu entrevistas. Não por menosprezar que as pedia mas, pela sua natureza refratária à publicidade. Atravessou os acontecimentos, incólume e distante de tôdas as intrigas e acusações e seria inadmissível que o desrespeito a atingisse desde que sabemos todos da sua vida dedicada ao bem do próximo e a grandeza de sua bondade intrínseca.

Agora mesmo, num desejo natural, esta revista procurou ouvi-la mas não obteve o seu consentimento pelo simples fato que D. Darcy continua na sua disposição de permanecer em silêncio e recolhimento. Deseja permanecer na posição antiga e decorrente da sua natural reserva.

Entretanto eu que a conheço, que a acompanhei nas suas exaustivas viagens durante a seca do nordeste, que vi o seu tormento e aflição diante de tanto horror, que vi esta mulher exemplar sofrer pelos que sofriam, que vi esta criatura construir com sacrifício e abnegação o restaurante do Pequeno Trabalhador, que presenciei a sua alegria pelo aparecimento da Casa do Pequeno Jornaleiro, que assisti a sua exaustão à frente da Legião Brasileira de Assistência, que fui companheira de sua angústia nos dramáticos acontecimentos de agosto passado e aprendi com ela a maneira de comportamento diante de um agudo sofrimento, que recolhi dos seus olhos tôdas as tristezas e prantos mudos que pode um olhar conter, não posso deixar de recomendar como exemplo, a sua esplêndida personalidade delineada na mais límpida bondade e compreensão dos erros humanos. D. Darcy é uma fonte que as vicissitudes da vida não podem extinguir nem diminuir. Alma generosa e atenta a todos os apelos, D. Darcy é bem o padrão da dignidade e da solidariedade humana. É uma lição de trabalho e abnegações. Merece todo o nosso respeito e a nossa ternura agradecida pelo bem que espalhou e continua a distribuir no seu silêncio e na sua simplicidade.



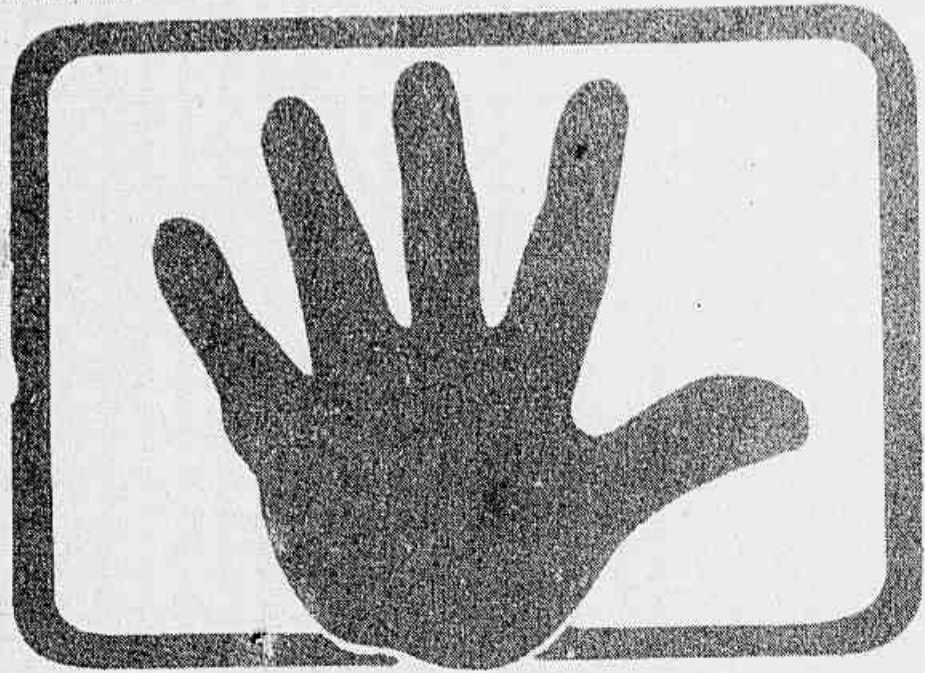
POR OCASIÃO DE UMA de suas visitas à Paraíba, eis D. Darcy Vargas, tendo à sua esquerda o Governador José Américo, e à direita a articulista, observando num asilo para crianças o trabalho desinteressado de alguns abnegados. D. Darcy é infatigável.



AS CRIANÇAS, MORMENTE aquelas que nada têm de seu (sòmente a graça infantil, que essa, é igual em tôdas elas), encontram em D. Darcy Vargas a amiga e confidente de tôdas as horas e a protetora nos momentos difíceis de suas existências.



COM O SAUDOSO PRESIDENTE VARGAS, aqui aparece, em duas velhas fotografias, aquela que foi sua companheira por tanto tempo. Na da esquerda, por ocasião de uma festa realizada no Retiro dos Artistas, em Jacarepaguá; na outra, durante uma solenidade religiosa, na Praia do Russel em 1944, a mesma expressão calma e doce.



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

OTONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS
E DEMAIS AFECÇÕES
DO COURO CABELUDO

EU SEI TUDO

De SETEMBRO

O FANTASMA QUE ESCREVIA LIVROS

COMO SERÁ O MUN- DO NO ANO 2000?

PORQUE AS MULHERES FALAM TANTO?

A VENDA • PREÇO CR\$ 7,00

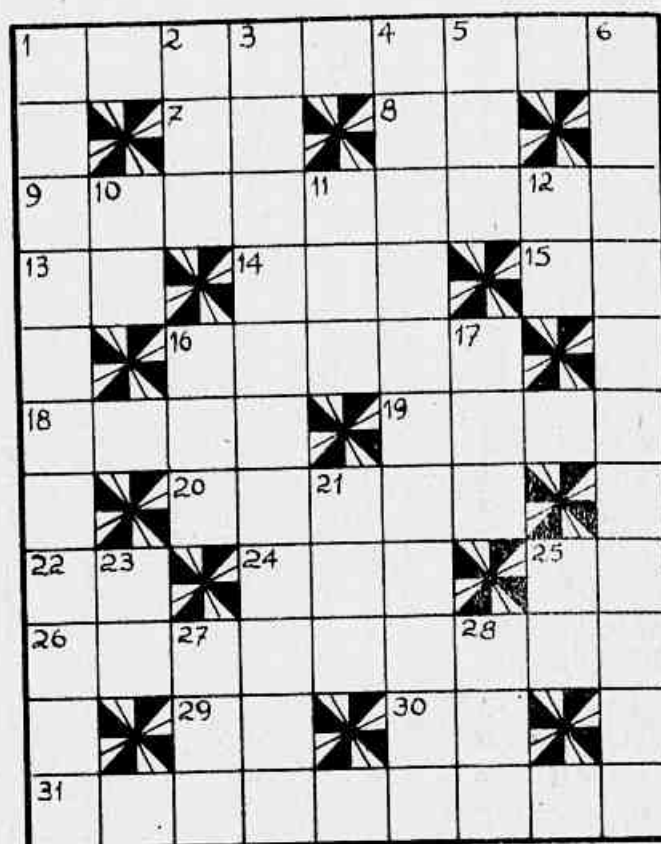
Palavras Cruzadas

PROBLEMA N° 82

● PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: 1. Vivacidade — 7. Interjeição que exprime resposta ao apêlo do nome — 8. Papagaio da Amazônia — 9. Cantar tristemente — 13. Idioma africano — 14. Nome de homem — 15. Coda do navio — 16. Palhota — 18. Vocação — 19. Rio do Estado do Paraná — 20. Ave da família dos Psitacídeos — 22. Onde — 24. Temporada — 25. Prefixo que indica passagem para um estado — 26. Parecido com o tenor — 29. Santíssimo — 30. Nome da 31ª letra do alfabeto russo — 31. Governaria a rabiça do arado.

VERTICAIS: 1. Regozijo — 2. Certa porção — 3. Da cidade de Guimarães (Portugal) — 4. Faria ninho — 5. Chega inesperadamente — 6. Que impacienta — 10. Adeus — 11. Prefixo que significa montanha — 12. Divindade greco-romana — 16. Dona de lupanar — 17. Periquito — 21. Cincho — 23. Antiga nota musical — 25. Prefixo que denota aproximação — 27. Cabo de Madagascar — 28. Rio da Suíça.



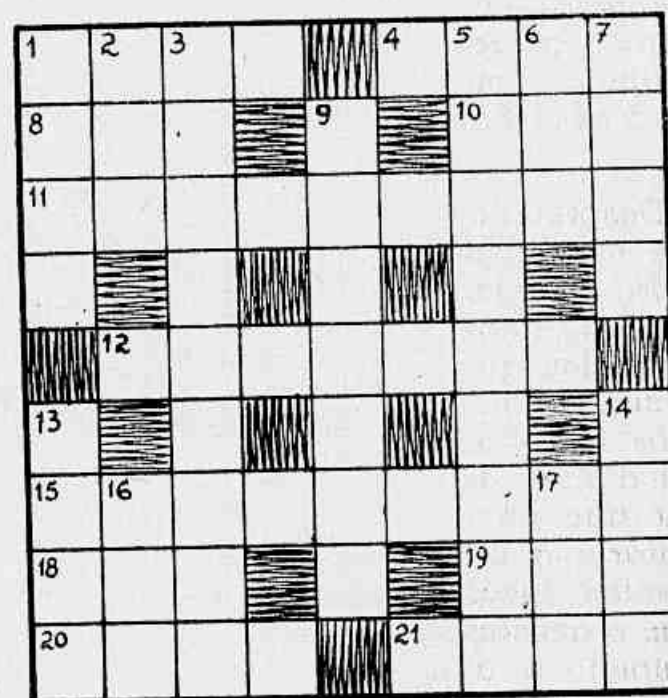
Ofanex - Rio



● PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: 1. Pedaco de louça quebrada — 4. Querer bem — 8. Pedra do altar — 10. Camareira — 11. Natural de Pelotas — 12. O mesmo que anabasa — 15. O encarregado de um farol — 18. Cólera — 19. Feminino plural da terminação ão — 20. Vento brando — 21. Qualquer parte do esqueleto dos vertebrados.

VERTICAIS: 1. Peça do vestuário, sem mangas; manto — 2. Unidade das medidas agrárias — 3. Lustrar passando pela calandra — 5. O mesmo que manuseação (pl.) — 6. Gemidos — 7. Vassourar o forno depois de aquecido — 9. Antigo tambor; o mesmo que atabal — 13. Amola — 14. Costuro — 16. Sapo das regiões do Amazonas — 17. Chefe etíope.



Ofanex - Rio



SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS N° 81

● PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: atar — roli — bonificar — atroo — As — aam — Ba — os — má — banquem — ri — Sb — da — mel — Aa — bazar — dramático — oura — eril.

VERTICAIS: abra — to — Ana — rita — Riom — ôco — la — Iria — franqueza — sopra — bamba — sai — mês — dedo — mama — late — ator — bar — rir — ru — Ci.

● PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: ora — mal — irada — ar — imo — cá — or — ba — diárias — ao — rã — ir — lar — Sé — remam — aca — ura.

VERTICAIS: ôca — ai — má — Lua — ri — amariam — dó — rodar — casas — rio — bar — ita — lê — rã — era — Ra — mu.

ENTREVISTAS NA TV

● Os programas apresentados por meio de entrevistas, são os mais interessantes para o telespectador que, dêse modo, entra em contacto com pessoas de destaque de todos os setores e, através das perguntas feitas pelo interlocutor, em poucos minutos conhece vários aspectos da vida do entrevistado ou a sua opinião sobre um ou outro assunto de interesse no momento.

O tempo de duração dos programas na TV, naturalmente devido ao seu alto custo para o patrocinador, é muito curto. As entrevistas, na maioria das vezes, devem ser feitas no máximo em 15 minutos, e, dêse tempo, devem ser descontados ainda alguns minutos gastos com a propaganda do patrocinador. É preciso, pois, que o animador do programa tenha muita habilidade para aproveitar ao máximo o tempo, conduzindo as perguntas de maneira a que o entrevistado responda e conte o que há de mais interessante sobre o assunto que é tratado no momento. Para alcançar esse objetivo é necessário, antes da apresentação ante às câmaras, organizar um roteiro que orien-

tará a maneira como deverá ser conduzida a entrevista e evitar o mais possível que a conversa daí se afaste.

Infelizmente a maioria dos animadores não consegue alcançar esta finalidade e, entrevistas com pessoas que teriam muito o que dizer, terminam repentinamente porque o tempo se esgota, deixando o convidado e o interlocutor em constrangimento, enquanto os espectadores sentem-se prejudicados, pois, quando a conversa atinge o seu ponto mais interessante, tem que ser encerrada.

Lídia Matos, nos programas em que faz entrevistas, ainda é quem melhor aproveita o tempo, conseguindo do entrevistado todas as declarações que deseja. Essa é uma das qualidades da estrêla, além da sua simpatia e simplicidade, que colocam o convidado completamente à vontade. Temos certeza de que as pessoas entrevistadas por Lídia, deixam os estúdios da TV-Tupi satisfeitas, sem lamentar o tempo que gastaram indo até lá. Infelizmente o mesmo não acontece com os convidados de outros programas...



A transferência de Madeleine Rosay, da TV-Tupi para a TV-Rio não impediu que o telespectador (ou televideo?) continuasse a apreciá-la em seus programas. Os programas é que mudaram de estilo: agora, Madeleine está mais no seu elemento, dançando. É uma das melhores aquisições da nova estação.

NOVIDADES DA SEMANA

● CAFÉ SOCIETY EM 4ª DIMENSÃO. — Depois de grandemente anunciado, estreou finalmente, na TV-Tupi, «Café Society em 4ª Dimensão» que, infelizmente, não correspondeu à expectativa.

Teófilo de Vasconcelos mostrou grande desembaraço e espírito como animador, mas, na primeira apresentação do programa, estendeu-se por demais em referências elogiosas aos seus convidados que naquela noite eram, entre outros, Joel Silveira e Ana Amélia Carneiro de Mendonça, que dêse

modo pouco tempo tiveram para expressar as suas opiniões sobre o tão discutido problema dos cronistas sociais. Com mais breve apresentação, o programa agradará, pois o assunto de que trata é dos mais palpitantes no momento.

● AS QUARTAS-FEIRAS, A TV-TUPI apresenta agora «Segunda Pergunta», programa feito através de perguntas dirigidas aos candidatos que aos seus estúdios comparecem e a quem oferece prêmios cada vez maiores, à medida que

as perguntas vão se tornando mais difíceis. Mais uma boa apresentação da TV-Tupi, que dá aos candidatos oportunidade de abiscotarem grandes prêmios e diverte aos telespectadores.

● AINDA NA TV-TUPI, a apresentação de «Tragédias de Bólso», programa feito através de mímica, sendo a história contada por um ótimo narrador, agradou plenamente. Na estréia destacou-se Hamilton Ferreira, que tem uma boa máscara para a mímica. Sem dizer uma palavra, conseguiu transmitir aos telespectadores todas as torturas por que passou o personagem da «tragédia».

★

GRAU 10:

Para «Encontro entre amigos», apresentado por Lídia Matos e que levou ante às câmaras da TV-Tupi, a esplêndida Orquestra Sinfônica Universitária da Casa do Estudante. Em alguns números, infelizmente poucos, devido ao constante inimigo do telespectador: o curto tempo de duração dos programas, os rapazes e moças exibiram-se maravilhosamente.

Para a apresentação da Orquestra da Polícia Militar, na TV-Rio. Esta corporação, tão estimada pelos cariocas, apresentou-se a eles de uma maneira inteiramente nova, no que o diretor de Relações Públicas da Polícia Militar, apresentou aos tevendo como sendo a sua parte recreativa.

A orquestra exibiu-se em vários números populares e dois cantores, um de músicas americanas e outro de sambas, agradaram muito aos que assistiram ao programa do auditório da TV-Rio. Para o público, esta foi mais uma agradável oportunidade de entrar em contacto com os rapazes da Polícia Militar.

A TÔRRE MAIS ALTA DO PAÍS E A ÁREA DE COBERTURA DA TV-RIO

Informam-nos da TV-Rio que a sua torre, implantada no alto da Serra da Carioca, a 780m de altitude, contando ela própria com 120m de altura, encontra-se realmente a 900m de altitude, sendo portanto a torre-antena mais alta do país, mesmo incluindo-se as estações de S. Paulo. As antenas das TVs paulistas são instaladas em edificações de 70 a 80m de altura e a capital bandeirante está situada a 700m acima do nível do mar. Portanto, a torre-antena mais alta do país, é a que pode cobrir maior área. Dada a altura da torre-antena, situada mais alto do que as cidades de Petrópolis, Teresópolis, Friburgo, lá também a receptividade da TV-Rio deverá ser plenamente satisfatória.



TÔNIA CARRERO e PAULO AUTRAN

Companheiros no palco, eles continuam juntos na televisão e o seu teatro das segundas-feiras, no canal 6, é dos que se assistem com boa disposição de espírito. Verdade que nem sempre os «scripts» estão à altura dos intérpretes; eles, porém, sabem valorizá-los e tirar efeitos cômicos inesperados com a sua experiência. Parece que vão sair do TBC para um elenco em organização por Adolfo Celi, mas não haverá mudança de canal. As peripécias daquele casal metido a gente bem, focalizando assuntos mundanos de atualidade, essas, continuarão através da TV-Tupi.



A inscrição em letras de pedra, simetricamente, nos jardins da Ilha, é vista de longe, quando ainda o repórter mal distingue a fisionomia daqueles que foram esperar o desembarque do pessoal da lancha.

É ALI QUE O IMIGRANTE APRENDE A QUERER BEM AO BRASIL. FATOS PITORESCOS DA HOSPEDARIA QUE JÁ FOI PRISÃO, LEPROSÁRIO E LOCAL DE QUARENTENA

Texto e fotos de SÉRGIO SILVEIRA

A lancha do Serviço de Imigração corta as águas da Guanabara levando, em direção à Ilha das Flores, uma dezena e meia de homens, sonhando de olhos abertos. Entre eles, o repórter procura adivinhar o que lhes vai na alma. É o único brasileiro a bordo. O silêncio impera e não fossem os ruídos da água vindo ao encontro do casco, e os do motor, mais parecia estar a embarcação voando por sobre as nuvens. Meus companheiros de viagem são todos holandeses, da Indonésia,

exceto os tripulantes. Os destinos políticos de seu país quiseram que, ao chegar ao Brasil, determinassem certa confusão quanto à sua real nacionalidade: indonésios ou holandeses?

O certo é que, nascendo na Indonésia, quando essa se libertou das hostes da Holanda, continuaram fiéis ao antigo regime.

Olhos rasgados, cabelos finos a esvoçar ao sabor dos ventos, de pé, olhar fixo na silhueta da ilha que despontava no horizonte, aquela dezena e meia de indivíduos, todos alfabetiza-

dos, técnicos e especialistas, longe da pátria e saudosos, não demonstravam nem calma nem nervosismo. Apreensão.

O mestre da lancha aporta ao cais de madeira rangedoura e já bem desgastada pelos efeitos da maré alta. Um policial, de «casquete» à cintura mas de cara alegre, conduz-nos à presença das autoridades. Separo-me, então, do grupo, depois de apresentado ao ex-administrador da Hospedaria, ainda em exercício de suas funções, sr. Waldemar Nepomuceno. É um



Bem mongólica é a fisionomia dessas três crianças. A primeira, a partir da esquerda para a direita, viveu de perto os horrores da guerra. As outras duas são produtos da era hidrogênica e felizes de estar em terra estranha.



Mãe e filho posam, talvez pela primeira vez no Brasil, para o nosso fotógrafo. O papai, que não aparece na fotografia, aproveitou o dia e veio ao Rio tratar dos papéis, da carteira e de outras coisas.

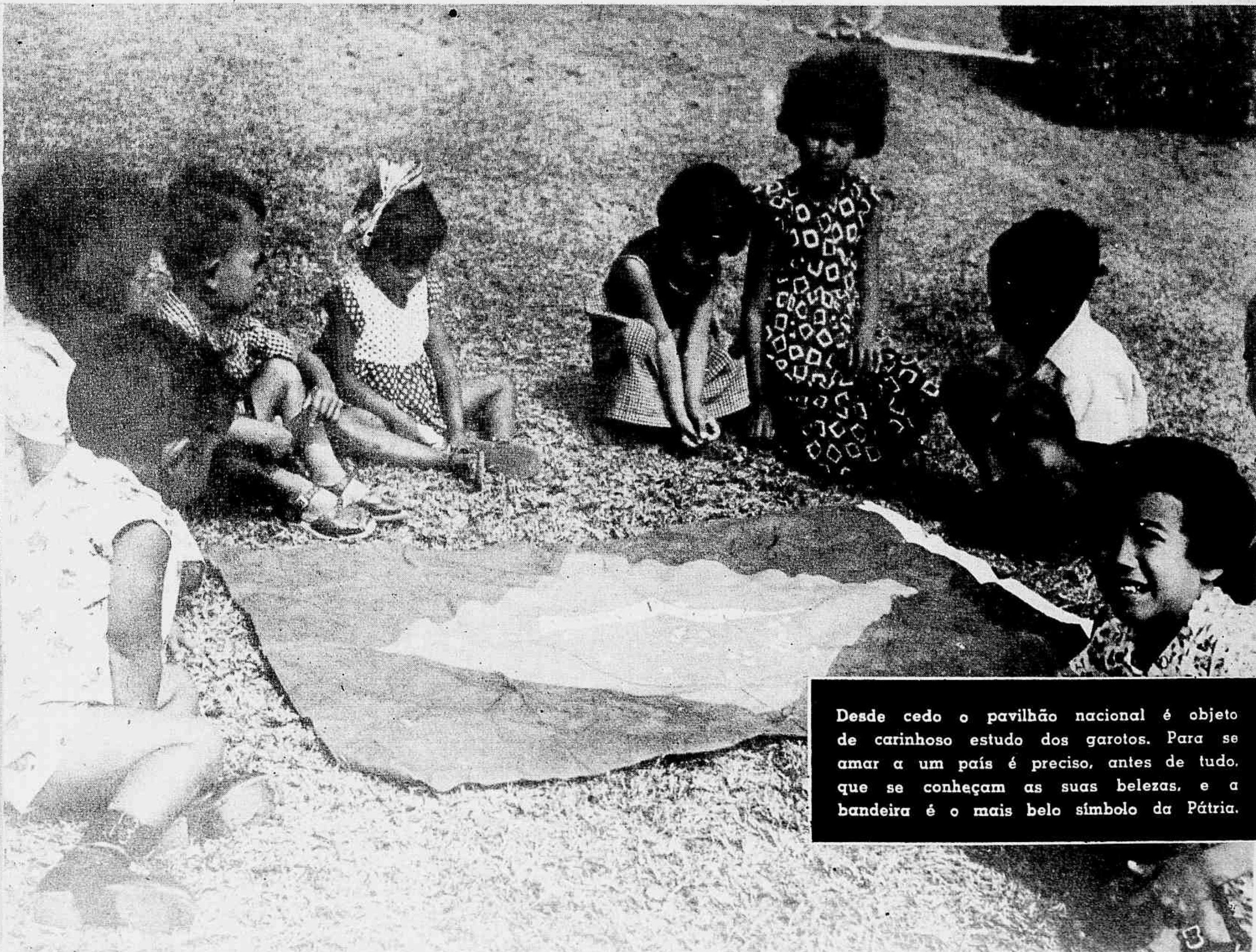
homem camarada, o bastante para cativar simpatia à primeira vista, amizade e confiança, requisitos indispensáveis à maior ambientação do imigrante, sempre desconfiado, sem conhecer nada nem ninguém. Cearense bem humorado, o ex-administrador leva-nos a sentar num banco próximo ao ancoradouro.

Início assim, esta reportagem sobre a vida, fatos e coisas pitorescas na Hospedaria da Ilha das Flores.

UM POUCO DE HISTÓRIA

Fundada em 1883, a Hospedaria tem a função de abrigar, por tempo necessário, o imigrante

que chega ao Brasil à procura de terras e trabalho. Qualificado como imigrante dirigido (o que não vem por carta de chamada, mas resultado de concordatas e tratados), é ele dirigido à Ilha das Flores para que aí, em contato, pela primeira vez, com as coisas e gente do Brasil, possa, no mais curto tempo, ambien-



Desde cedo o pavilhão nacional é objeto de carinhoso estudo dos garotos. Para se amar a um país é preciso, antes de tudo, que se conheçam as suas belezas, e a bandeira é o mais belo símbolo da Pátria.

Ilha das Flores — paraíso dos imigrantes



O «play-ground» é o lugar favorito da criançada. É ali que eles passam a maior parte do dia, enquanto os pais respondem aos questionários do Serviço de Assistência Social ou vêm ao Rio tratar de papéis necessários para sua permanência no país.



tar-se dos nossos hábitos e costumes. Orientado pelos funcionários do Instituto Nacional de Imigração e Colonização, obterá então, os papéis necessários para sua permanência em definitivo no país.

A Hospedaria, com capacidade para três mil inquilinos, está aparelhada dentro dos mais modernos moldes. Diariamente, ali se encontram de quinhentos a mil hóspedes, que, além de aposentos, recebem assistência médica, social e alimentação, esta, aliás, comprovada pelo repórter, sadia e saborosa, sendo o serviço de cozinha supervisionado pelo SAPS.

POR VINTE CRUZEIROS O BRASIL GANHA UM TÉCNICO

Dias antes dessa visita à Ilha das Flores, quando de nossa ida ao INIC para conseguir a devida autorização de seus dirigentes, fomos informados pelo sr. José Venceslau Amaral, chefe da Divisão de Hospedagem e Encaminhamento, que, para vir da Europa ao Brasil, desde seu país de origem até o nosso, de acordo com os tratados assinados entre o Brasil e o CIME, custa, cada imigrante, num cálculo geral, a média de Cr\$ 20,00 ao nosso governo. O CIME é o órgão máximo que trata dos assuntos migratórios do povo europeu.

É interessante notar, que, vindo por tal preço o imigrante, mal desembarca na Praça Mauá ou nos demais portos do nosso território, depois de entregue aos funcionários do INIC, passa, automaticamente, a ter suas despesas pagas, integralmente, por esse Instituto, gastando em média, de acordo com cálculos realizados por aquele departamento, Cr\$ 500,00 diários.

IMIGRANTES COM SALÁRIOS DE SENADORES

Outro fato digno de registro, e que deve ser ressaltado para exemplo de quanto o Brasil necessita de gente especializada, é o da importação de técnicos que vêm ganhando vultosos ordenados, como os requisitados para as Usinas de aço de Belo Horizonte, Manesmann. Estão sendo procurados na Europa, para virem como imigrantes, técnicos em torneamento do metal, para fornos de 12 metros, com o salário de Cr\$ 45.000,00.

Na falta de um perito, o cabelo é cortado pelo papai. O cuidado está em não machucar a menina e caprichar bastante no talho da tranjinha. «Papai» é técnico em engenharia hidráulica e vai para S. Paulo.



A ASSISTENTE SOCIAL: MÃE E CONFIDENTE

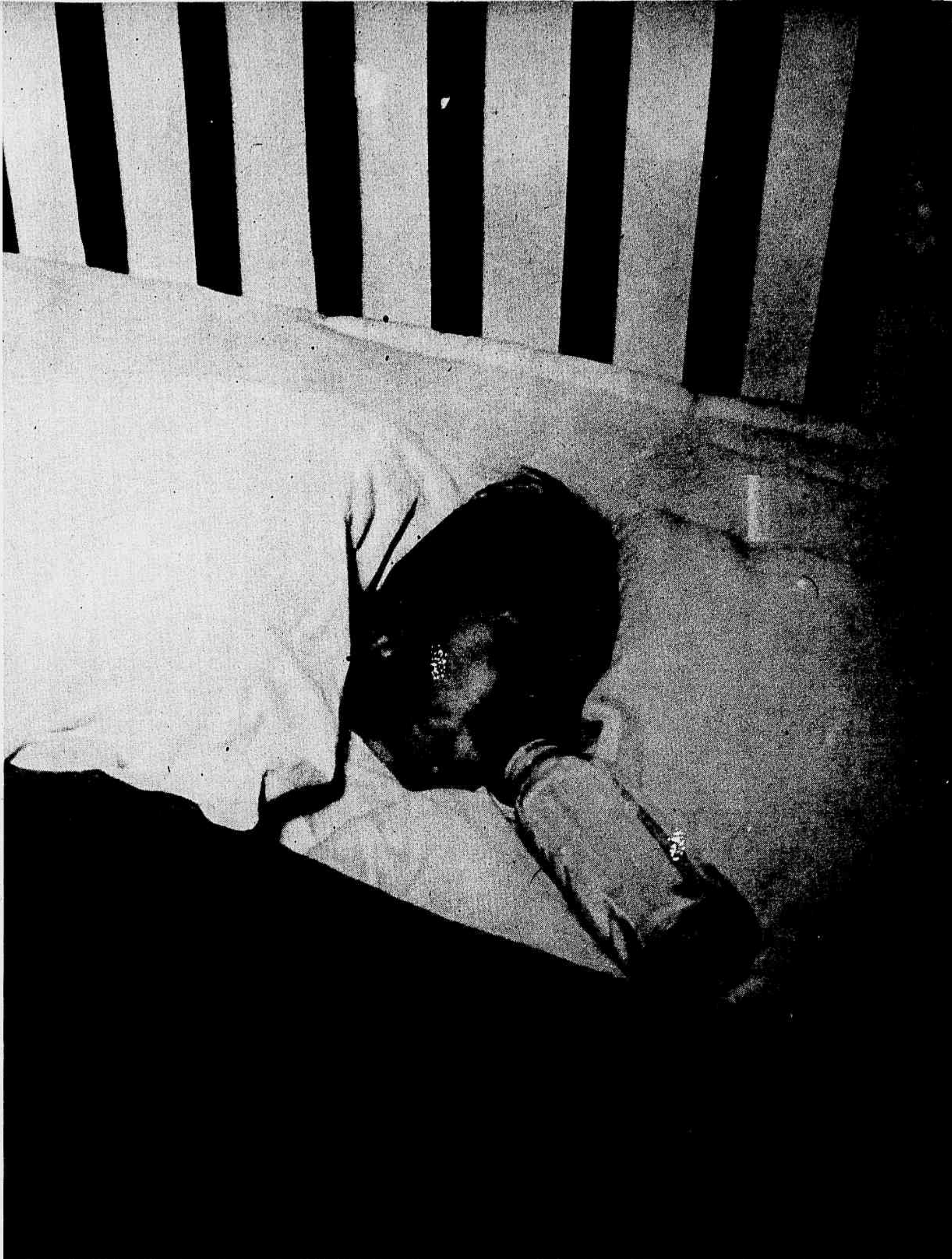
Cabe ao Serviço de Assistência Social, na pessoa de d. Inayá e suas duas companheiras, Luíza e Vera, o maior trabalho para que o imigrante fique à vontade, como em sua própria terra. Baseando-se no ditado: «a primeira impressão é a que mais perdura» — essas três heroínas da Ilha das Flores, desdobram-se em atenções com aqueles que estão longe dos seus, tudo fazendo a fim de proporcionar-lhes uma recepção festiva e sempre amigável. Todos os problemas são resolvidos no pavilhão de Assistência Social. No convívio de d. Inayá, os imigrantes aprendem a querer bem, se não a todo o Brasil, pelo menos ao pedaço de terra que lhes fôr determinado. São conhecidas como «As Três Mosqueteiras», pois, sempre unidas, lutam para que os dissabores sejam esquecidos. Além de promover festas periódicas e características de nossas datas, as assistentes sociais da Ilha das Flores ensinam e orientam os imigrantes e suas famílias. E não esquecemos de anotar as cartas escritas em português para os novos amigos, os passeios que dissipam tristezas, o «emprestar» de selos que nunca são pagos, senão com agradecimentos, as aulas infantis, a organização de «shows», os conselhos sentimentais, etc. E o imigrante sai da Ilha das Flores enamorado do Brasil...

A VOLTA E A ILHA DO CARVALHO

Quando a nossa reportagem terminou, no pôr do sol daquela tarde alegre, passada entre gente amigável e hospitaleira, felizes os brasileiros em cumprir o seu papel; e os estrangeiros em serem amados pelos seus novos patrícios, o ancoradouro tósco de madeira rangedoura se encheu para o nosso bota-fora. Eram aqueles mesmo holandeses, malaios, imigrantes, agora não em número de quinze, mas com suas famílias, que depois do jantar, em passeio pelos gramados da Ilha, vinham para a nossa despedida, felizes, cheios de esperança. Só então pudemos adivinhar o que lhes ia em alma: BRASIL, TERRA DA PROMISSÃO.

Na ilha ao lado, a do Carvalho, os infelizes delinquentes do SAM brincavam de mocinho e bandido... de verdade!

O sono inocente não é perturbado por seus pais. Até a hora da mamadeira é respeitada sem que o neném seja acordado. É o homem forte de amanhã que hoje se encontra no seu berço.



A fé, seja qual fôr o credo, raça ou país, é sempre a mesma. E a capela da Hospedaria vive cheia de pequenos cristãos, orientados por seus responsáveis ou pelas irmãs de caridade.

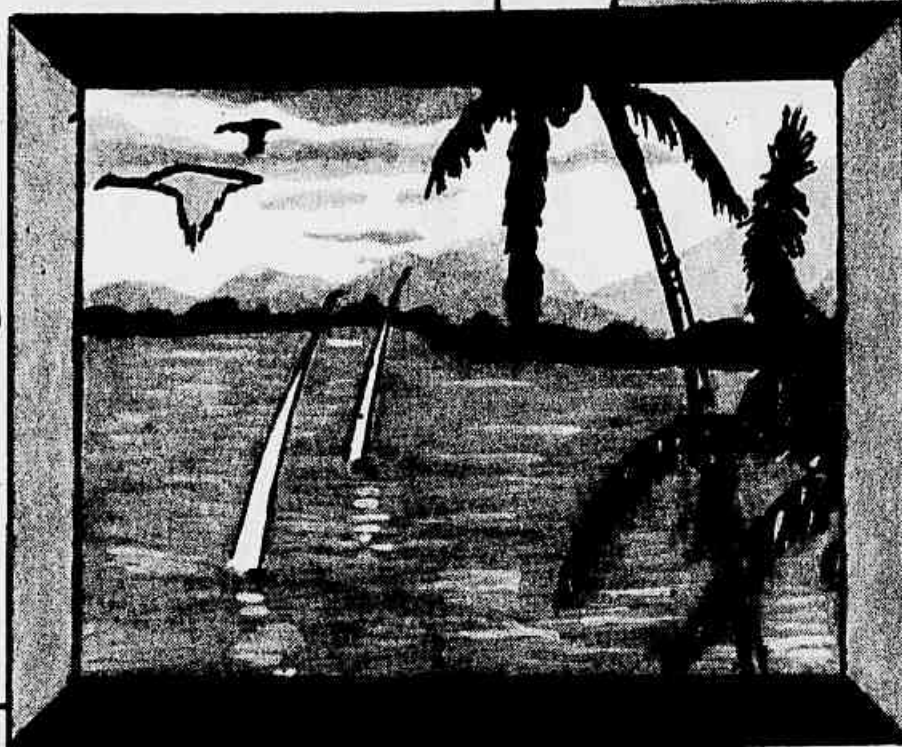


Se há quem ainda pense ser o imigrante da ilha das Flores um indivíduo sem preceitos de higiene, lançado ao abandono, sem conforto e meios de sustento, o flagrante serve para mostrar o seu erro.

LOTEAMENTO CIDADE BEIRA-MAR BARRA DE SÃO JOÃO

NA MAIS
LINDA PRAIA
NO MELHOR
PONTO TURISTICO
DO EST. DO RIO

CONTINUAÇÃO DA PRAIA DE
CABO FRIO



VENDAS E INFORMAÇÕES

CONCESSIONÁRIA

C.-B.-M.

COMPANHIA BRASILEIRA DE MELHORAMENTOS

RUA ARAÚJO PÔRTO ALEGRE, 56 — Sobreloja 2
Esq. Av. Graça Aranha (Esplanada do Castelo)
TELEFONE : 32-9933

Horário : 9 às 18 horas (inclusive sábados)
Domingos : das 9 às 12 horas.



PRESTAÇÕES A PARTIR DE

CR\$

70,00

MENSAIS

MATAS • PRAIA

CAÇA • PESCA

O MELHOR NEGÓCIO DO MOMENTO

COM ESTAS VANTAGENS EXCEPCIONAIS :

- ★ Pagamento em 100 meses
- ★ Sem entrada e sem juros
- ★ Condução farta : diversas linhas de ônibus partindo de Niterói
- ★ Valorização positiva — Decreto n.º 58
- ★ Construção livre — Posse imediata.
- ★ Caça e pesca abundante.
- ★ Uma paisagem maravilhosa à beira do Atlântico.

ACEITAM-SE CORRETORES PARA SENSACIONAL PLANO DE VENDAS.

SEMANA ASTROLÓGICA

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 3 E 9 DE SETEMBRO DE 1955
(HEMISFÉRIO SUL)

SE O LEITOR NASCEU SOB O SIGNO DO:

- ★ CARNEIRO (21/9 — 20/10) — A posição do leitor, em face dos astros, será muito favorável no curso da semana em pauta. As melhores oportunidades lhe serão oferecidas para levar a bom termo os seus propósitos justos e as aspirações.
- ★ TOURO (21/10 — 20/11) — O leitor estará muito sujeito a excessos, durante a semana. Tenha a necessária calma e atue com prudência, tanto nos negócios domésticos como nos assuntos profissionais. Os piores dias serão 6, 7 e 8.
- ★ GÊMEOS (21/11 — 22/12) — Não se aventure a qualquer competição durante a semana. Ômita-se como puder. Os influxos reinantes serão altamente desfavoráveis às exteriorizações e à projeção do seu nome. Não especule, igualmente.
- ★ CANCER (23/12 — 20/1) — A semana será regularmente movimentada, no seu caso. Os resultados, porém, das suas atividades, não serão dos mais compensadores. Não haverá, porém, contratempos maiores e tudo findará bem.
- ★ LEAO (21/1 — 20/2) — Bons e rendosos negócios aparecerão na vigência da semana em causa. O leitor terá ocasião para auferir vantagens pecuniárias sem emprêgo de capital e sem assumir grandes responsabilidades. Três, cinco e nove serão os melhores dias.
- ★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — O leitor terá uma semana de chance generalizada. Haverá ótimas oportunidades nos negócios, na vida profissional, nas atividades domésticas e até na vida sentimental. Haverá perfeita harmonia entre os sexos.
- ★ LIBRA (23/3 — 20/4) — Um ambiente calmo, equilibrado, muito seguro, eis o que lhe será oferecido nos próximos sete dias. Aproveite a oportunidade para o reajustamento que desejar fazer nos seus negócios. O momento será oportuno.
- ★ ESCORPIÃO (21/4 — 20/5) — O novo período favorecerá as viagens e as iniciativas de ordem privada. Haverá algumas surpresas, no curso da semana, todas porém, agradáveis. Os melhores dias, no caso do leitor, serão 3, 5, 6 e 9, servindo muito, os dois últimos, para a tomada de posição.

- ★ SAGITÁRIO (21/5 — 23/6) — Anuncia-se um período algo desfavorável à vida doméstica. Haverá desentendimento no lar e aborrecimentos na família. Prevenido como se acha, agora, poderá o leitor, atenuar bastante a situação.
- ★ CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — A semana o ajudará na obtenção de favores. Serão atendidos os pedidos de empréstimo e deferidas as petições encaminhadas nas repartições do governo. As possibilidades de favores serão estendidas à esfera política.
- ★ AQUÁRIO (23/7 — 21/8) — Os astros influenciarão benêficamente, sua vida sentimental, profissional e doméstica, dando-lhe larga margem para as realizações programadas. Ative seu trabalho nessa fase de grande rendimento.
- ★ PEIXES (22/8 — 20/9) — Fortes dúvidas, uma grande desilusão e atitudes indecisas, eis o quadro das coisas mais prováveis, no curso da semana, no caso do leitor. Aguarde melhor ocasião para empreender ou para tomar qualquer iniciativa.

OS NOMES DA SEMANA

Setembro, 3	—	Valdomiro	—	Estefânia
" 4	—	Juviano	—	Erontina.
" 5	—	Arturo	—	Léa.
" 6	—	Miguel	—	Ermira.
" 7	—	Claudemiro.	—	Teresa.
" 8	—	Emanuel	—	Cristina.
" 9	—	Elísio	—	Dalva.

EFEMÉRIDE DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio-dia de Greenwich

Setembro, 3	10° 12' 40"	(Signo da Virgem)
" 4	11° 10' 47"	(" " ")
" 5	12° 8' 55"	(" " ")
" 6	13° 7' 6"	(" " ")
" 7	14° 5' 18"	(" " ")
" 8	15° 3' 33"	(" " ")
" 9	16° 1' 49"	(" " ")

CRÔNICA

CONFERÊNCIAS

● A escritora Lúcia Lemos Tóres, que exerce sua atividade em São Paulo, tendo publicado recentemente o romance «Ciranda de Pedra», muito bem recebido pela crítica, realizou não faz muito tempo uma conferência no Centro de Difusão Cultural daquele Estado, que mereceu as honras de uma edição luxuosa do notável editor paulista Elvino Pocaí.

Muito bem escrita e primorosamente ilustrada, os leitores não saberão o que mais apreciar: se o belo trabalho gráfico ou se o esmerilhado ensaio da escritora em aprêço, tão bem escrito quanto bem impresso...

Discreteando com absoluta segurança sobre o assunto de sua escolha, — a poesia do Alcorão —, diz a conferencista em certa altura de seu trabalho interessantíssimo, original e repontilhado de observações penetrantes e curiosas: — «Anunciado foi que eu vos falaria hoje sobre a poesia do Alcorão ou Livro de Alá. Tema bastante audacioso para uma mulher, notadamente brasileira e católica, portanto não afeita à leitura do texto sagrado do Islamismo. Vou, tímida e despretensiosamente, transmitir-vos minhas observações sobre o assunto, cujo estudo me permitiu conhecer melhor as jóias da literatura oriental. Os poetas árabes, entre os vates de todo o mundo, são os que melhor sabem manifestar os sentimentos do coração humano. A tristeza dos desertos e a alegria do oásis, a eterna admiração do árabe pela mulher, a vida cavalheiresca dos beduínos, a franca e leal hospitalidade arábica, fornecem aos poetas os mais belos e variados temas.»

Descrevendo as belezas do Alcorão, num paralelo com a nossa Bíblia Sagrada, fonte maravilhosa de poesia, que herdamos, nós os ocidentais, dos hebreus, sendo o livro por excelência dos católicos, dos protestantes e dos espíritas, bastando para comprovar essa assertiva, citar os Salmos de Davi, o «Eclesiastes» e o «Cântico dos Cânticos», atribuído a Salomão, diz a autora deste precioso opúsculo: «Os ensinamentos morais, como é de se esperar num livro sagrado, ocupam boa parte do Alcorão. Maomé execrava a avareza, daí inúmeros versetes contra a usura e alguns em bela linguagem poética. No capítulo III, encontramos o versículo 175: «Que os homens avarentos dos bens que Deus lhes dispensa na sua generosidade, não imaginem que isso lhes aproveitará. Pelo contrário, há de ser causa da sua desgraça» e no versículo 176: «Os bens de que são avaros ser-lhes-ão amarrados ao pescoço, à guisa de coleita, no dia da ressurreição. A herança dos céus e da terra, pertence a Deus; Ele é sabedor de todas as vossas ações», informando pouco adiante, a conferencista: «Parece incrível, mas o poeta Maomé tinha verdadeira idiossincrasia pelos poetas». Realmente, em certo capítulo, diz o grande profeta, citado pela autora: — «São os poetas que os homens transviados imitam». E mais: «Ensinam os poetas, o que suas orelhas ouviram: Ora, na maior parte são mentirosos». E ainda: «Deixaremos os nossos deuses por um doido de um poeta?» Vale a pena ler a fina peça literária que é a conferência da ilustre romancista bandeirante, pois, decerto, o leitor não gastará em vão seu precioso tempo.



Entrevista relâmpago

(Com o romancista Romeu de Avelar, autor de «Os devassos», «Calabar», «O último deputado» (comédia) e uma biografia do general Góis Monteiro, além de outros livros).

1ª pergunta: — Dos nossos escritores, qual deles lhe parece mais importante?

Resposta: — Sou leitor de veneta; contudo, tenho acentuada predileção pelos escritores não premiados ou recomendados pelas «celebridades nacionais». O mais importante deles, para mim? Aquêlê que consigo reler.

2ª: — Quais os poetas nacionais de sua preferência?

R.: — Os anônimos, das feiras; principalmente os cegos.

3ª: — Quais as suas leituras preferidas?

R.: — Leio por atacado e varejo, menos Matemática e a Bíblia.

4ª: — Qual dos nossos escritores gostaria fôsse membro da Academia de Letras?

R.: — Não desejo a catacumba intelectual de ninguém.

5ª: — Atualmente, onde desejaria morar?

R.: — Onde não ouvisse rádio, discussões sobre futebol ou política, choro de criança e sino de igreja.

Certamente, na Lua, se ainda alcançar transporte para lá.

6ª: — Como gostaria de morrer?

R.: — Fulminado por um fio da Light, quando, à tarde, fico a esperar infinitamente uma condução para casa.

7ª: — Crê que o esporte seja uma atividade útil?

R.: — Exercício por exercício, já chega a ginástica sueca obrigatória pelo minguido pão nosso de cada dia.

8ª: — Qual a sua maior ambição literária? Tem outro livro a publicar?

R.: — Passar a limpo, mesmo com a minha péssima caligrafia, tudo o que escrevi até hoje. Depois de «Calabar», que sairá em 2ª edição no próximo mês de agosto, pretendo publicar o romance, a concluir, «Os degradados filhos de Eva», que talvez seja barrado pela Polícia, a Liga pela Moralidade e outras instituições intelectualmente rancôlhas, mas eternas.

POESIA

Balada do amor através das idades

*Eu te gosto, você me gosta
desde tempos imemoriais.
Eu era grego, você troiana,
troiana mas não Helena.
Sai do cavalo de pau
para matar seu irmão.
Matei, brigamos, morremos.*

*Virei soldado romano,
perseguidor de cristãos.
Na porta da catacumba
encontrei-te novamente.
Mas quando vi você nua
caída na areia do circo
e o leão que vinha vindo,
dei um pulo desesperado
e o leão comeu nós dois.*

*Depois fui pirata mouro,
flagelo da Tripolitânia.
Toquei fogo na fragata
onde você se escondia
da fúria de meu bergantim.
Mas quando ia te pegar
p'ra te fazer minha escrava,
você fez o sinal da cruz
e rasgou o peito a punhal...
Me suicidei também.*

*Depois (tempos mais amenos)
fui cortesão de Versailles,
espírituoso e devasso.
Você cismou de ser freira...
Fiz tudo para impedir.
Pulei muro de convento
mas complicações políticas
nos levaram à guilhotina.*

*Hoje sou moço moderno,
remo, pulo, danço, bozo,
tenho dinheiro no banco.
Você é uma loura notável,
boxa, dança, pula, rema.
Seu pai é que não faz gôsto.
Mas depois de mil peripécias,
eu, herói da Paramount,
te abraço, beijo e casamos.*

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE.

NOTICIÁRIO

● O escritor e crítico português Guedes de Amorim, publicou em «O Século Ilustrado», na seção dedicada ao Brasil, o seguinte juízo crítico, sobre o autor de «Quatro histórias»: «De Maurício Caminha de Lacerda, nome a fixar entre a mais nova da moderna geração brasileira, louvamos ainda não há muito, o volume «Contos Provincianos», que presentemente está a ser traduzido para o espanhol no México. Afirmava esta obra, na verdade, um escritor votado ao conto, com segurança completa. Hoje vamos ocupar-nos de «Quatro histórias», livro recente de Maurício Caminha de Lacerda, contos também, que confirmam plenamente as altas qualidades de ficcionista do autor. Mais: desenvolvem-nas, em aspectos acentuados de ironia e sátira à sociedade... Terminaremos por reconhecer que, se Maurício Caminha de Lacerda leu e apreciou Eça de Queiroz, não deshonra o mestre; bem pelo contrário. Os seus contos, principalmente o primeiro, são dignos de uma antologia, entre os maiores e melhores do realismo de agora, sem dúvida nenhuma».

LIVROS RECEBIDOS:

«Meu rosário de trovas», de Peri Ogibe Rocha. Editora Acaiaça.
«Poesia nem sempre», de Mário Newton Filho. Clube de Poesia de Campos.
«Um ramo de cantigas», de Ademar Tavares, Editora Aurora.

MESSES e meses se passaram com a vida de Jorge numa agonia. O pai conseguira arranjar algum trabalho, mas tão espaçado que as preocupações se mantinham. A mãe, continuava a queixar-se do estômago, dias e dias impossibilitada de trabalhar. No escritório, a sua situação melhorara ligeiramente. O colega Alfredo continuava a intrigar com o Gaspar, mas Jorge e Carmina deixaram de frequentar a Academia. Jorge, com o fato remendado, doía-se, mas Carmina, delicada, simulava não perceber e arranjava pretextos para ficar em casa. De quando em quando, Jorge sabia notícias dos parentes, especialmente do tio Sebastião, que devia estar rico. Fernanda, a sua priminha, aparecia uma vez por outra lá por casa.

O namôro com Carmina continuava, a rapariga sem aquela timidez inicial, cada vez mais carinhosa, interessada pela sua vida e pela vida dos pais de Jorge. Falavam muito, as mãos sempre enlaçadas, ele a desabafar, ela a confortá-lo.

— Estou a pensar numa coisa, Jorge... Tu escreves muito bem, sabes?

— Estás a troçar?

— Não estou nada. Ora ouve...

— Sou todo ouvidos... mas não brinques comigo... Quando estou triste arranjas sempre alguma coisa... Agora essa...

— Pronto! Não te digo nada...

— Desculpa, pronto. Fala, então...

— Mas não me interrompas. Tu escreves muito bem. É o que penso. Não te rias... Pelo menos nas cartas que me escreves... Não te rias, vá!

— É o que digo! O que têm as minhas cartas de extraordinário? Só sei escrever o que sinto! E como gosto de ti... Vês a explicação?

— Por isso mesmo, Jorge. Sabes que vão fundar um jornal cá no bairro?

— Já ouvi falar nisso...

— Por que não escreves tu para lá?

— Não dizia? Estás a troçar de mim...

— Falo a sério, Jorge. Perdes alguma coisa em experimentar?

— Perder não perco...

— Então... faz isso por mim...

— Pior...

— Pior?

— Sim. Tinha de escrever uma coisa qualquer digna de ti... Não me parece fácil...

— Pois experimenta... Quem sabe? Talvez um dia me agradeças a lembrança!

Carmina tinha razão. Semanas depois o jornalzinho do bairro apareceu e trazia uma pequena colaboração de Jorge, um artigo a meia coluna com um título curioso: «Sagrado». Era um hino ao mar, à natureza, simples e ingênuo. Carmina gostou e pediu-lhe que continuasse. Jorge, incrédulo a princípio, entusiasmou-se e escreveu dois novos artigos. Mas, por entre a sua estréia, surgiu um novo amargor. A vida familiar da noiva piorou. A mãe, preocupada, desabafava com a filha, e Jorge notava algo de estranho. E perguntou, quis saber o que se passava. Dificuldades materiais. A pobre senhora, governante de um rico, ia ficar sem a ajuda mensal, pois o sr. Fernando Aires, ia abandonar o bairro.

— Eu não desabafa contigo? Faz tu o mesmo...

— Pois é, Jorge, mas a minha mãe não queria. Eu ganho pouco no escritório e se minha mãe fica sem aquela ajuda, temos de nos mudar. A renda da casa é grande demais para o meu ordenado...

Jorge calou-se, por momentos.

— Vês? Ficaste triste...

— Qual! Estou a pensar numa coisa. Tu gostas de mim não gostas?

— Que pergunta! Então não sabes?

— Mas gostas ou não?

— Pois gosto! — respondeu, atagando as mãos do namorado.

— Bem. E queres casar comigo, não é verdade?

— Pois quero.

— Bem...

— Bem... bem... onde é que vais parar com tantas perguntas?

— Aqui: eu ganho 800\$000 e tu ganhas 450\$000. Se isso se der, casamos e vais com tua mãe para minha casa ou ficamos a morar na tua. Queres?

— Se quero, Jorge! O pior é a mãe... é capaz de não concordar...

— Então fala-lhe, convence-a...

Afastada, no corredor, onde engomava, D. Cesaltina, mirava-os de quando em quando, sem nada entender da conversa da filha com o namorado.

— Mãezinha, o Jorge quer falar contigo...

— Agora não posso... Olha, vem para aqui com ele...

Foram e Jorge deu conta dos seus projetos a D. Cesaltina. Entusiasmado, pediu-lhe que concordasse. Seria bom para todos.

— Eu não me importo... Por mim... está tudo bem... E seus pais?

— Também concordarão... Logo já eu lhes falarei...

— Em todo o caso, sempre é preciso esperar algum tempo. Se o rapaz se fôr embora, talvez

(As vossas mãos, Princesa!); depois nas faces e por último nos lábios... A sua timidez prendia-o e esses beijos ficavam-lhe no coração como aleluia no coração dos fiéis... Sim, era isso: os seus beijos eram puros, perturbavam-no, entonteciam-no, mas só produziam alegria — uma alegria que os tomava a ambos e os fazia sonhar, ser felizes. Mas, nessa noite, Jorge olhou-a muito nos olhos e dentro deles havia luz, muita luz. Era o sol da vida nos olhos do seu amor, o sol da felicidade por que ansiavam, para o futuro das suas vidas. Jorge não pôde dizer uma palavra: os seus braços ergueram-se lentamente e envolveram Carmina. Aconchegou-a a si, olhos nos olhos, sentiu-lhe o coração bater com força, junto do seu peito, os cabelos negros a roçarem-lhe no rosto afoqueado e a sua boca sórega uniu-se à boca bonita de Carmina, num longo beijo de

INICIAÇÃO

Conto de MARQUES GASTÃO

Desenho de J. RIBEIRO

tenha de deixar a minha casa por causa da renda. Tenciono alugar primeiro um quarto ou uma parte de casa para enfrentar a renda e depois trataremos então de tudo...

Só mais tarde Jorge compreendeu os melindres do problema e a delicadeza de alma de D. Cesaltina; só mais tarde avaliou os sacrifícios tremendos daquela mãe e a compreensão e o amor da filha; e só mais tarde reconheceu os seus erros em relação a essas duas mulheres que o amavam e ele repudiara, com o seu ciúme maldoso e cruel. O seu sonho de casar depressa com Carmina, turvava-lhe os olhos e deixava-se dominar pela alegria desse amor que era superior a tudo na sua vida. E nessa noite, ao despedir-se, como de costume, entre a porta e a escada, D. Cesaltina já não os acompanhava, propositadamente ou não ou por que as preocupações a tivessem assoberbado, depois daquela conversa.

«Estou a recordar-me e o coração bate-me com mais força. É o meu passado que regressa, mais vivo e saudoso, numa fase feliz, para me compensar amargores, que iria sofrer, mais tarde. E este coração gasto, este coração ferido, ainda vibra, ainda ama!»

Como é isto possível?

Tantos anos correram já; embranqueceram-se os cabelos, perdi todas as minhas ilusões, não creio nos homens nem na vida e este coração ainda ama e ainda vibra com uma recordação — com a recordação de um beijo!

Jorge beijara Carmina algumas vezes, mas quase sempre furtivamente, os lábios pousando levemente primeiro nas mãos bonitas e macias

amor, que iria ficar na sua vida a desviá-lo de outras bocas...

Jorge, depois, ficou-se, olhos muito abertos, a fitar Carmina, que cerrara os seus, abandonado nos seus braços, a tremer...

— Meu amor! — E Jorge beijou-a vezes sem conta, nas faces, nos olhos, nas mãos, entontecido, doido de alegria, dentro dele a felicidade maior.

Carmina ergueu a cabeça e os seus olhos bonitos fitaram o namorado.

Lá de dentro ouviu-se a voz de D. Cesaltina.

— Vou já, mãezinha!

Jorge pegou nas mãos bonitas de Carmina e beijou-as nervosamente, enquanto sentia nos seus cabelos os lábios da namorada.

— Meu amor!

— Vai-te embora, Jorge... Vai... até amanhã, meu amor...

E a sua voz quente, harmoniosa, beijou-o, acariciou-o... Jorge partiu, o coração alegre como uma cotovia, os olhos cheios de luz... Havia o sonho dentro dele... Anos e anos esse sonho ficou a roer dentro dele... pois todo esse sonho se esfumou, todos os seus ideais foram destruídos por ele próprio, com o ciúme maldito que se aninhara no seu coração... Carmina (É viva? É morta?) desapareceu da sua vida. O choque de duas famílias, a intriga e o ciúme fizeram o resto. Jorge ensandecera com o ciúme e a separação surgiu. Cada qual seguiu o destino que Deus lhes traçara.

— É viva ou morta, Carmina? Perdi-te na memória do meu coração e só encontro a luz dos teus olhos e a cor dos teus cabelos e a cor daquelas meias cinzentas que trazias quando te conheci na velha sociedade de recreio do nosso bairro! Mas queria agradecer-te,

es
n-
ão
ra
m-
ria
os
te,
es
os
ue
ge
os
in-
iu-
eu
sto
à
de

de

s, a
ado-
sem
ton-
ade
lhos
ina.

nda
nos

ma-

u-o,
egre
z...
anos
pois
seus
m o
o...
a da
triga
cera
qual

e na
r luz
e a
uan-
creio
er-te,



JERONYMO
RIBEIRO

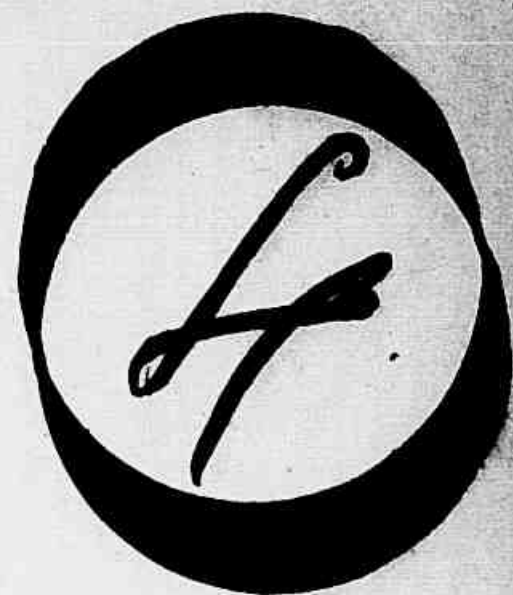
Carmina! Por ti comecei a escrever e a escre-
ver te procuro! Tu tinha razão, Carmina!
Cada qual seguiu o seu caminho! Fôste o
primeiro impulso que outra mulher completou,
mais firme no seu amor por mim, mais crente
no meu coração e mais piedosa para com os
meus defeitos! Tu tinhas essa altivez de outras
épocas. Foi ela que te perdeu, porque te não
deixou perdoar-me o ciúme maldito que se
anichou no meu coração. Adeus, Carmina!



A LINHA Y prossegue sua carreira vitoriosa. É de fato a mais elegante, a mais apropriada à silhueta esbelta da mulher latina. Não foi portanto à-toa que um dos mais célebres costureiros franceses da atualidade (e com que êxito!) lançá-la no mercado europeu, apresentando-a como sua. Vejam por exemplo êsses modelos exclusivos de LAURITZEN BERN.

A sobriedade do primeiro (que poderá ser executado em lã brique), a suavidade do seguinte, em azul-mar, e o lindo traçado do terceiro, cujas golas em negro contrastarão de maneira belíssima com um tecido amarelo, por exemplo, decerto encantarão nossas leitoras.





Foi Carmem Miranda a primeira cantora popular do Brasil que alcançou projeção mundial. Através do cinema, do rádio e da televisão, e ainda em sucessivas apresentações pessoais, sua voz espalhou-se pelas Américas e pela velha Europa. Dezenas de milhões de seres humanos aplaudiram-na e dela conservam a mais grata recordação. (Ilustração de Ramón)



Ramón

AS GRANDES AMOROSAS DA HISTÓRIA

ADRIANA LECOUVREUR

Por LUDOVIC DE LARTIGUES

Desenho de RAMÓN

CAPÍTULO II

O PRIMEIRO contacto com o teatro, teve-o Adriana em uma representação escolar de fim de ano, a que assistiu, sem tomar parte. Era um ato variado, que a menina presenciou de um canto do palco, os olhos arregalados sobre aquele mundo maravilhoso que se entreabria para ela. Quando voltou para casa, diante de um espelho, procurou reproduzir os poemas e monólogos ouvidos, como se ela mesma, e não outra, estivesse diante da platéia. A medida em que ia recitando, sentia-se integralmente possuída pela poesia e tentava traduzir, com sua voz ainda débil, as emoções que lhe brotavam na alma, enquanto ao seu redor o mundo adquiria novos ângulos de que até então jamais se apercebera. Sua mãe, que atraída pela voz da filha pé ante pé penetrara na sala, detivera-se absorta a escutá-la, terminando por interrompê-la entusiasmada:

— Minha filha, como é belo o que dizes! Parece música!

— Oh! mamãe, estavas aí?

A presença de uma outra pessoa, pôsto que não propriamente uma estranha, na sala, naquele momento, veio interromper a declamação de Adriana. Mas a semente estava lançada. De então por diante, a pequena só viveria, dia após dia, noite após noite, tendo em vista o mundo do teatro, que apenas adivinhava em seus traços gerais, mas de que já imaginava a graça e a beleza.

Quando Roberto Couvreur foi internado num hospício, começou para as duas mulheres uma época de verdadeira miséria. Adriana suportava o destino com mais disposição que sua mãe, jovem que era, e ainda otimista pela própria juventude. As privações quotidianas, e aos prognósticos de um futuro cada vez mais trágico, opunha ela a alegria de suas amizades com jovens amigos e amigas, com quem passeava pelas alamedas e «boulevards» de Paris. Pouco expansiva, tímida, quase de uma timidez doentia, era todavia reclamada por todos, talvez pela doçura de suas maneiras, ou pela inteligência de suas opiniões. Tanto que com poucos meses de convívio com os demais componentes do grupo, já era seu centro de gravidade, a despeito da pouca idade e da condição de fortuna.

De tarde, quando voltava à casa, os olhos cheios ainda das belas coisas presenciadas, nessa Paris ébria de luz e de divertimentos, que tristeza reencontrar a miséria e o desespero! Adriana desejava que também sua mãe participasse dos loucos sonhos que lhe iam no peito, que novamente despertasse para vida, saindo da depressão em que caíra, desde que o marido partira. A vida, embora injusta com eles, cheia de maldade, não poderia ser sempre ruim. Dias mais felizes estavam ainda por vir, disso tinha certeza. O futuro lhes daria em dobro aquela felicidade que tão mesquinhamente reclamava agora. A pobre mulher, fascinada com a imaginação da filha, acreditava. Deus é grande, e saberia cuidar de tudo. Que não se preocupassem, pois.

Um dia, enquanto descansavam, os amigos de Adriana começaram a olhá-la atentamente, como que esperando que daquele cérebro ainda tão jovem, mas já tão amadurecido, partisse a idéia de uma nova distração.

— Recitemos, disse Adriana, com sua voz clara.

— Recitar? Como, se não sabemos?

— Sabemos, sim. Por exemplo, que sabem vocês do «Poliuto»?

— Que os atores da «Comédie» o acham difficilimo. Avalie agora nós!

— Pois vamos representar «Poliuto». Aceitam minha proposta?

Aceitaram, pois Adriana sabia levar de vencida a todos os demais disputantes. Em pouco tempo, a descrença inicial sucedia um sincero e enorme entusiasmo.

Começaram os ensaios nos fundos de uma loja pequenina, na rua Ferrol; o palco foi erguido num salão do palácio da Senhora Du Gué, mulher do presidente do Parlamento, na rua Garancière. Duraram vários meses os preparativos, ansias e cansaços, entusiasmos e decepções se alternando a cada instante. Mas progrediram, a cada dia, a cada minuto quase. As deficiências técnicas, as dificuldades materiais, o entusiasmo juvenil superava. Que seria, para aqueles jovens cheios de idealismo, um obstáculo a mais ou a menos?

E assim chegou o dia da representação. Eis que, entre os atores, todos mais ou menos bem recebidos pelos assistentes, aparece pela 1ª vez em cena Adriana. Recita sua parte de maneira encantadora. A platéia torna-se mais atenta, e acompanha, já agora maravilhada, os diversos lances da tragédia. Em modulações que vão do mais suave ao mais dramático tom, aquela voz ainda débil corre de ponta a ponta do Teatro. Os gestos da menina são sóbrios, adequados, conscientes. Ouvi-la e vê-la é comover-se. Fecha a representação por entre os entusiásticos aplausos de toda a assistência. A pequenina atriz é chamada várias vezes à ribalta, pálida e confusa, como se ainda estivesse vivendo, naquele momento, o papel que tão bem desempenhara, havia pouco.

No dia seguinte, Paris comentava o caso daquela artista precoce, cujo desempenho, tão sincero, diferia sobremodo da maneira habitual das representações na «Comédie». Fala-se em fenômeno, em revelação sem igual, de uma nova maneira de se interpretar os trágicos. E o espetáculo tem de ser repetido, e mais uma vez, e outra ainda, e afinal, dezenas de vezes, para uma platéia cada vez mais entusiasta.

Os próprios atores da «Comédie Française», que de início não ligaram aos comentários sobre a novel atriz, pensando tratar-se de mais uma das inúmeras falsas descobertas de empresários ávidos de sensação, agora sentavam-se todas as noites nos melhores lugares do pequenino teatro, mal escondendo a emoção e a inveja. Com efeito, com o sucesso da jovem Adriana, sentiram-se ofendidos, e protestaram contra a intromissão daquela estranha nos sagrados domínios da Arte, bem como contra a vulgaridade da platéia, que os trocava por uma principiante sem qualquer expressão. A «Comédie Française», em suma, não suportava a penetração da jovem Adriana em seus domínios. E com a força de que dispunha, já tomara as providências para que as representações do «Poliuto» não mais se repetissem. Assim se deu, com efeito, para desespero dos artistas moços, principalmente para Adriana, cuja reação à ordem absurda por pouco a fazia adoecer.



Ainda não havia passado de todo sua decepção, quando uma lavadeira sua vizinha, que conhecia o ator Le Grand, conseguiu aproximá-lo da adolescente. Le Grand já ouvira falar no êxito das récita em que Adriana tomara parte, e ansiava por conhecê-la. Por sua vez, a jovem que jamais havia travado contacto com um ator autêntico, um profissional, não cabia em si de contente com tal oportunidade. Le Grand tornou-se em breve para ela um professor honesto e competente. Com o material quase milagroso que lhe chegava assim às mãos, plasmou uma atriz de qualidades excepcionais. Quando já havia ensinado a Adriana tudo aquilo de que era capaz, indicou-a a um empresário seu amigo, que imediatamente a contratou para o teatro de Lille. Adriana tinha apenas quinze anos quando enveredou pelo mundo de trabalho e misérias dos cômicos ambulantes.

A prima-dona da Companhia era a senhora Clavel, que encorajava Adriana nos momentos mais difíceis, quando a jovem pensava que não conseguiria chegar jamais ao cume da carreira teatral. Seu irmão, por sua vez, apaixonou-se daquela jovem de cabelos louros e olhos claros, tão suave e cheia de graça. Contudo, quando também Adriana enamorara-se d'ele perdidamente, trocou-a por uma outra mulher. A primeira desilusão amorosa de Adriana tornou-a mais dolorida e contribuiu para que redobrassem seus estudos de cena. Mas os estudos cansavam-na, os ensaios exasperavam aquêle coração solitário.

A inveja, que já havia desempenhado papel tão preponderante, quando do primeiro malôgro no pequeno teatro em que representava «Poliuto», começava de novo a crescer em torno de Adriana. Totalmente entregue à sua arte, disciplinada e metódica, não conheceu o mérito fácil, nem como as demais colegas, encarou nunca a arte como um mero divertimento. Suas interpretações tocavam-na no mais profundo de seu ser, lá onde a emoção jorra pura e indisfarçável.

Um dia, o empresário a chamou a seu escritório:

(Continua no próximo número)



A LINHA Y

O RIO DITA A MODA

A silhueta feminina varia de ano para ano, porém, ao contrário do que poderiam pensar os leigos na matéria, as transformações por que passa não acontecem ao bel prazer dos criadores da moda. Seguem uma evolução lógica — “fatalista” se pode dizer. Lançar uma nova linha é, por isso, privilégio de entendidos, dos grandes costureiros, capazes de prever, pelo que se está usando “agora”, aquilo que as mulheres vão preferir vestir na “próxima estação”. Não é tarefa fácil. É preciso muita “vocação”, talento de artista, e sagacidade de adivinho, para vencer nesse terreno.

Todas essas considerações visam demonstrar que significa o tanto marcado este ano por Lauritzen Bern, pela REVISTA DA SEMANA e pela Cidade Maravilhosa com o lançamento da linha “Y” dois meses antes da mesma silhueta ser apresentada em Paris por Christian Dior. De fato, somente em agosto último, em suas coleções de inverno, o costureiro francês apresentou-a: ombros arredondados, saia reta — uma evolução lógica das linhas “H” e “I”. O interessante é que Balmain — rival de Dior — lançou os seus modelos com perfil semelhante — ainda que não batizado alfabeticamente — em sua coleção “Jolie Madame” para a mesma temporada.

É uma vitória para o figurinista da REVISTA DA SEMANA o fato de dois nomes famosos na alta costura concordarem com a sua linha “Y”, que foi assim definida em telegrama de uma agência noticiosa: “...delgada, curvilínea, é de encher os olhos...”

CONVERSA DE MULHER

LIGIA JUNQUEIRA



UM POUCO DE BELEZA

● A LINHA ARLEQUIM

Juntamente com o lançamento em Paris da moda para a próxima estação, pelos costureiros, deu-se, também, a da nova maquilagem para a temporada, a “Linha Arlequim”, adotada por todos os manequins de Fath. Suas características? O prolongamento mais exagerado da linha das sobrancelhas e dos cantos externos dos olhos, por meio de riscos horizontais, executados com “crayon” castanho ou negro. Sobre a nova maquilagem escreveu um cronista parisiense: “O rosto se torna, assim, mais leve e mais brejeiro... adquire exatamente a expressão que convém aos novos modelos de vestidos.”

● UM BOM EXERCÍCIO

Se você é tão ocupada quanto Dolores Dorn — e dá isso como desculpa para não fazer ginástica — aprenda com ela que qualquer momento é bom para exercícios físicos... Coloque o telefone no chão em vez de na mesa. Procure discar como está fazendo a atriz, curvando-se, e mantendo as pernas esticadas. É um ótimo exercício para afinar a cintura, e para manter rígidos os músculos das coxas.

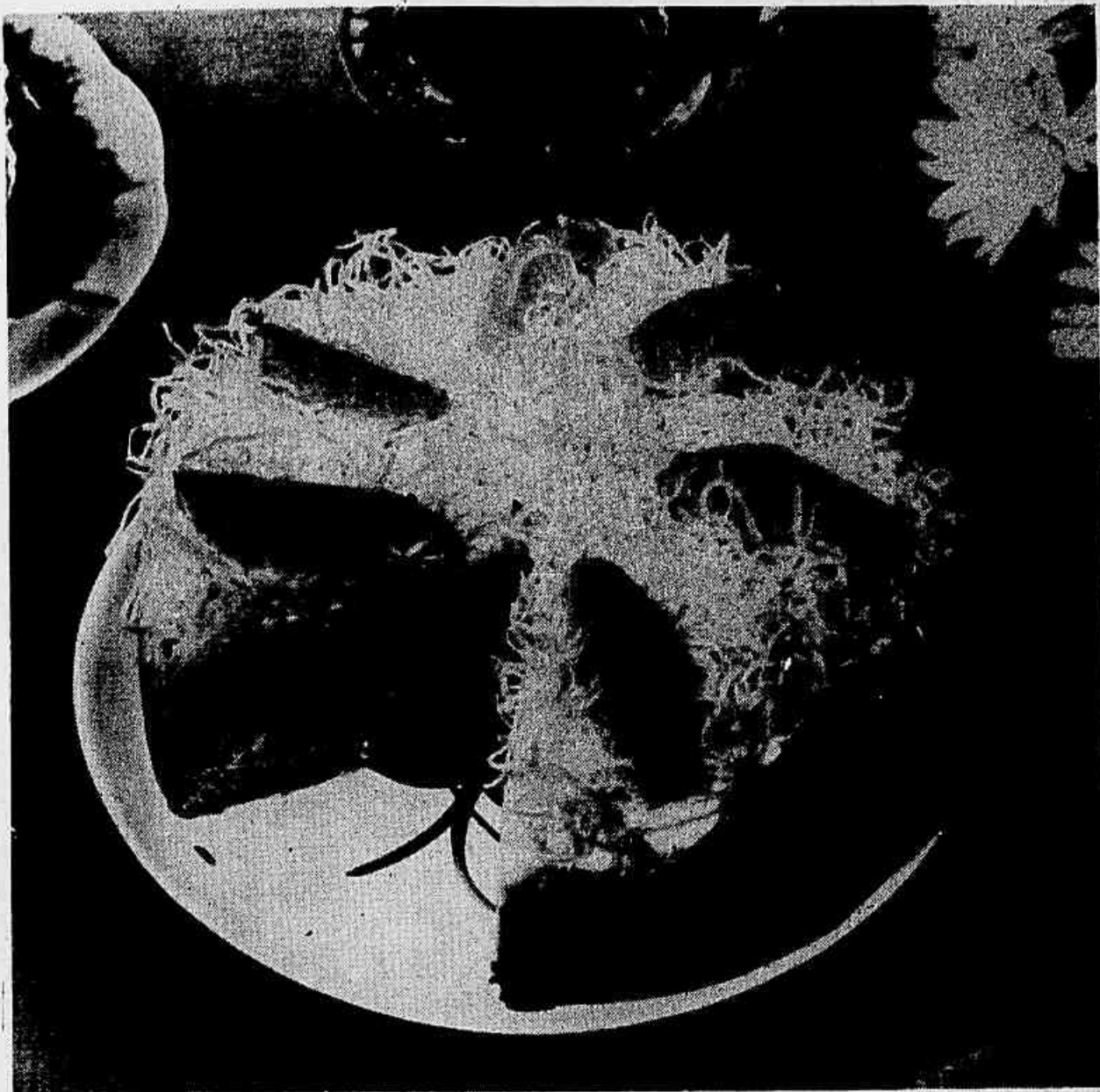
● PARA CRESCEREM

Não existe preparado que faça crescer os cabelos mais depressa. O melhor que se tem a fazer para isso são massagens com a ponta dos dedos ou com a escova de cabelo, para estimular a circulação. Também com essa finalidade produzem bons resultados unguentos e óleos especialmente preparados para os cabelos.

WEEK-END NA COZINHA

● Uma bonita receita de bôlo doce para o chá ou para ser servido como sobremesa. É enfeitado com gomos de laranja e côco ralado.

1 — Numa tijela, misture bem 100 gramas de manteiga com 150 gramas de açúcar. Bater com uma colher de pau, até misturar bem. Adicionar uma colherinha de essência de baunilha. 2 — Acrescente dois ovos, um a um, misturando sempre bem. Juntar a casca ralada de 3 laranjas e o suco das mesmas (laranja um pouco ácida — a laranja pêra é a melhor). 3 — Peneire 200 gramas de farinha de trigo com 200 gramas de maizena e uma colher das de sobremesa de fermento em pó. Bater tudo bem. 4 — Assar em duas fôrmas redondas e iguais, cêrca de meia hora. 5 — Dissolver dois cálices de licor, rum ou cognac com um de água. Ensopar um dos bolos com essa mistura. 6 — Arrumar num prato de bôlo: a camada sem licor, por cima desta, creme **chantilly** misturado com côco ralado. Cobrir com o bôlo ensopado em licor. Por cima, espalhar creme **chantilly**, cobrir tudo com côco ralado e enfeitar com gomos de laranja, como na fotografia.



TIRA-SE O mal odor que às vêzes se nota dentro dos sapatos, esfregando-se com um trapo embebido em vinagre.

★

ELIMINAM-SE os cupins dos móveis injetando-se, com uma seringa de injeção, um pouco de iodo nos furos e fechando-os depois com cêra virgem.

★

CORTAM-SE os doces, mais facilmente (principalmente se acabaram de sair do

NOTINHAS ÚTEIS

forno), usando-se uma faca, cuja lâmina foi imersa em água fervendo.

★

DISPÕEM-SE as flores com mais facilidade nos jarros se se tiver o cuidado de grudar pela parte de dentro da borda dêsses, no sentido vertical, algumas tiras de esparadrapo ou de fita isolante, de eletricista. A

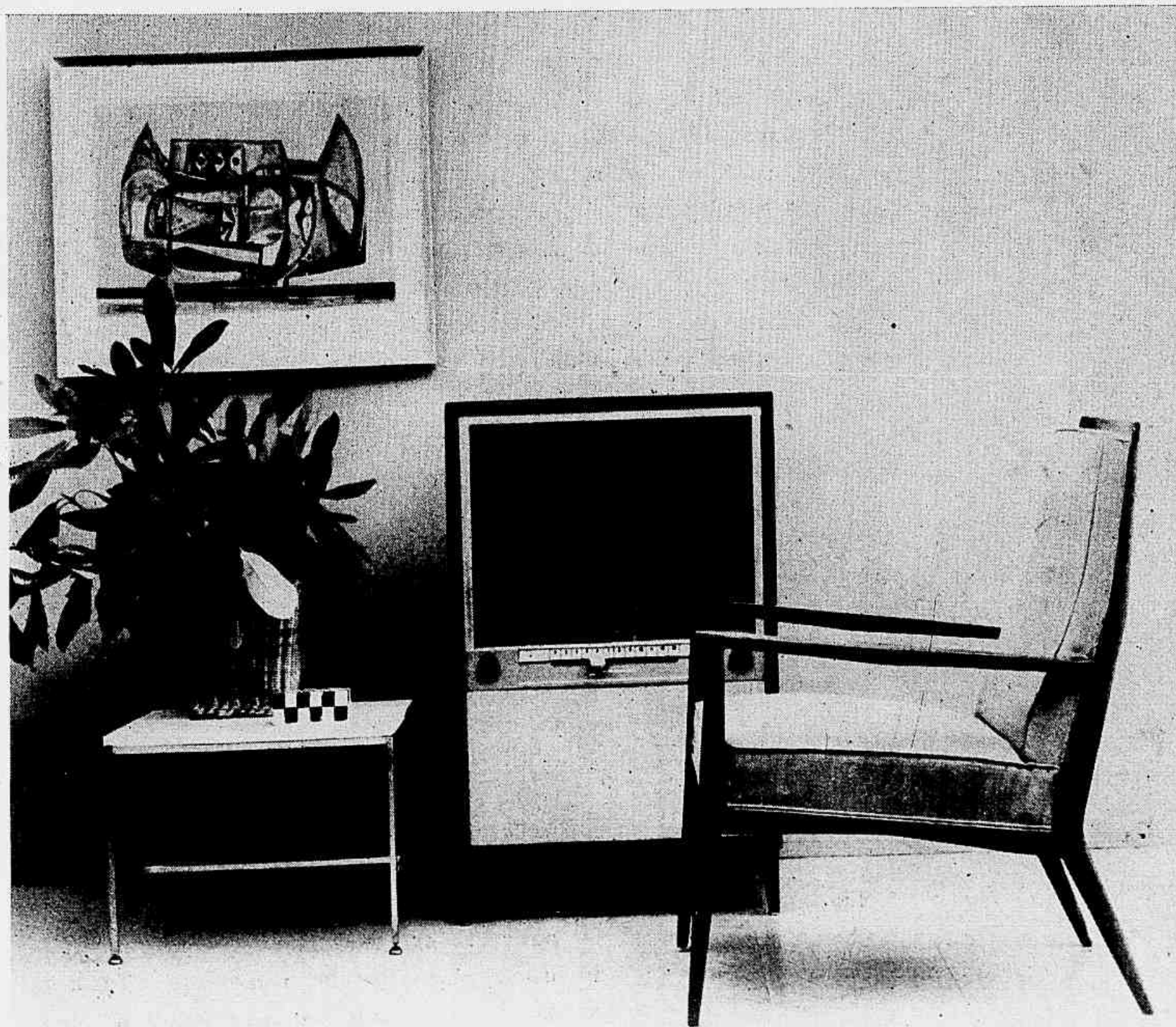
fita prende melhor as hastes, evitando que escorreguem para os lados.

★

AS MANCHAS nos fogões a gás tiram-se com facilidade usando-se pedra pomes finíssima em pó misturado com algumas gotas de amoníaco. Depois, lava-se com água e sabão.

★

COZINHAM-SE castanhas no forno, arrumando-as tôdas numa assadeira com as pontas para cima, e mantendo dentro do forno uma panelinha com água.



SUGESTÃO PARA O LAR

● Um conjunto de peças modernas harmonicamente associadas. Pela sua simplicidade destacam-se e misturam-se com o ambiente. O aparelho de televisão em fundo foi desenhado pelo designer Paul McCobb e é uma verdadeira obra de arte. Este móvel habita o lar, conservando sua funcionalidade. O efeito de leveza foi obtido pela combinação de madeira negra e vidro na moldura externa, que amolda, com a aparência pesada do écran de vidro curvo. Notem a perfeita associação do móvel em questão com as outras peças do mobiliário.



EIS A ATRIZ inglesa Jan Sterling, numa cena do filme «1984», baseado no romance homônimo de George Orwell, e que é uma sátira violenta ao mundo futuro, bem como uma poderosa apologia da liberdade.

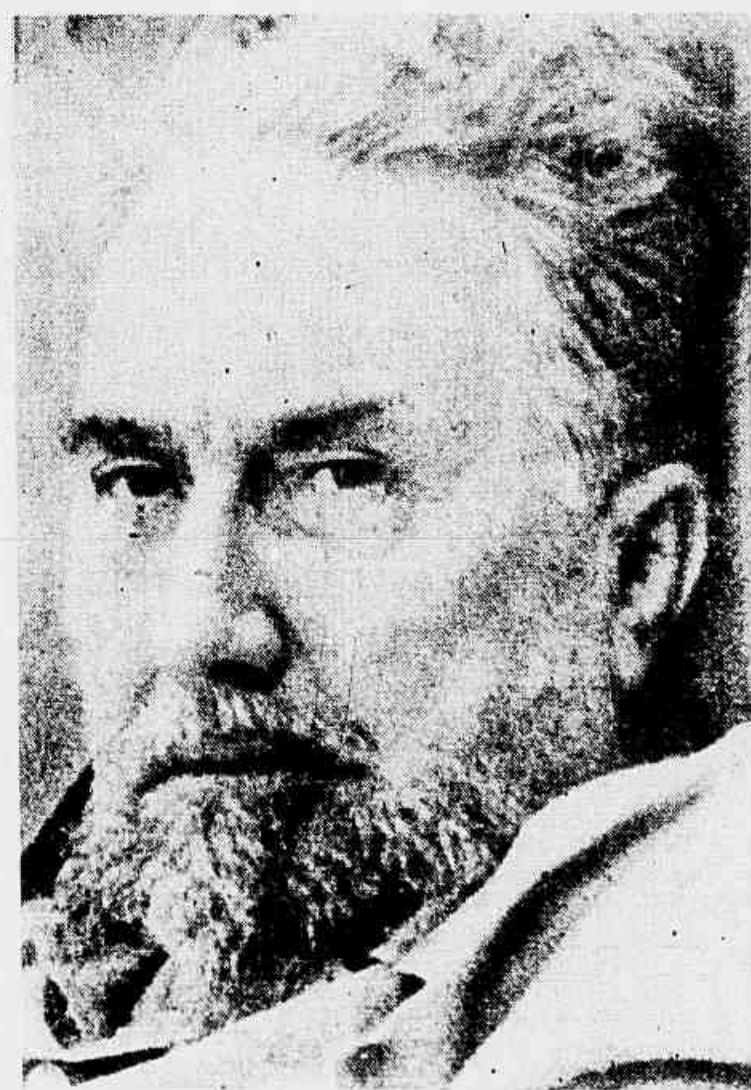
POR ÊSSE MUNDO DE DEUS



AS DUAS FOTOS ACIMA, e mais a de baixo, apresentam o que de mais moderno existe em matéria de suéter: modelo conversível, que pode servir também de maiô e de confortável abrigo contra o frio.



EIS A CERIMÔNIA de iniciação da «Câmara da Morte», uma sociedade secreta, de fundo maçônico, em funcionamento na Inglaterra. A mulher com a espada representa nada mais nada menos que o Arcanjo Gabriel. Os ossos são de matéria plástica e o sudário não cobre cadáver algum. Mas que dá medo, lá isso dá.



EZRA POUND, o maior poeta da língua inglesa, personalidade verdadeiramente genial, tem hoje setenta anos, e está internado, em caráter perpétuo, num manicômio judiciário. Durante a guerra, o poeta norte-americano colaborou com os fascistas. As autoridades dos Estados Unidos, levando em conta a sua obra, condenaram-no apenas à prisão perpétua.



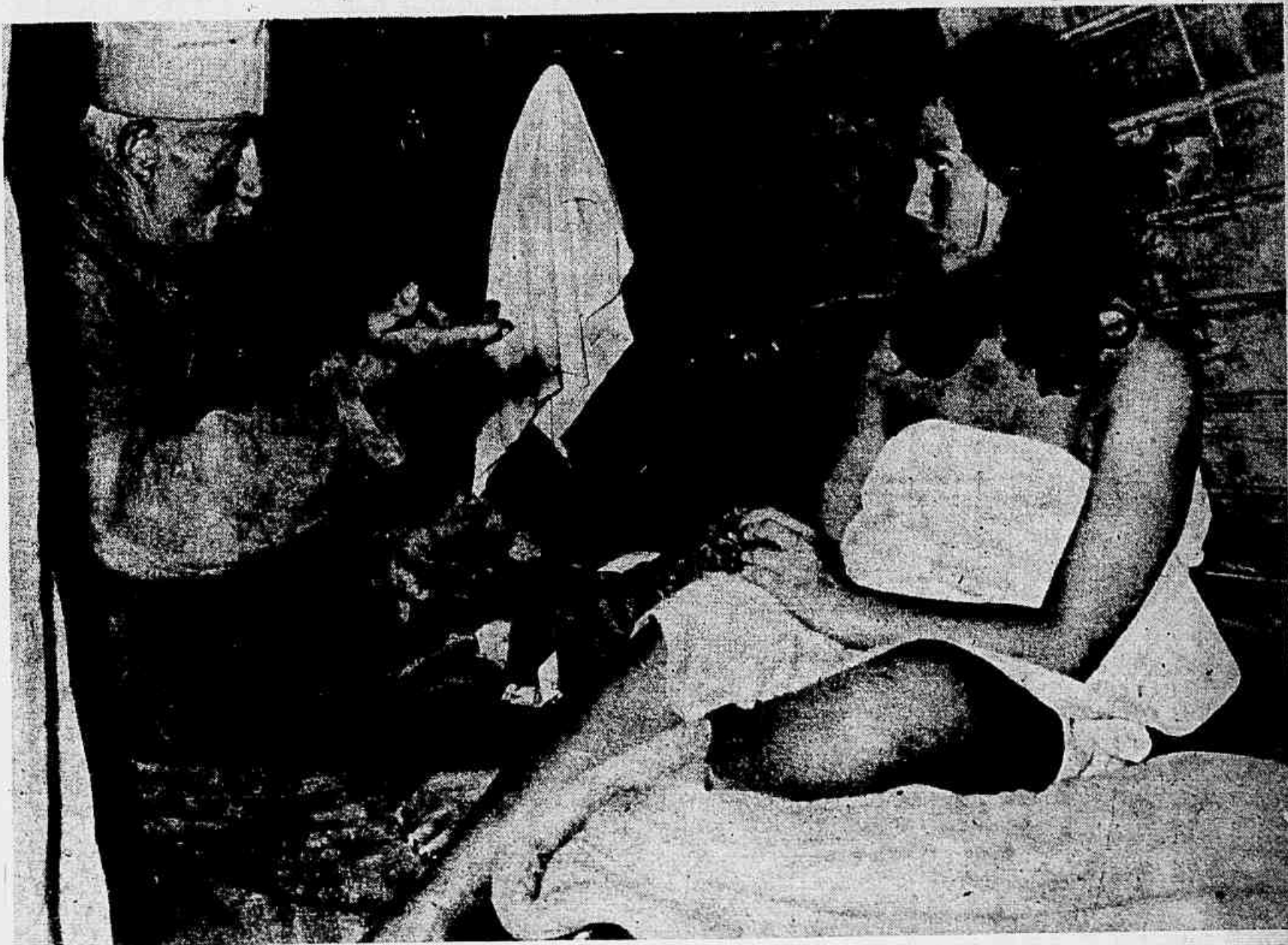
ELIZABETH TAYLOR aqui aparece com seus dois filhos, Michael Wilding Jr. e Christopher Edward Wilding. A atriz está bastante gorda atualmente, o que a vem preocupando e obrigando-a a dieta.



MARGARET, irmã mais moça da Rainha Elizabeth da Inglaterra, acaba de completar vinte e cinco anos. Poderá agora fazer o que quiser sem sujeitar-se ao trono. Esse decote aí já é a prova.

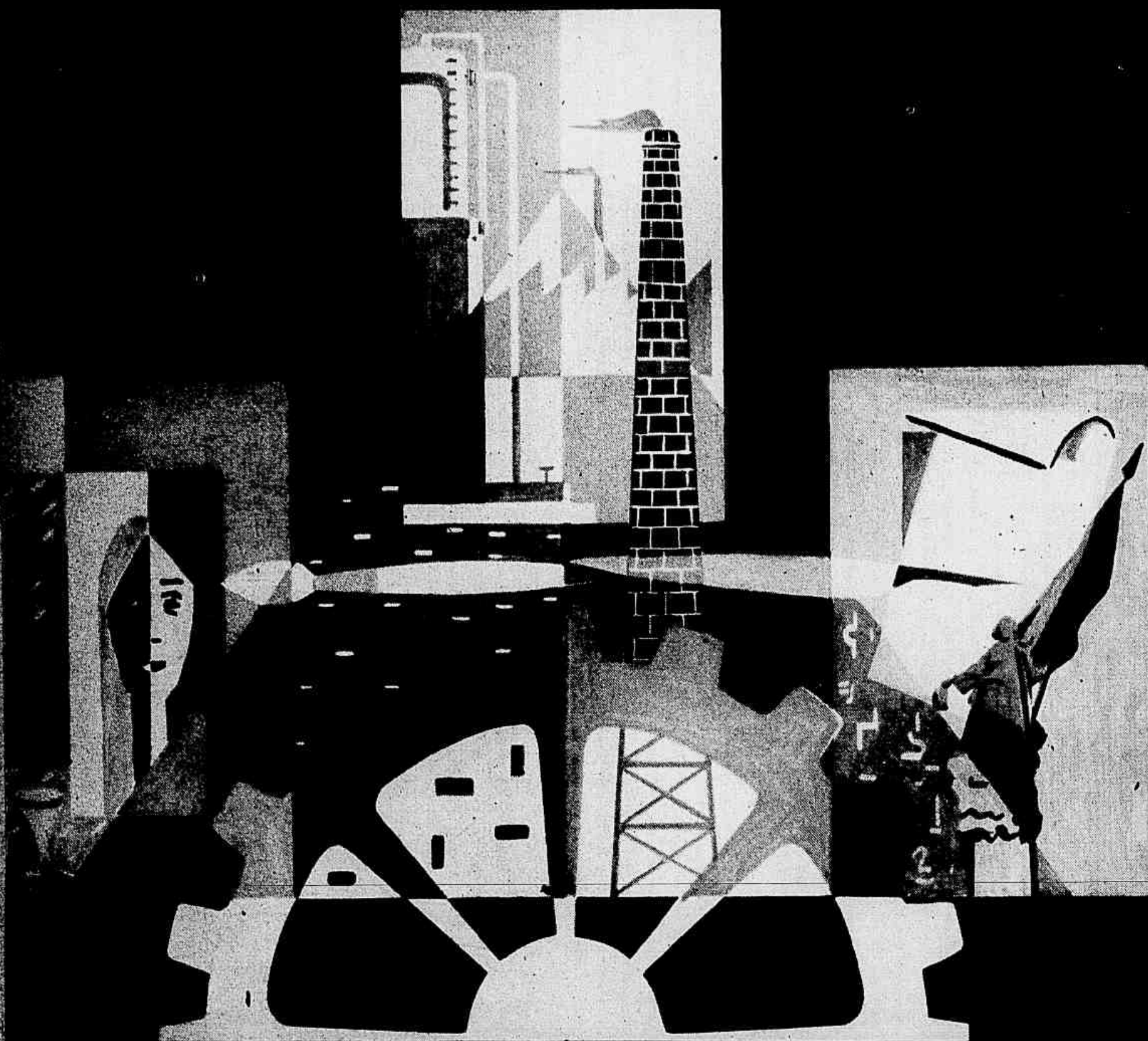


O ANÃOZINHO QUE GESTICULA afobadamente é o Cheique Daarf Ahmed Salem, que foi afastado do governo de sua pequenina tribo, no interior do Egito, e vem agora pedir auxílio ao Primeiro Ministro Gamal Abdel Nasser.



EUGÊNIA BONINO, que foi a Miss Itália do ano passado, aqui aparece quando filmava uma cena de seu primeiro filme, baseado num fato que abalou a opinião pública italiana: o caso da ciganinha Iolanda Kaldaras. Ei-la no acampamento cigano, escutando as histórias que seu avô lhe narra, sobre as tradições e façanhas ciganas.

EM QUITANDINHA



1ª EXPOSIÇÃO DE INDÚSTRIA ARTE E HISTÓRIA

Texto de SEBASTIÃO MENDES

Fotos de A. VIEIRA

● Nunca, em nenhuma outra exposição realizada no Brasil pudemos ver irmanados à indústria, trabalhos atinentes ao mundo das artes e da história. Agora, porém, tal fato foi consumado com a mostra levada a efeito em Quitandinha, a qual constitui um empreendimento corajoso no sentido de apresentar ao

público brasileiro aspectos positivos e alvissareiros do desenvolvimento econômico e cultural do nosso país. A arte moderna, especialmente a escultura e pintura estão, por bases materiais, estritamente ligadas à indústria, que é a fonte produtora da matéria prima de que se utilizam pintores e escultores para a exte-

riorização de suas concepções artísticas. Por outro lado temos de considerar a importância da história, que bem pudemos dizer ser o livro de registro dos acontecimentos passados.

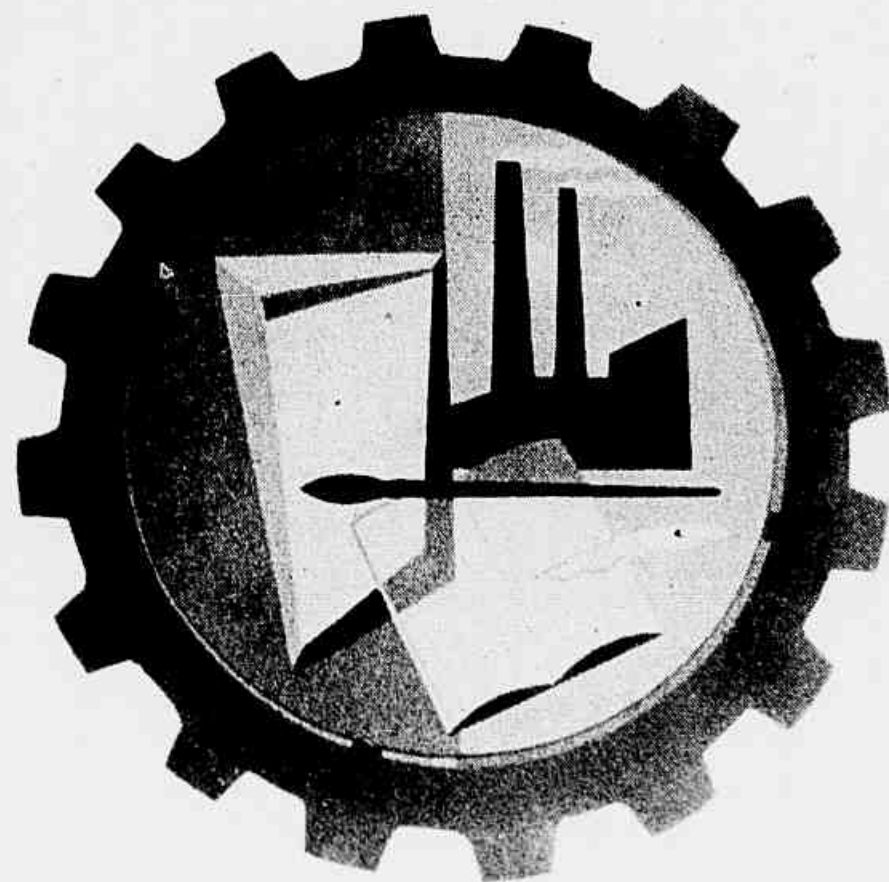
Para a 1ª EXPOSIÇÃO DE INDÚSTRIA, ARTE E HISTÓRIA procurou-se o lugar adequado, que foi Quitandinha, o príncipe dos hotéis sul-americanos. Ali, com a pompa necessária ao empreendimento, inaugurou-se a primeira grande mostra industrial e artística de trabalhos nacionais e estrangeiros, sendo grande a sua repercussão nos meios econômicos e culturais de nossa terra.

A solenidade de inauguração, uma das mais significativas de que se tem notícia, foi presidida pelo ilustre Governador do Estado do Rio de Janeiro, dr. Miguel Couto Filho, e contou com a presença dos membros da comissão executiva, drs.: Moacir Gomes de Azevedo, Secretário de Agricultura, Indústria e Comércio; Flávio Castrioto, Prefeito Municipal de Petrópolis; Synésio de Campos Xavier; Domingos Abbés, sr. Joaquim Rôla, e inúmeras outras autoridades civis, além de pintores, historiadores, jornalistas, etc. Os diversos setores que integram a 1ª EXPOSIÇÃO DE INDÚSTRIA, ARTE E HISTÓRIA realizada em Quitandinha são distintos. O setor de Indústria, que é representado por empresas expositoras nacionais e estrangeiras, de atividades industriais, comerciais e bancárias e por organismos públicos e para-estatais, é renovável em cada período de 60 dias.

O setor de Arte é representado pelo Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, exibindo quadros inéditos de sua grande coleção, e o Museu Imperial, no que diz respeito ao documentário propriamente artístico. O Setor Histórico, igualmente renovável, além de vários documentos esparsos, apresenta farto material demonstrativo da evolução política do Brasil nas fases da Colônia e do Império.

O Estado do Rio apresentou uma seleção de pintura de diversas escolas, destacando-se dentre outras, as seguintes: Escola Francesa dos Séculos XIX e XX — 8 peças dos autores: Auguste Allongé, Nume Camille Ayrinhac, Gaston Girard, Jean Geoffroy, Alfred Roll e Nacise Ancelme; Escola Flamenga do Século XVII — Paul Bril (Escola Flamenga do Século XVII), Adrian Brower (Escola Holandesa do Século XVII), Simon War Der Does (Escola Holandesa do Século XVII), Peter Wan Der Slingeland (Escola Holandesa do Século XVII), David Tieniers o Jovem (Escola Flamenga do Século XVII).

Dentre os artistas contemporâneos, cujas telas participam da exposição em aprêço, citaremos: Georgina Albuquerque, Henrique Cavaleiro, Raimundo Cela, Leopoldo Gotuzo, Marques Júnior, Edson Mota, Ari Duarte, Francisco Mana, Armando Pacheco, João José Rescala, Oswaldo Teixeira, Elizeu D'Angelo Visconti, Jordão de Oliveira e Aluísio Vale. Pela apresentação que aqui procuramos fazer da importante Exposição que enquadra trabalhos dos mais diferentes ramos de atividade humana nela representados, poderemos constatar o seu alto grau de receptividade em todo o Brasil, conseqüentemente na América Latina e nos principais países da Europa.

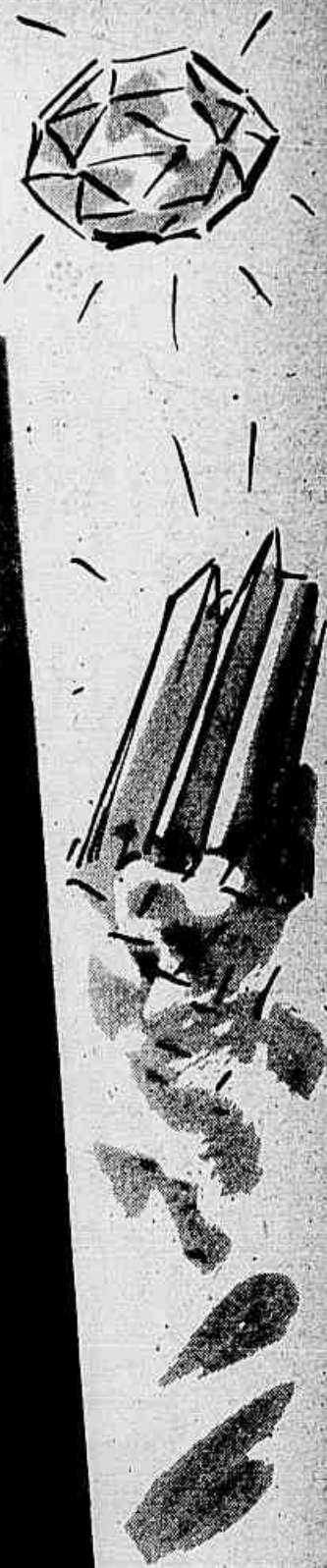




LAPIDACÃO AMSTERDAM LTDA.

● Uma existência inteira não é suficiente para descobrir toda a beleza do Brasil. É verdade que, desde o início da história da nossa terra o Homem procura pedras preciosas e minerais. Aqui, essa exploração é tradicional — assim como no antigo Oeste americano — está no ar, como todos podem sentir. Assim sendo, convidamos os nossos leitores a visitar o estabelecimento comercial de «Lapidação Amsterdam Ltda.», situado no ponto mais central do Rio de Janeiro. Ali vê-se um mural, demonstrando uma das três minas que a empresa possui. Pode-se observar o processo da lapidação das pedras preciosas e acompanhar todas as fases de transformação da pedra natural até a jóia confeccionada. Foram instalados ateliers para bem servir não somente aos hóspedes do Brasil como também a todos que sabem apreciar jóias de fino gosto, manufaturadas inteiramente de matérias primas nacionais.

A Lapidação Amsterdam Ltda. participa da 1ª Exposição de Indústria, Arte e História, com um importante «stand», do qual damos aqui um significativo aspecto.



COMPANHIA ESTANÍFERA DO BRASIL

Fundição e Refinação de Estanho em lingotes e Verguinhas.
Produtores de ligas metálicas e metal patente.

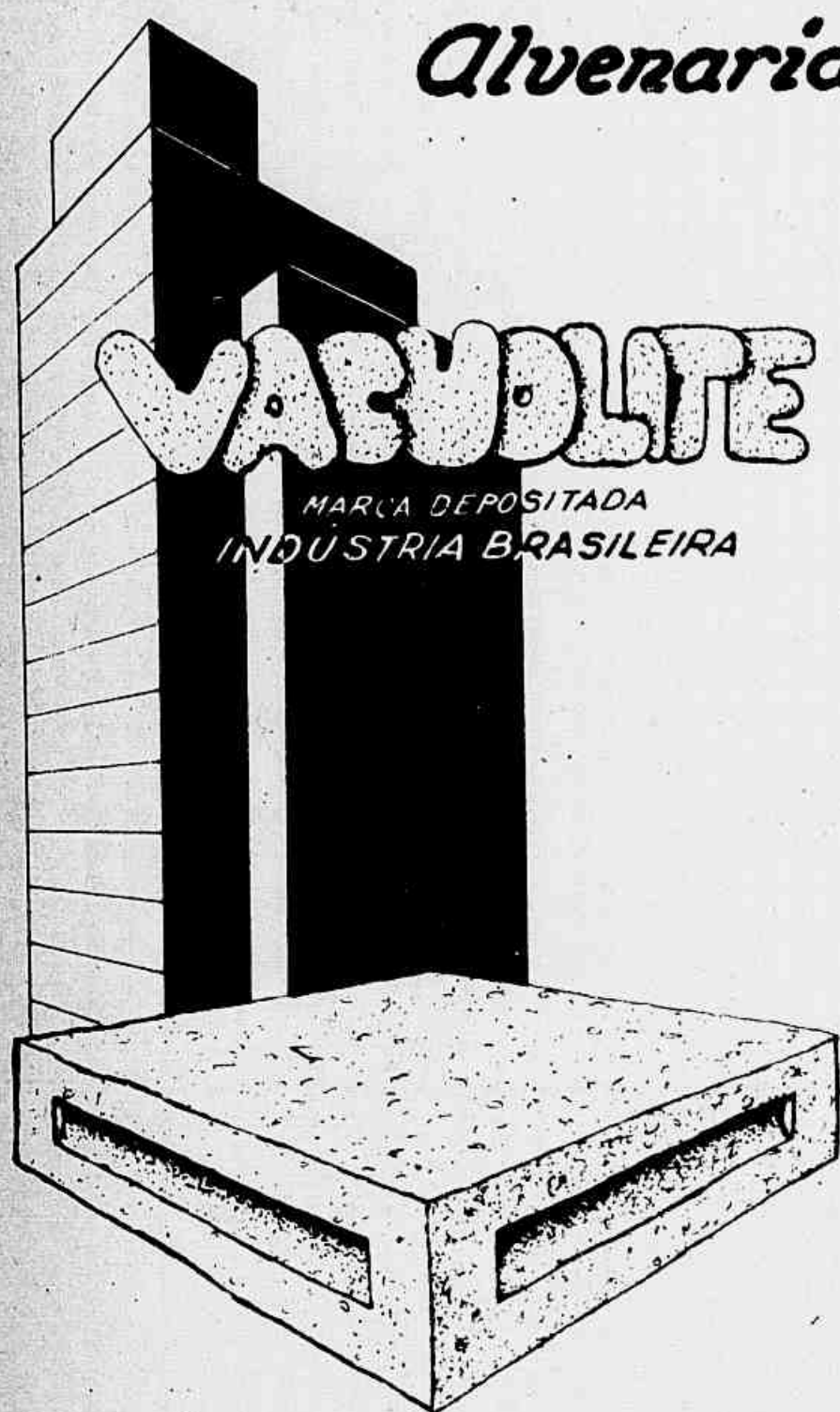
CIA ESTANIFERA DO BRASIL



● A Cia. Estanifera do Brasil, mediante o emprêgo de moderna técnica de redução e refino, vem produzindo estanho metálico utilizado no abastecimento interno, com efetivo fortalecimento da economia nacional. Além do estímulo que o advento desta moderna indústria trouxe à mineração doméstica, a ótima qualidade de seus produtos, aprovada pela sidero-metalurgia nacional e atestada por Institutos Tecnológicos oficiais, confirma o espírito de progresso e a capacidade técnica da indústria brasileira.

A Cia. Estanifera do Brasil figura nesta reportagem, como uma das grandes indústrias que mostram seus trabalhos na monumental exposição de Quitandinha. Na fotografia, um aspecto do «stand» por ela apresentado.

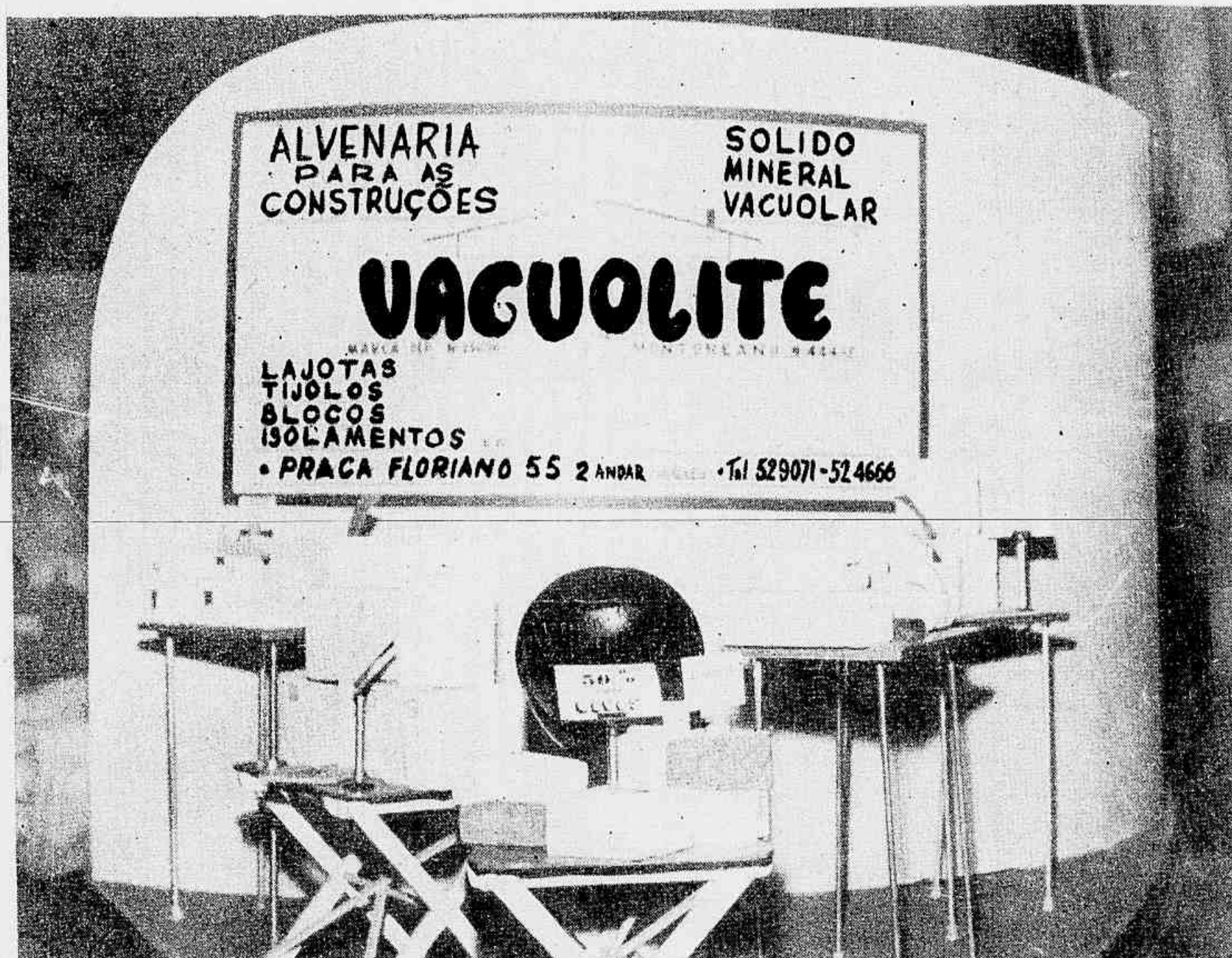
Alvenaria



para as construções

construções em geral, e que são preferidos por possuírem as seguintes qualidades: 50% mais leves, incombustíveis e imputrescíveis, isolantes, termo-acústicos, resistentes às intempéries, resistentes à água, econômicos no transporte, facilita a mão de obra, podem ser serrados, furados, escariados por brocas, não são quebradiços, facilitam os trabalhos de canalizações, o embôco adere fortemente, economiza ferro no concreto armado. Além dessas particularidades de ordem tecnológica, o novo material de construção «Vacuolite» apresenta, segundo o dr. Leonel Montureanu, a propriedade de endurecer rapidamente em cerca de 10 a 20 minutos, formando massa sólida. «É um material vacuolar muito versátil, aplicável tanto para inferiores sob forma de placas, lajeotas, painéis, ladrilhos, e outros, como também sob forma de blocos, tijolos, humbrais, peitoris, platibandas e outros elementos estruturais aplicáveis, em pontos de construção, que podem ficar ocasionalmente expostos ao tempo. A resistência à compressão do novo material varia de acordo com as exigências técnicas das construções.

O material, em causa, presta-se particularmente para forros, enchimentos e como isolante térmico para temperaturas de uns 100°C e como isolante acústico.»



● Consoante tivemos oportunidade de esclarecer no princípio desta reportagem, a 1ª Exposição de Indústria, Arte e História inaugurada em Quitandinha conta com o apoio moral e material das mais importantes firmas industriais desta capital e do estrangeiro.

Dentre as empresas participantes da exposição em aprêço, podemos destacar uma, que se impõe pela qualidade dos produtos que fabrica; isto é — a Alvenaria Vacuolite — produtora de tijolos, lajeotas, etc. para as



Nesta página dedicada a essa notável indústria, cujo material por ela produzido é uma garantia para as construções modernas, publicamos expressivos aspectos do seu «stand» na Exposição de Quitandinha.

Expressivo flagrante do «stand» organizado pela Perfumaria Myrta S. A., em Quitandinha.



PERFUMARIA MYRTA S. A.

● Após um longo dia de trabalho ou, pela manhã, não existe nada tão saudável como um banho frio, com o qual revigoramos as energias dispendidas. Mas o banho só é completo quando usamos o famosíssimo sabonete «EUCALOL», cuja espuma penetrante e aromática, dissolve, rápida e eficazmente, as quantidades fortuitas de impurezas que se juntam nos poros.

As substâncias químicas de que se constitui o «rei» dos sabonetes nacionais, tem, ainda, a propriedade de amaciar a pele sem ressecá-la, possibilitando-lhe um bem-estar rejuvenescedor. Não é de se admirar, portanto, que o produto da «Perfumaria Myrta S. A.» tenha-se transformado num padrão de originalidade, sendo por isso preferido por milhões de brasileiros.

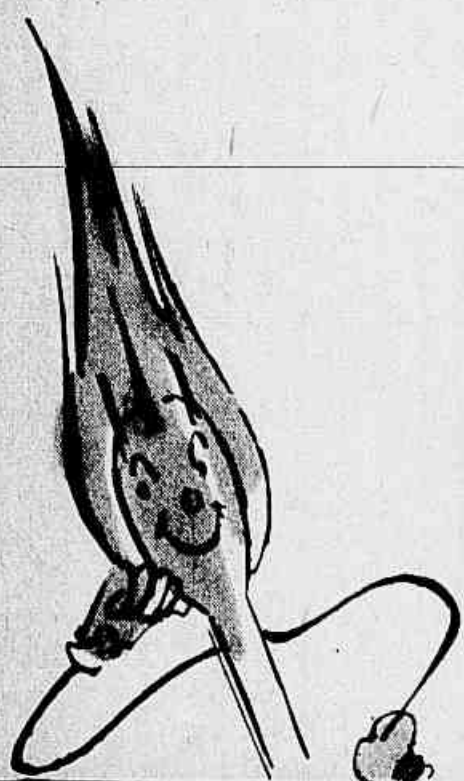
Na 1ª Exposição de Indústria, Arte e História, da qual participam, conforme dissemos no início desta reportagem, as maiores e mais importantes firmas industriais da América do Sul e do estrangeiro, a «Perfumaria Myrta S. A.» está presente emprestando o seu apoio ao notável empreendimento. Em Quitandinha, num

original «stand» a Perfumaria Myrta S. A., com sede à rua Ribeiro Guimarães, 35/61 — telefone de vendas nº 28-8406 — expõe os seus apreciados produtos, hoje consagrados pelas pessoas de bom gosto.





● PARA o público a maior atração da Exposição de Quitandinha foi talvez o estande da Cia. Universal de Fósforos. Cada vez que era ligada a sua «pipoqueira» — uma vitrina onde saltavam carteirinhas de fósforos das mais variegadas cores — os visitantes acorriam pressurosos, como se o zumbido do motor fôsse um sinal convencional de distribuição de amostras. A quem quer que restasse um pouco de dúvida do valor publicitário dos fósforos, aquela popularidade deve ter convencido de vez: no Brasil, nenhum veículo de propaganda alcançou, em tão pouco tempo, tão invejável destaque. E, naturalmente, as firmas pioneiras, industriais e co-



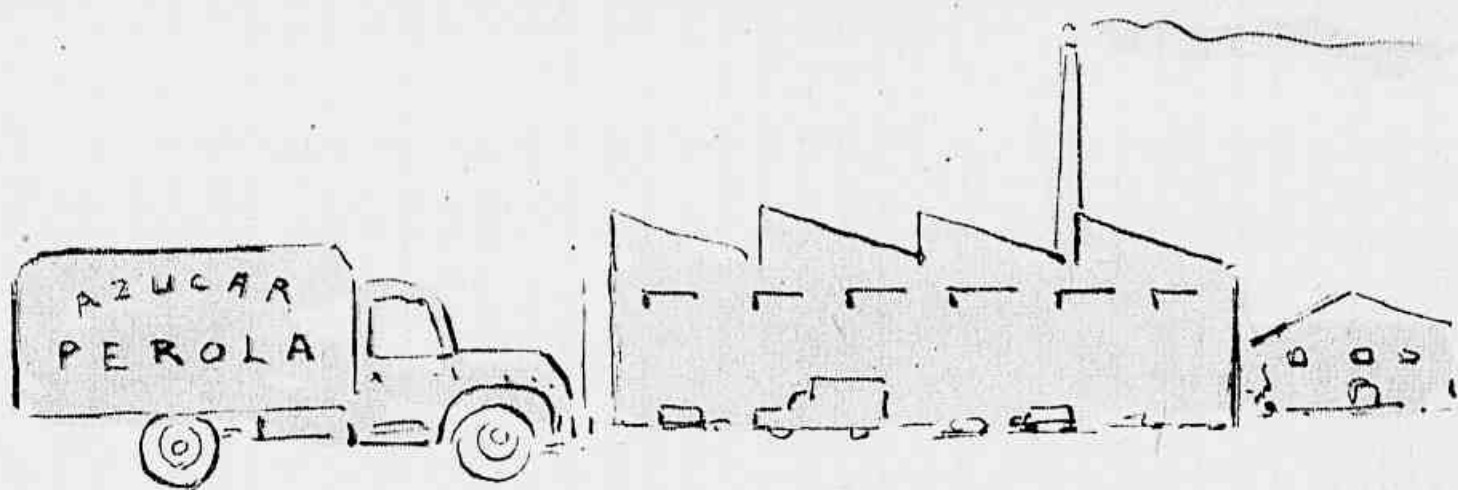
COMPANHIA UNIVERSAL DE FÓSFOROS



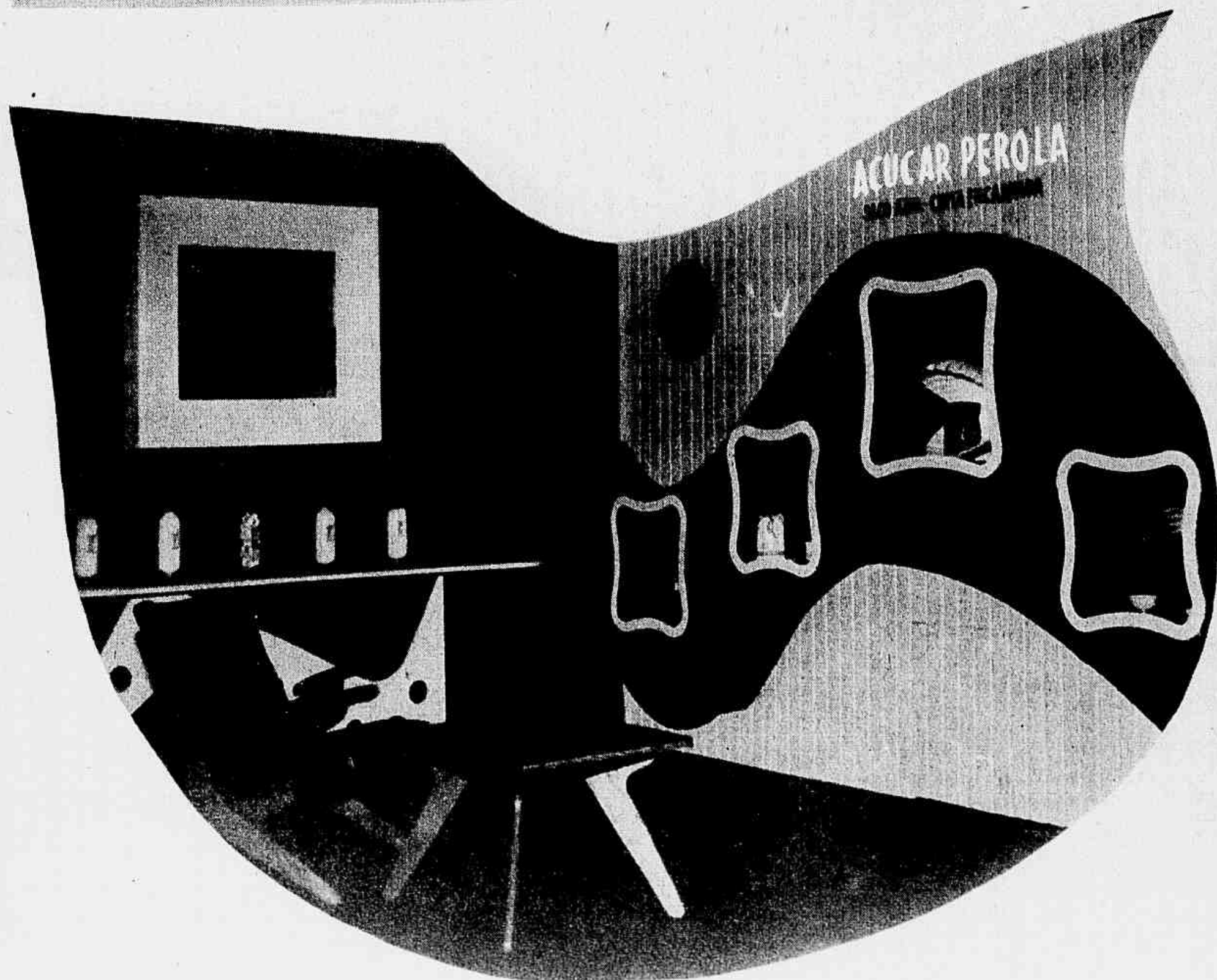
merciais, podem dar testemunho das vantagens colhidas pelo uso inteligente dos Fósforos Universal.

Com duas fábricas, uma no Distrito Federal, outra em São Paulo, a Companhia Universal de Fósforos é uma organização brasileira que trouxe para o nosso meio a experiência técnica da sua associada americana, a Universal Match Corporation, a maior fábrica de fósforos de propaganda do mundo todo. Como demonstravam as fotos do «stand», a Universal é uma indústria de grande especialização, moderníssima, altamente automatizada, onde os operários trabalham em excepcionais condições de higiene, segurança e comodidade. Além das carteiras comuns, de 20 palitos, a Companhia Universal de Fósforos fabrica os modelos chamados «Plakar», de 40 palitos, «Jumbo», de 240 palitos, e «Jumbo Junior», de 120. Além disso, produz uma série de carteirinhas fantasia, recortadas em forma de animais e objetos diversos.

O departamento de criação da Universal, tanto na matriz do Rio, como na filial de São Paulo, deu abundantes amostras de estar aparelhado para resolver os problemas publicitários e promocionais dos clientes, criando não só desenhos sugestivos como **slogans** de vendas, planos de distribuição, embalagens especiais em formatos diversos, etc. Não admira portanto que o público brasileiro, que sabe prestigiar o que é bom e interessante, tenha dado seu firme apoio à nova indústria. Beneficia-se pela economia que faz, no consumo de fósforos e, prestigiando os anunciantes que os distribuem adequadamente, contribui de maneira positiva para o incremento dos negócios em nosso país.



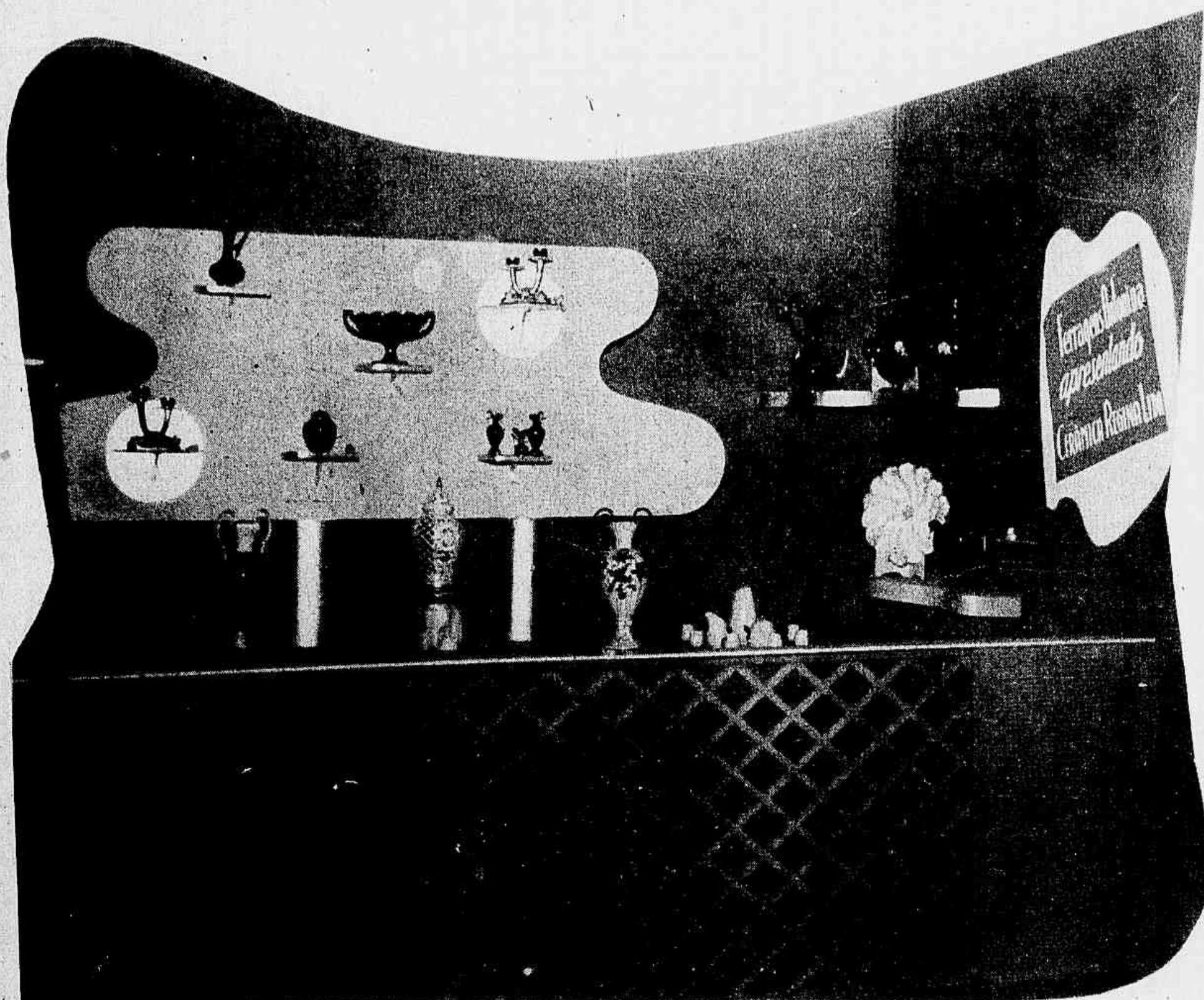
CIA. USINAS NACIONAIS



● No que diz respeito a usinas refinadoras de açúcar o Brasil não poderia estar melhor servido, pois a Cia. Usinas Nacionais representa o que há de mais eficiente e moderno em aparelhagem técnica no gênero, contando para tanto com um corpo de colaboradores capazes de desempenhar suas tarefas a altura de nossas maiores exigências.

O produto da Cia. Usinas Nacionais, o açúcar «Pérola», graças às suas invulgares e múltiplas qualidades, é o mais vendido e apreciado no país inteiro. Como grande e conceituada empresa que é, a Cia. Usinas Nacionais empresta também a sua valiosa colaboração à 1ª Exposição de Indústria, Arte e História inaugurada recentemente em Quitandinha, apresentando-se ao distinto público que ali comparece, por meio de um bem ornamentado «stand», cujas fotografias publicamos nesta página.





• "Ferragens Antonina Limitada" (Representações-Comissões, Consignações e Conta Própria — Importação e Exportação), à Praça Pio X, 98 - 9º - s/909, apresentando "Cerâmica Regina Ltda." que, pela superioridade dos seus trabalhos é a firma que honra e enaltece a indústria da cerâmica no Brasil.

Ao lado, um flagrante do "stand" organizado pela citada empresa na 1ª Exposição de Indústria, Arte e História realizada em Quitandinha.



CERÂMICA REGINA LTDA.

Caixa Econômica do Estado do Rio de Janeiro

DADOS ESTATÍSTICOS ATÉ MAIO DE 1955

384.050 depositantes — Valor dos depósitos, Cr\$ 890.992.572,00

7.200 residências financiadas em vários municípios desde a fundação da Caixa, Cr\$ 1.025.456.000,00; 785 casas dos Núcleos Residenciais de Mutuá e São Fidelis, Cr\$ 72.896.584,50; Capital atualmente investido em financiamentos de residências, Cr\$ 491.579.690,00; 8.272 empréstimos a funcionários sob consignação em folha, Cr\$ 56.378.872,40; 18.703 empréstimos sob penhores, Cr\$ 10.337.305,00; 4 empréstimos ao Governo do Estado para realização de obras públicas, Cr\$ 66.790.603,60; 9 empréstimos à Prefeitura para serviço de água, esgoto e calçamento, Cr\$ 23.346.458,20; 1 empréstimo para obras

de remodelação da cidade de Niterói, Cr\$ 78.583.603,90.

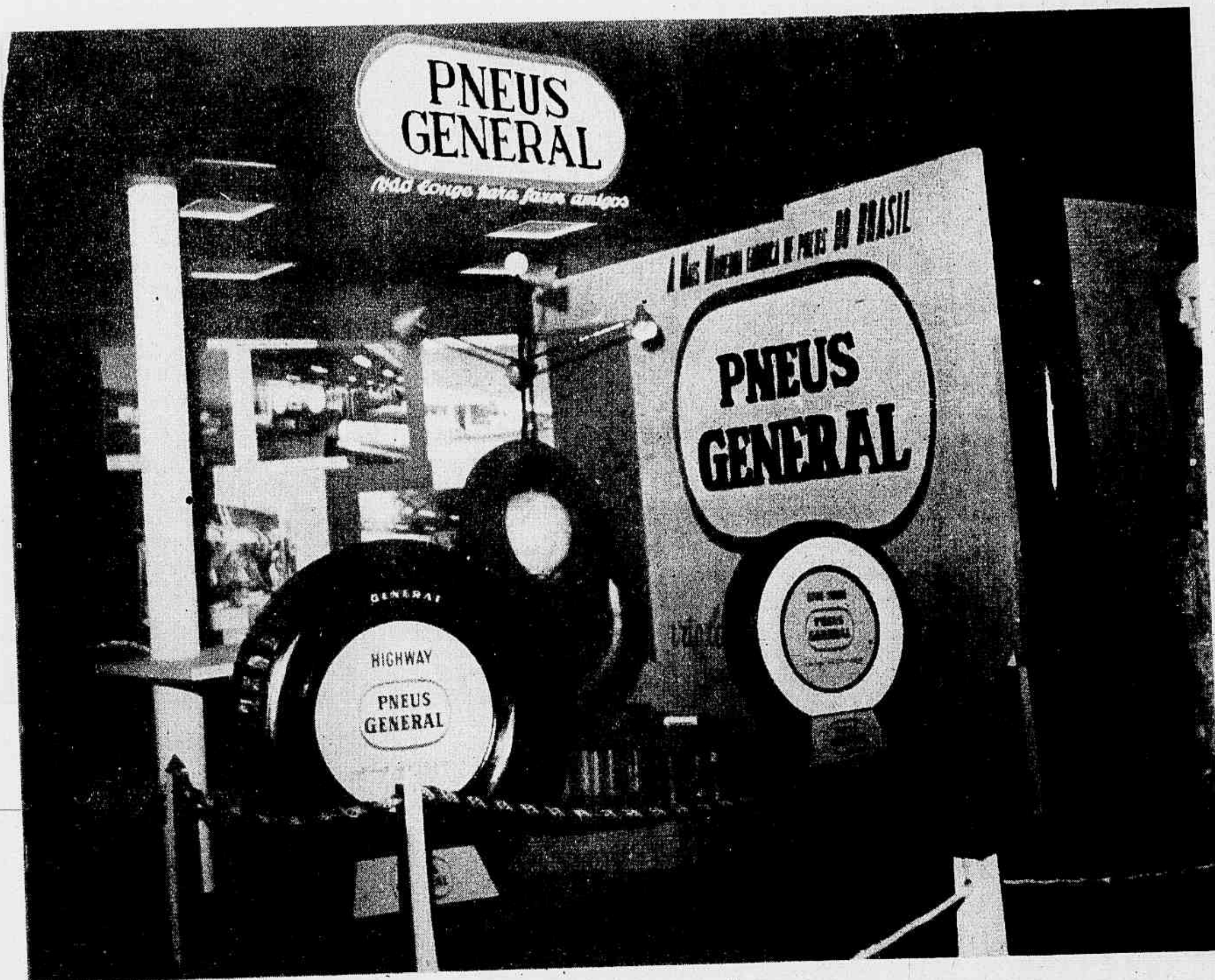
Presidente: Dr. Mário Guimarães; Diretores: Drs. Antônio Pereira Nunes, Yadir Barros Tavares, José Luiz Erthal.



A Caixa Econômica do Estado do Rio, de cujo «stand» publicamos este aspecto, prestigiou a 1ª Exposição de Indústria, Arte e História realizada em Quitandinha.

PNEUS "GENERAL" a marca indicada para seu carro

Na Exposição de Indústria, Arte e História realizada em Quitandinha, e da qual participam as mais renomadas firmas do país, como não poderia deixar de ser, a companhia de Pneus General S. A. expõe ao distinto público um magnífico «stand» onde se encontram os seus famosos produtos. Nesta página damos aos nossos leitores alguns significativos aspectos da importante mostra realizada pela conceituada firma Pneus General S.A.



● No momento em que você dirige o seu carro a caminho de casa ou do escritório onde trabalha... no ônibus ou lotação onde se encontra, o seu bem-estar e, muitas vezes, a sua própria vida dependem da segurança e estabilidade dos pneumáticos, sobre os quais roda o veículo.

Numa pista de corridas, onde a velocidade máxima é o objetivo dos «ases» do volante... no transporte de cargas pelos caminhões pesados através de estradas irregulares e não asfaltadas... enfim, os pneus estão sempre presentes, oferecendo a máxima resistência, ainda que sujeitos a estouros, choques violentos, etc.

Mas isto pode-se evitar usando os famosos pneus «General», os únicos que granjearam a confiança dos motoristas do mundo inteiro, pois permitem maior aderência ao solo e rendimento comprovado.

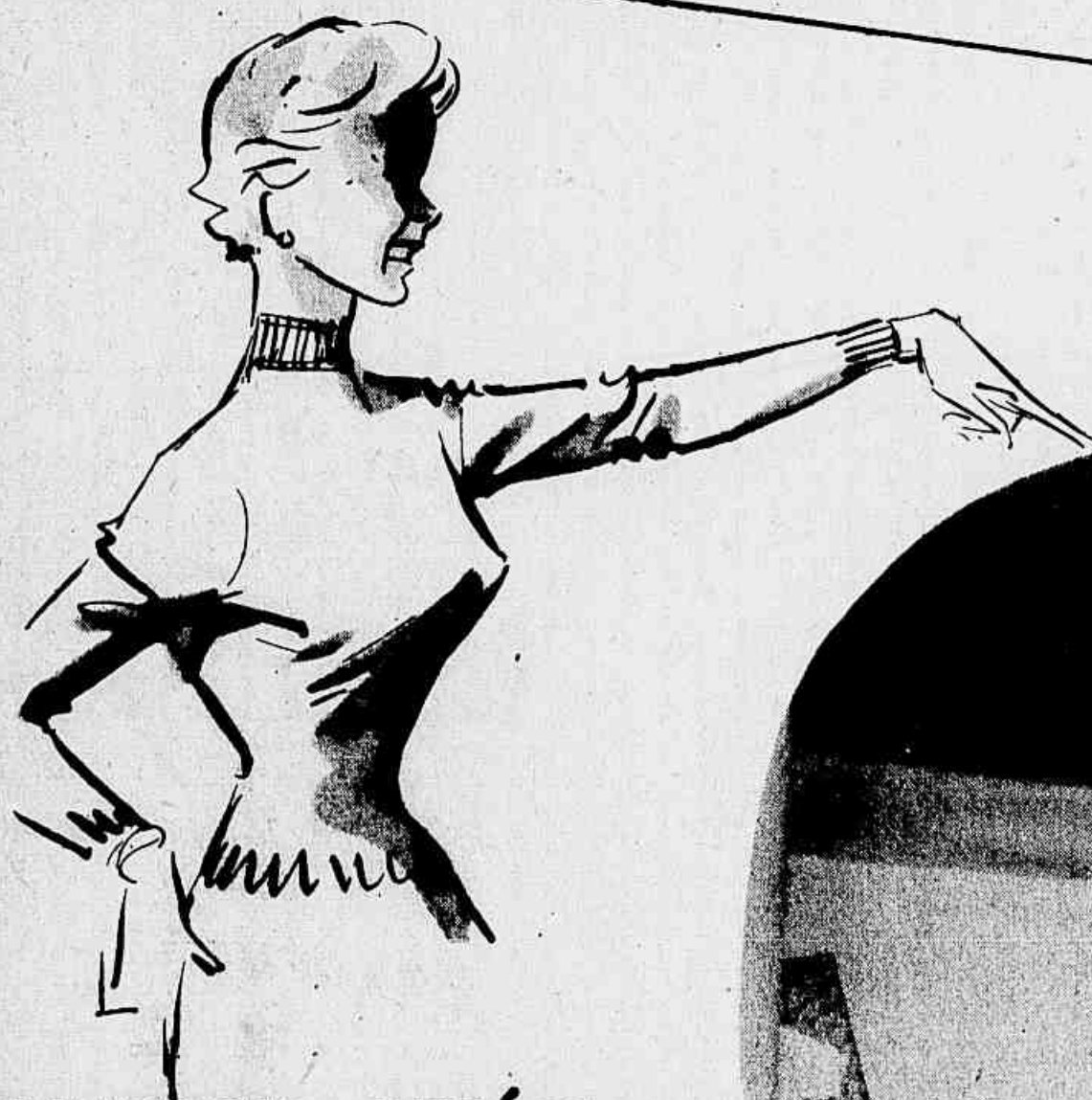
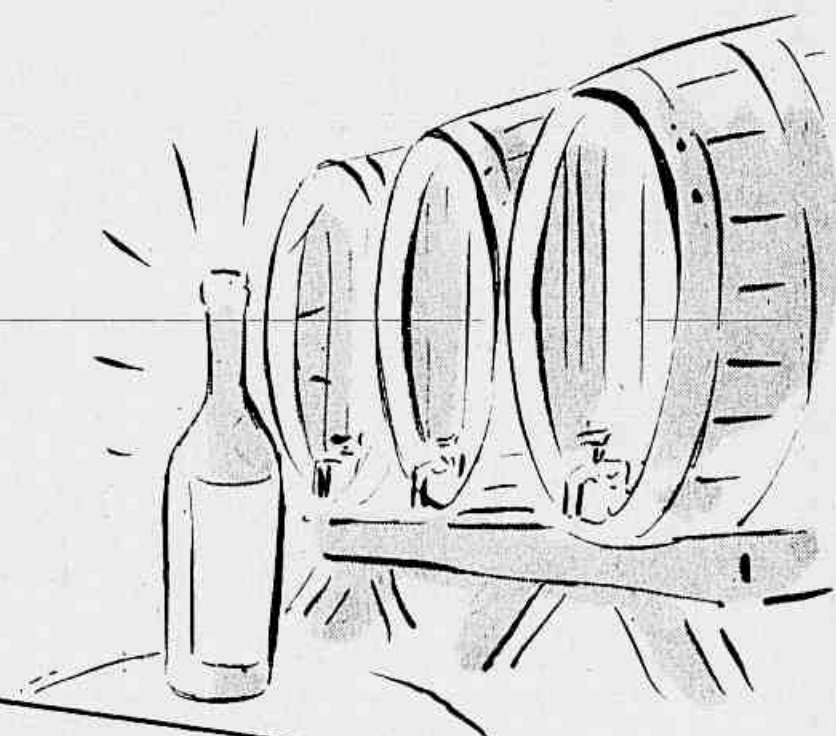
Fabricados pelo processo «GEN-TAC» — patenteado pela Pneus General S.A. — os pneus «General» asseguram a mais completa adesão do cordão à borracha, dando maior resistência à estrutura do pneu.



FÁBRICA DE BEBIDAS CASCATA S. A.

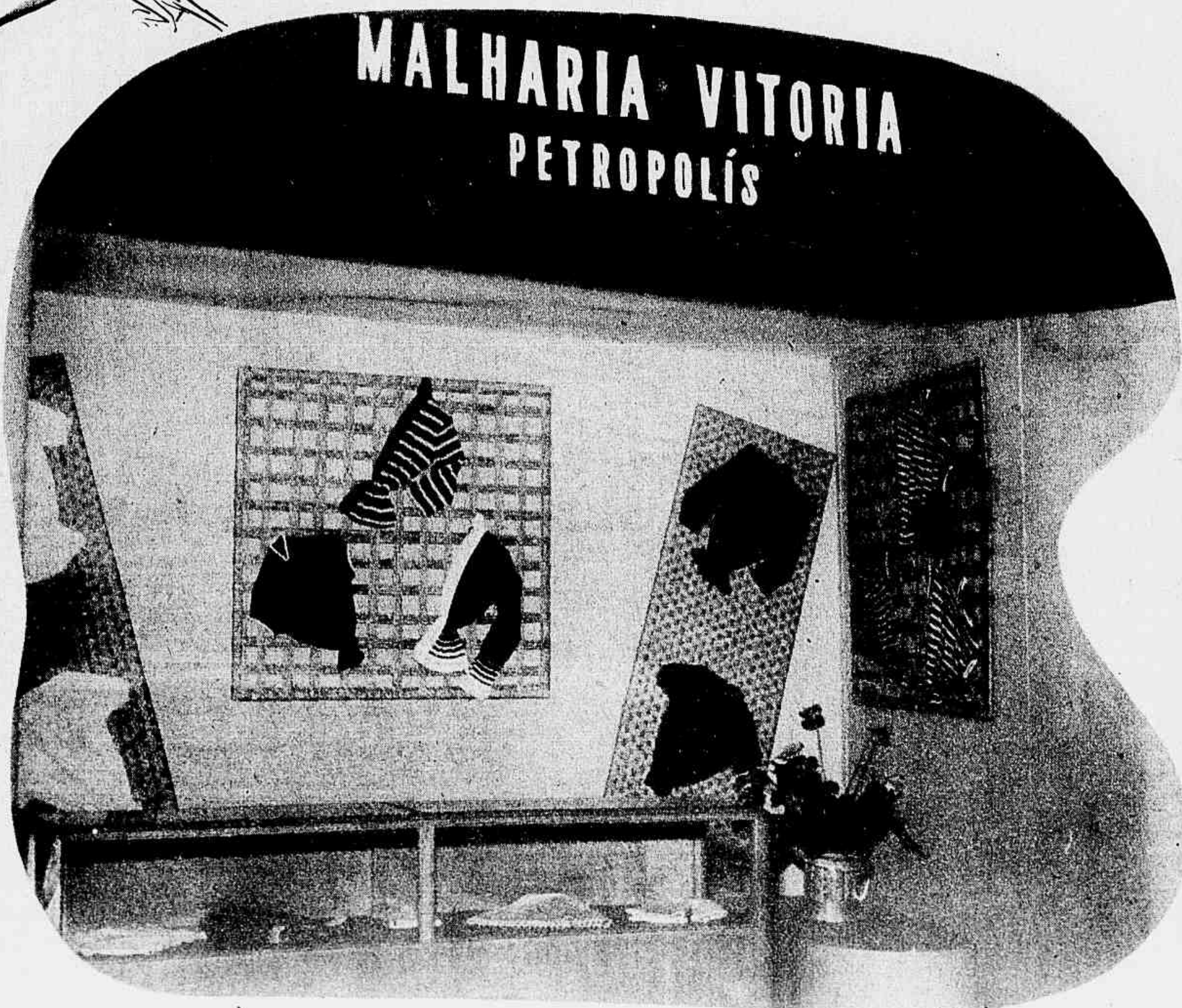


● Dentre as mais importantes e conceituadas firmas produtoras de bebidas no nosso país podemos destacar, sem dúvida, a «Fábrica de Bebidas Cascata S/A.», localizada à rua Washington Luís, 455 — telefones 2044 e 2555 em Petrópolis. A indústria em referência, além de ser depositária da Cia. Cervejaria Brahma é especializada na fabricação dos saborosíssimos «Guaraná Cascata» e «Fernet Mora» possuindo, ainda, em estoque — Aniz, Cognac, Bitter, Lithauer Brasileiro, Vermouth, Fernet, Licores, Siphões, etc. Para pedidos em grande quantidade a «Fábrica de Bebidas Cascata S/A.» tem sempre à disposição de sua numerosa clientela vinhos finos: Verde, Virgem, Rio Grande, Águas Minerais, Aguardente, Alcool, Vinagre, etc. Na Exposição realizada em Quitandinha a «Fábrica de Bebidas Cascata S/A.» expõe os seus produtos de alta classe num elegante «stand», do qual divulgamos este sugestivo aspecto.



MALHARIA VITÓRIA IND. COM. LTDA.

● A Malharia Vitória, a conceituada indústria de artigos femininos, à avenida Rio Branco, 6 — loja 16 (Edifício Imperador), também participa da monumental mostra ora levada a efeito no imponente Quitandinha, exibindo num bem montado «stand» as suas mais variadas criações. A Malharia Vitória, o magazine que acompanha as maiores e mais recentes inovações da moda, foi a primeira malharia a ser fundada no Estado do Rio de Janeiro.

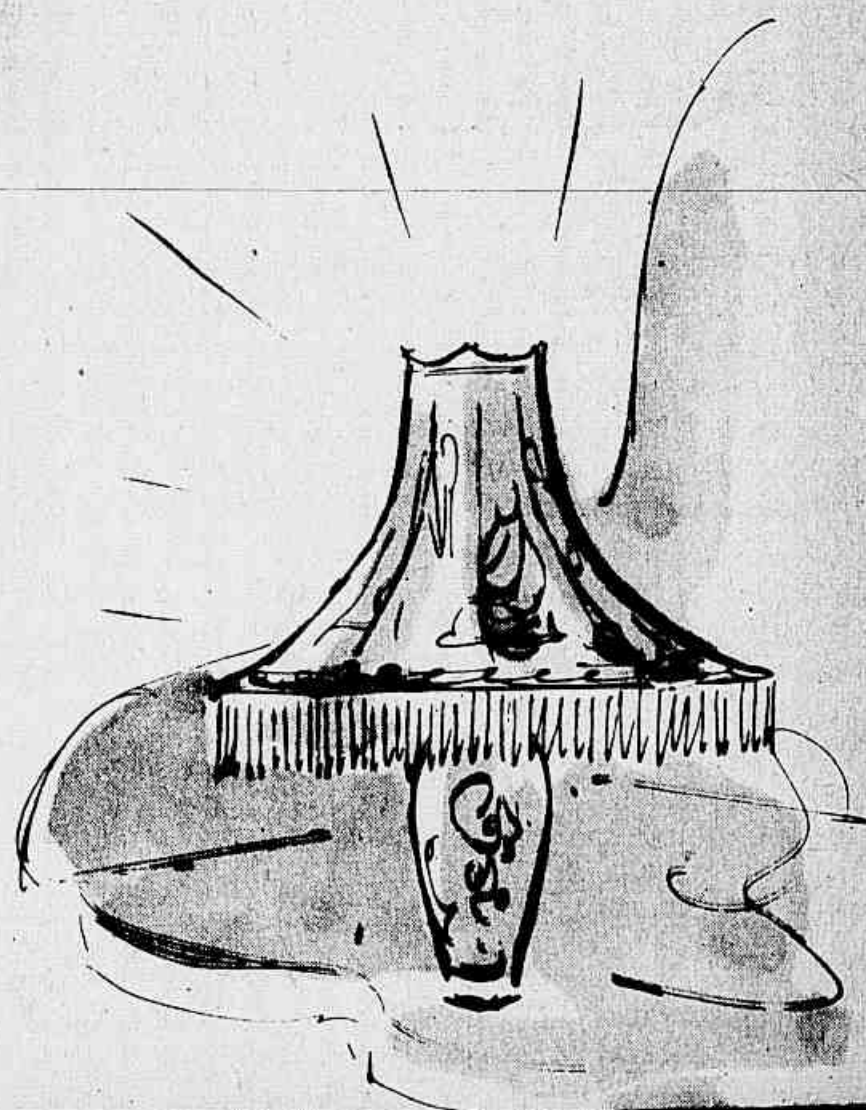




BENO WINKLER

FAZENDA WINKLER

● Poderíamos, não fôsse a exigüidade de espaço, ainda que fugindo do âmbito de publicidade, fazer um histórico da cerâmica no Brasil, sua aparição e desenvolvimento como arte. Entretanto a nossa missão aqui, é, apenas, estabelecer um paralelo que traduza com imparcialidade e justiça, o quanto tem contribuído a «Fazenda Winkler» para o desenvolvimento desse singelo e importante ramo de atividade industrial. E a idéia que se tem dessa grandiosa organização (Fazenda Winkler) é que ela constitui, na realidade, o que há de melhor e mais moderno no gênero em

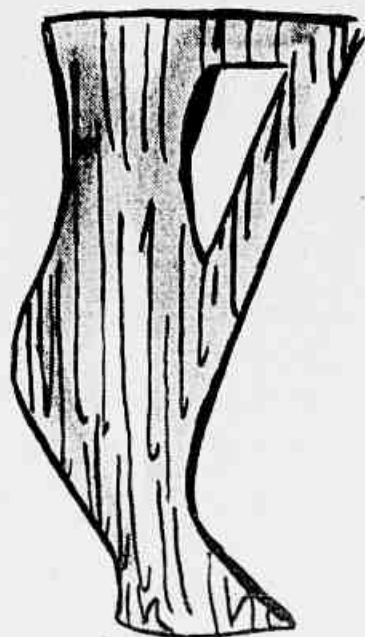


tôda a América Latina. É essa a primeira impressão do conhecedor ao contemplar o artesanato pujante e grandioso de cerâmica apresentado pela Fazenda Winkler, situada no Estado do Rio.

O exposto acima é um exemplo marcante do virtuosismo técnico e estilístico da Fazenda Winkler, que se especializou em todos os tipos de cerâmicas, dos mais antigos aos mais modernos, em tôdas as formas (inclusive chinesa), em cores deslumbrantes e garantidas.

Na Exposição realizada em Quitandinha a pioneira da arte da cerâmica no Brasil apresenta-se para o público em luxuosíssimo «stand» bem organizado, no qual estão expostos importantes trabalhos, como sejam estatuetas, jarros de diferentes formatos e tamanhos, suportes para «abat-jours», etc.

Nesta página publicamos fotografias com interessantes aspectos do «stand» da Fazenda Winkler, o que evidencia o seu alto grau de originalidade e distinção nos meios industriais do país.





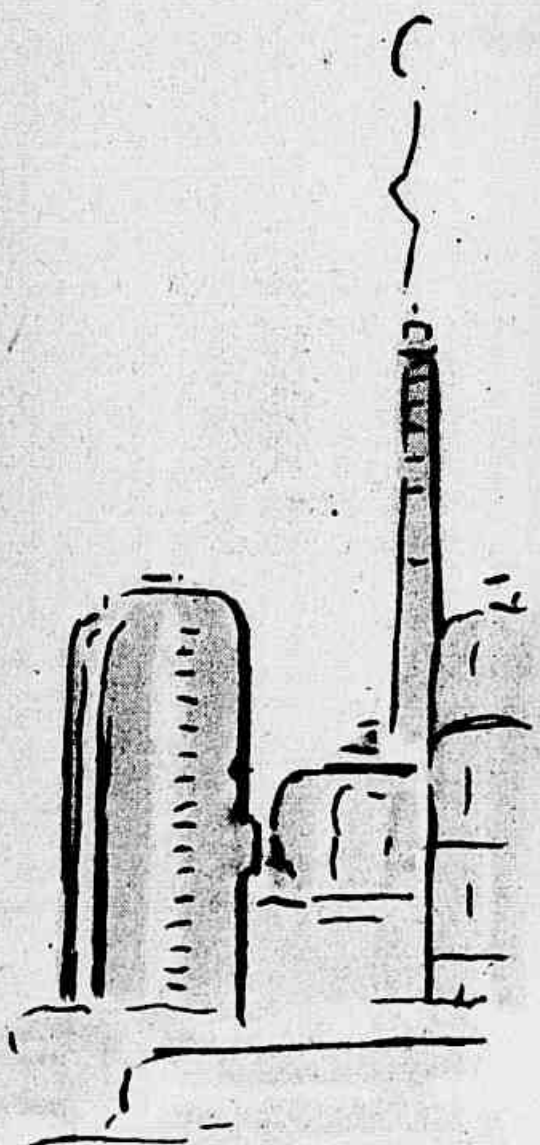
COMPANHIA MERCANTIL E INDUSTRIAL INGÁ

● O perfeito funcionamento de um organismo vivo depende do equilíbrio e estabilidade de controle, o que lhe pode facultar a propriedade de distensão. Se nos referimos a u'a máquina que trabalha, observamos incontinenti o seu entrosamento harmônico de movimentos, e que tôdas as pequeninas peças obedecem a determinadas leis pré-estabelecidas. Assim, também, é o progresso de um país, ou o desenvolvimento de uma indústria. E, se a matéria prima que ela produz é indispensável aos setores econômicos do Estado, citada indústria merece a consideração e preferência do público.

A Companhia Mercantil e Industrial Ingá é um exemplo das nossas assertivas, pois o ramo

a que ela se dedica é dos mais importantes. A sua produção mensal de canos galvanizados, graças aos esforços de sua eficiente direção, alcança, atualmente, cêrca de 800 toneladas, o que evidencia o seu alto grau de produtividade. Os canos marca «Jacto» e eletrodutos «Electron», fabricados pela Ingá, dada a preferência que têm tido para a realização de construções de grande envergadura, são de excelentes qualidades.

Dentre os «stands» que figuram na primeira Exposição de Quitandinha, o que foi organizado pela Companhia Mercantil e Industrial Ingá é digno de nota, pois nêle encontram-se produtos da mais alta qualidade no gênero. Nesta página dedicada à Companhia Mercantil e Industrial Ingá, com escritórios na Av. Nilo Peçanha, 12-12º andar — telefone, 22-1880, oferecemos aos nossos leitores belos aspectos da mostra realizada pela firma em aprêço.



FLASH PAULISTA

RENATO DE ALENCAR

DA CAPITAL — A elevação térmica nos entusiasmos da propaganda política cedeu um pouco à tremenda onda de frio que sitiou a Capital desde o dia dois, quando, nos arredores da metrópole chegou à brincadeira de 4º,7, como se os paulistas fossem da família dos pingüins. Mas, se o frio que fez gelar até o pensamento, forçou apenas o uso de agasalhos exagerados e a movimentos físicos como se todos nós estivéssemos a fazer ginásticas pela rua, nas fazendas de café e nas zonas frutícolas, devastou, causando prejuízos desoladores. Mas, S. Paulo é S. Paulo. Não se entibia com as calamidades que o aligem, e atravessará corajosamente a presente, restaurando-se com a energia de seus filhos e as providências dos poderes públicos. Há, entretanto, uma particularidade a comentar. Dentre os processos científicos para combater as geadas, há o da fumaça artificial, já experimentado pelo Instituto Agrônomo de Campinas, no ano passado. Tal processo é muito acessível, pelo seu baixo custo, regulando, mais ou menos, uns cem cruzeiros cada cápsula importada da Alemanha onde é muito usado para os mesmos fins. Entretanto, por que razão ainda não foi pôsto em prática em nosso país? Apenas porque o produto não tem ainda classificação alfandegária, não se sabendo como incluí-lo nas várias categorias de importação, se entre os fungicidas, se entre os inseticidas... E aí está por que motivo teve a economia nacional de pagar tão caro o tremendo prejuízo de mais de 300 milhões de pés de café!

• DE RIO CLARO —

Um dos magníficos trens da «Paulista» levou-nos à encantadora cidade de Rio Claro, a uns oitenta quilômetros da Capital. Fomos como representantes desta Revista às festas de encerramento da III Exposição Industrial realizada naquela cidade, e vimos como lutam os que trabalham para obter energia elétrica necessária à movimentação de suas indústrias. Além de merecida homenagem ao engenheiro dr. Armando de Aruda Pereira, inaugurando-se o seu retrato na sede da Delegacia do CIESP (Centro das Indústrias do E. de S. Paulo), foi oferecido pelos expositores, luto almoço aos visitantes, seguindo-se o encerramento da Exposição, com a entrega dos prêmios aos melhores «stands». Para o maior êxito dessa mostra de trabalho da cidade de Rio Claro, muito contribuíram os dirigentes da CIESP e da Federação das Indústrias do E. de S. Paulo, sob a presidência do dr. Antônio Devisate e assistência do dinâmico Secretário Geral, sr. Humberto Dantas, presentes ao encerramento da festa das indústrias de Rio Claro.

A RECEBEDORIA FEDERAL

A arrecadação federal neste Estado subiu, até 31 de julho p.p. à soma de Cr\$ 7.285.870.073,90, ou seja, um movimento mensal superior a um milhão de contos de réis. No ano passado, no mesmo período, foram arrecadados Cr\$ 6.145.271.054,20, menos cerca de 19%. É interessante notar que, desde janeiro até julho deste ano, as arrecadações se mantiveram sempre superiores às de 1954 mês a mês, com diferenças que orçaram, entre 8,60% a 35%. Não se compreende por que razão a sede da exatária federal de São Paulo é de instalações tão precárias sem oferecer o mínimo conforto, tanto aos contribuintes que comparecem para efetuar pagamentos, como aos próprios funcionários, sem espaço e ar para seu exaustivo trabalho cotidiano. Daqui juntamos o nosso apoio aos reiterados apelos feitos aos poderes competentes, pelo Diretor da Recebedoria Federal de S. Paulo, no sentido de que seja dada a esta Capital uma instalação digna de acordo com os tributos arrecadados pela União, o merecimento de seus contribuintes e do martirizado funcionalismo.

OBSTINAÇÃO NIPÔNICA

Há na Polícia desta Capital, presos por tentativa de depredação do Consulado Japonês e agressão ao Cônsul e funcionários, seis filhos do Japão. Sua detenção data de 16 de março último. Até aí, nada de anormal, pois a uma delinquência tem que corresponder a respectiva punição; mas o caso se reveste, desde o dia 26 de julho, de certo sensacionalismo. É que os japoneses resolveram morrer de inanição, e entraram a fazer a greve da fome. Nem limonadas, nem laranjadas, nem cafézinhos, como qualquer jejuador esportista faria. Com eles é mesmo sem beber nem comer nada. Recorreu-se aos conselhos de um sacerdote budista, que os visitou e obteve de três deles a promessa de ingerir café e limonada. Mas, depois que experimentaram o alimento, decidiram, acompanhando os demais companheiros da morte por inanição, fechar os lábios a qualquer nutrição. E a Polícia teve

que os remover para o Hospital das Clínicas, estando o corpo médico a acompanhar hora a hora o desenrolar dos sintomas de hipotemia orgânica. Ao escrevermos esta nota, a temperatura entre eles variava entre 35 a 35,8, pulsos de 68 a 82 e as pressões arteriais, de 10 e 8,5 a 11,5 a 10, respectivamente de máximas e mínimas. É claro que, ao sair este resultado a público, os obstinados japoneses Akio, Riichiro, Shigueo, Haruto, Tocchi e Rin Nosuka, já tenham deixado de existir. Isto se não recuarem em tempo de sua obstinação, com base exclusivamente partidária.

MAQUINAS DE COSTURA

A indústria nacional deste ramo industrial, cuja produção já pode suprir o mercado brasileiro, com sobras para exportação, continua prejudicada pela importação de similares estrangeiras, o que só contribui para arrefecer o estímulo dos fabricantes nacionais. Para o ano próximo estima-se em mais de trezentas mil unidades, em virtude de novas fábricas a inaugurar-se no país. Sabendo-se que o consumo interno é de umas duzentas mil máquinas anuais, e que, entre 1952 e 1954, entraram no Brasil, vindas do estrangeiros, mais de cem mil unidades, chega-se à conclusão de que estamos na iminência de ver malogradas algumas iniciativas nacionais, com o fatal fechamento das fábricas e desemprego em massa do nosso operariado. É ainda digno das atenções do Governo, o fato de alguns importadores estarem obtendo licença para receber do exterior máquinas de costura para uso doméstico, com a categoria de máquinas para fins industriais. Se, realmente, a importação se limitasse a máquinas de costura para indústrias, espécie que ainda não fabricamos, ora muito bem; mas o que está ocorrendo, e para o que chamamos a atenção das autoridades competentes, é que tais importações são ilegais, e se assim procedem os responsáveis, é porque obtêm concessões pela classificação de mercadoria sob categoria cambial mais vantajosa. A «Associação Profissional da Indústria de Máquinas de Costura, Peças e Acessórios no Estado de S. Paulo» realizou estudos completos sobre o problema, cujos objetivos são os mais patrióticos e dignos de atenção por parte do Governo Federal.

ANEDOTAS POLITICAS

Não é somente o carioca que é fértil em criação de anedotas de natureza política. Em São Paulo correm várias, cada qual mais interessante. Aqui vai uma: Quando o atual governador, Gen. Porfírio da Paz, esteve em visita ao Presidente da República, este lhe perguntou: «Então, General, como vai o seu S. Paulo?» Respondeu o General: «Oh! Magnificamente! Já estamos com diversos craques novos e de muito valor». Mas Café Filho procurou desfazer o equívoco: «Não, não me refiro ao clube, e sim ao Estado!» Mais uma vez houve engano, e o governador voltou: «Oh! Muito bem. Já conseguimos passar mais de 50 mil cadeiras cativas!» O Presidente Café sorriu e esclareceu: «Continuamos a confundir as coisas, General. Não me refiro ao Estádio e sim ao Estado de S. Paulo.» Aí o General Porfírio fez gesto de enfiado e respondeu: «É grande de mais... Não tenho tempo de lê-lo!»

EM SÃO PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO.



BAR RESTAURANTE A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 280,00 — Casal 380,00

Sem mais acréscimos

★

Av. São João, 1072 — Telefones: 36-8192 e 36-8193 (Rêde Interna)

SÃO PAULO — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»

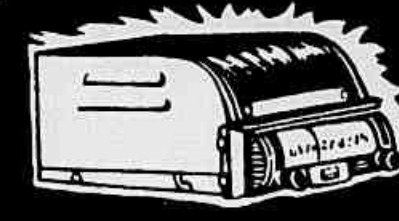


**NÃO SOFRA
POR GÔSTO...**



A Senhora pode aliviar
os males próprios de seu
sexo, usando
REGULADOR SIAN
Indicado nas dismenorréas

“Mil” lhe oferece:



**RÁDIOS
ANTENAS
ACESSÓRIOS**
para todos os carros

PREÇOS HONESTOS
Colocação imediata

Pessoal Técnico Especializado
GARANTIA e HONESTIDADE
R. MEXICO - 98 A
52-1066 - 22-6144 RIO DE JANEIRO

Só na
Mil

POÇOS DE CALDAS



Situada numa região privilegiada, suas belezas naturais são uma festa para os olhos dos visitantes. As águas miraculosas, tornaram-na a primeira estação da América do Sul.

O Expresso Brasileiro, seguindo a sua tradição de bem servir, mantém magnífica linha, ligando S. Paulo a Poços de Caldas com diversos horários diários intercalados de hora em hora.

Escalas em:
Campinas - Mogi-Mirim
Mogi-Guaçu - S. João da Boa Vista - Ag. da Prata



Pontualidade nos horários

AGÊNCIAS DE EMBARQUE E INFORMAÇÕES

SÃO PAULO

Av. Ipiranga, 885 - Fone 34-1395

POÇOS DE CALDAS

Rua Rio de Janeiro, 63 - Fone 831-M

CAMPINAS

Pça. Floriano Peixoto, 292 - Fone 5848



EXPRESSO
BRASILEIRO

À VENDA

ANUÁRIO DO ESPORTE ILUSTRADO

★

CR\$ 20,00
EM TODO
O BRASIL

CINEMA E TEATRO

CELESTINO SILVEIRA

"É preciso viver" — boas oportunidades para Iracema e Graça Melo.

O que há de mais louvável nos Artistas Unidos é a abolição sistemática do regime de estrelato. Cada artista para cada peça, princípio adotado pelo conjunto, faz que todos tenham sua oportunidade, com magnífico rendimento artístico; o que foi agora demonstrado em «E' Preciso Viver». Trata-se de um melodrama genuinamente norte-americano, bem dentro da sensibilidade do seu povo, peça que marcou dois pontos altos no seu país de origem, o primeiro no teatro, outro no cinema.

A tradução do «Come back, little sheba» (William Inge), feita por Miroel Silveira, conseguiu manter aquele espírito e o feitiço típico da origem. Qualquer adaptação poria tudo a perder, porque as figuras gravitam dentro da sensibilidade americana. E até certo ponto, a peça resultaria monótona sem o ensejo que proporciona a duas ou três personagens centrais, para dar largas aos seus predicados, se os tiverem. É o tipo do teatro que, ou se representa irrepreensivelmente, ou não será de modo algum um sucesso. Vale como «test» definitivo para o ator que fizer o Doc e a atriz que desempenhar aquela pobre Lola cheia de cansaço, de tédio, do rama-rama da sua vida tão obscura. Há que louvar a paixão com que Graça Melo levantou o original, o dirigiu e também o representou. Parece-nos ter esse artista encontrado, nos Artistas Unidos, campo mais próprio para se expandir na representação mas, sobremaneira, na direção, ele que é um perfeito homem de teatro. E um homem de teatro brasileiro, sem cursos na Europa ou nos EE. UU., provando assim que nem sempre é mister, à frente de um elenco um nome de importação, sem com isso se subestimar o que vem de fora e seja realmente bom. Pois Graça não veio de fora — e também o é. As minúcias com que pôs de pé esse «come back little sheba», sem lhe tirar o sabor próprio, e arrancando excelentes efeitos dos seus companheiros de jornada, aí está para demonstração.

Mas a grande nota emotiva da noite foi o ensejo dado a essa atriz de tantas virtudes e por tanto tempo esquecida, que se chama Iracema de Alencar. Deve estar feliz, Iracema, porque é um prêmio dos deuses chegar-se à fase amadurecida de uma carreira e dar ao vivo esse pujante testemunho de vitalidade em

arte, de talento tão robusto. Também Iracema se apaixonou pela humilde matrona provinciana que vive a sua vida frustrada, entre as saudades de um cãozinho doméstico e o pavor de que o seu Doc volte a beber. Mas vaidosa ainda, bisbilhoteira inofensiva, gostando de proteger os namorados e de lembrar seus devaneios com os rapazes de seu tempo, tudo nela é enternecedor. E quando no final, Doc volta para casa tocado pelo uísque e a vai agredir, dá ímpetus de participar da cena indo em defesa da pobre. São dois artistas de classe em qualquer parte do mundo, Graça e Iracema.

E como se agigantam na sequência da crise de Doc, sob a ação do álcool; e como são suaves, líricos, nos momentos evocativos, e como sabem transmitir o calor do diálogo que, afinal, é vulgar, mas valorizado pelo desempenho que lhe dão!

★

Mas não esqueçamos outra esplêndida atriz — Laura Suarez. Versátil, arrancando efeitos mágicos dos tipos mais díspares que lhe dão para viver, disciplinada e minuciosa, sem sublinhar o tom às vezes mais malicioso de uma frase, porque acredita — e com razão — estar representando para uma platéia inteligente, Laura Suarez valoriza aquela sra. Kauffman com a sua linha proverbial, e a tal ponto que se lamenta não ficar mais tempo em cena. De uma quase «ponta», porque pouco mais é a vizinha alemã de Lola, faz Laura uma criação admirável.

Ana Edler, que em «Diálogo das Carmelitas» arrebatava na Priora Henriette, a primeira madre do Carmelo, empresta ao papel de Mary a vivacidade e o sentido leviano da personagem; suas cenas com Paulo Monte, suavizam (ou excitam) o público, em meio àquele clima de permanente banalidade. E o cenário de Benet Domingo, funcional, bem aproveitado, é parte integrante da ação.

Essencial é que o público não perca «E' Preciso Viver», das coisas boas nesta temporada. Das mais honestas.



Graça Melo

ASSIM NINGUÉM RECLAMA!

Foi fundada em São João da Boa Vista (São Paulo) uma nova produtora de filmes, a «Giannelli Filmes do Brasil», que obedece a um novo sistema de trabalho: todos contribuem em qualquer setor e ninguém recebe salários. Quando o primeiro filme for lançado, artistas e pessoal técnico receberão proporcionalmente ao trabalho que tiverem produzido. São amadores que atuam com a seriedade dos profissionais. Quanto ao primeiro



Uma cena de «João Negrinho», com escravos presos na senzala da Fazenda Fundão.

E SEGUE O ESPETÁCULO

Alda Garrido dissolveu temporariamente a sua companhia. Como faz sempre. Voltará depois do Carnaval, ainda para o Rival Teatro (que, parece, vai ser crismado Teatro Alda Garrido), com uma peça de Vão Gogo, ainda sem título definitivo. — E a saída de Adolfo Celi, do TBC, continua dando assunto. Os Artistas Unidos desejariam a sua presença para dirigir uma peça. E Margarida Rey seria outra demissionária do TBC, preferindo o elenco de Celi. — O ator Nascimento Fernandes, recentemente morto em Portugal, veio ao nosso país inúmeras vezes, nas companhias de revistas que outrora nos visitavam. Mas quando o fez pela última, foi com Amélio Rey Colaço, em alta-comédia. Foi um dos intérpretes da peça de Raimundo Magalhães «O Judeu», que aquele conjunto português estreou, aqui, no João Caetano. — Luiz Iglesias volta a pensar na excursão do elenco de Eva, à África Portuguesa. Talvez em 56. — E também Walter Pidgeon ficou interessado na aquisição de terras no Brasil. A convite de elementos da família Klabin, foi ao Paraná a fim de escolher, ali, a área suficiente para instalar uma fazenda à maneira típica norte-americana. — Enquanto os exibidores cinematográficos continuam pleiteando de qualquer jeito um aumento nos preços das entradas. Curioso é que o maior circuito exibidor não está interessado (aparentemente) no aumento... — Se virem programado em qualquer cinema de bairro «A glória de um covarde», não percam. Pode não ser um acontecimento de bilheteria, mas constitui um espetáculo inesquecível. Pena ter sido lançado no Pax, isoladamente. Mas vale qualquer sacrifício para ser visto.

filme, «João Negrinho», foi extraído do livro de Jacanã Altair do mesmo nome, editado pela Melhoramentos. A adaptação e direção estão confiadas a Dilo Giannelli e Osvaldo Censoni. Fotografias de Dilo Giannelli e direção artística Censoni.

A história narra a vida de João Negrinho que, com sua mãe Jacinta, foi vendido a um fazendeiro. Ele sofre toda a sorte de maltratos, desde a queimadura da mão quan-

do tentou roubar um pedaço de doce, até à fome e à sede quando quis impedir que os negros revoltados da fazenda matassem por engano o bondoso Frei Luís. É uma história triste com alguns momentos alegres. Filmagens exteriores, aproveitadas de fazendas e senzalas ainda existentes no interior paulistano.

Dizem ser um esforço notável da gente santojoanense e o filme está em vias de acabamento.



O POVO NÃO ESQUECEU VARGAS

Fotos de ALBERTO FERREIRA

● No dia 24 de agosto, por ocasião do primeiro aniversário da trágica morte de Getúlio Vargas, o povo, que nunca o esqueceu — pelo contrário, mais e mais o reverencia, cercado-lhe a memória de carinhosas provas de apreço, prestou-lhe significativa homenagem, junto a seu busto, na Praça Marechal Floriano, para onde convergiu uma pequena multidão conduzindo flôres e velas. As velas foram acesas ali mesmo, no chão, e a noite inteira arderam por intenção da alma do saudoso Presidente; as flores serviram para adornar-lhe o busto, ante os olhares vigilantes da Polícia — rumores intranquilizadores haviam corrido — e sob intensa e espontânea emoção popular, Getúlio permanece estimado pelos cariocas.



GETÚLIO VARGAS



MILHARES DE VELAS E FLORES TRAZIDAS PELO POVO PARA REVERENCIAR A E



● O elemento feminino (como sempre acontece nesses momentos) predominou. Não que os homens não se juntassem de bom grado às manifestações prestadas à memória de Vargas: é que suas funções os impedem de comparecer em tais ocasiões. Crianças em profusão estavam presentes. E as velas desenhavam no chão da Avenida Rio Branco arabescos ziguezagueantes. Getúlio Vargas continua bem vivo no coração dos humildes, a quem ele tanto amou e a quem, por todos os meios, buscou proteger.

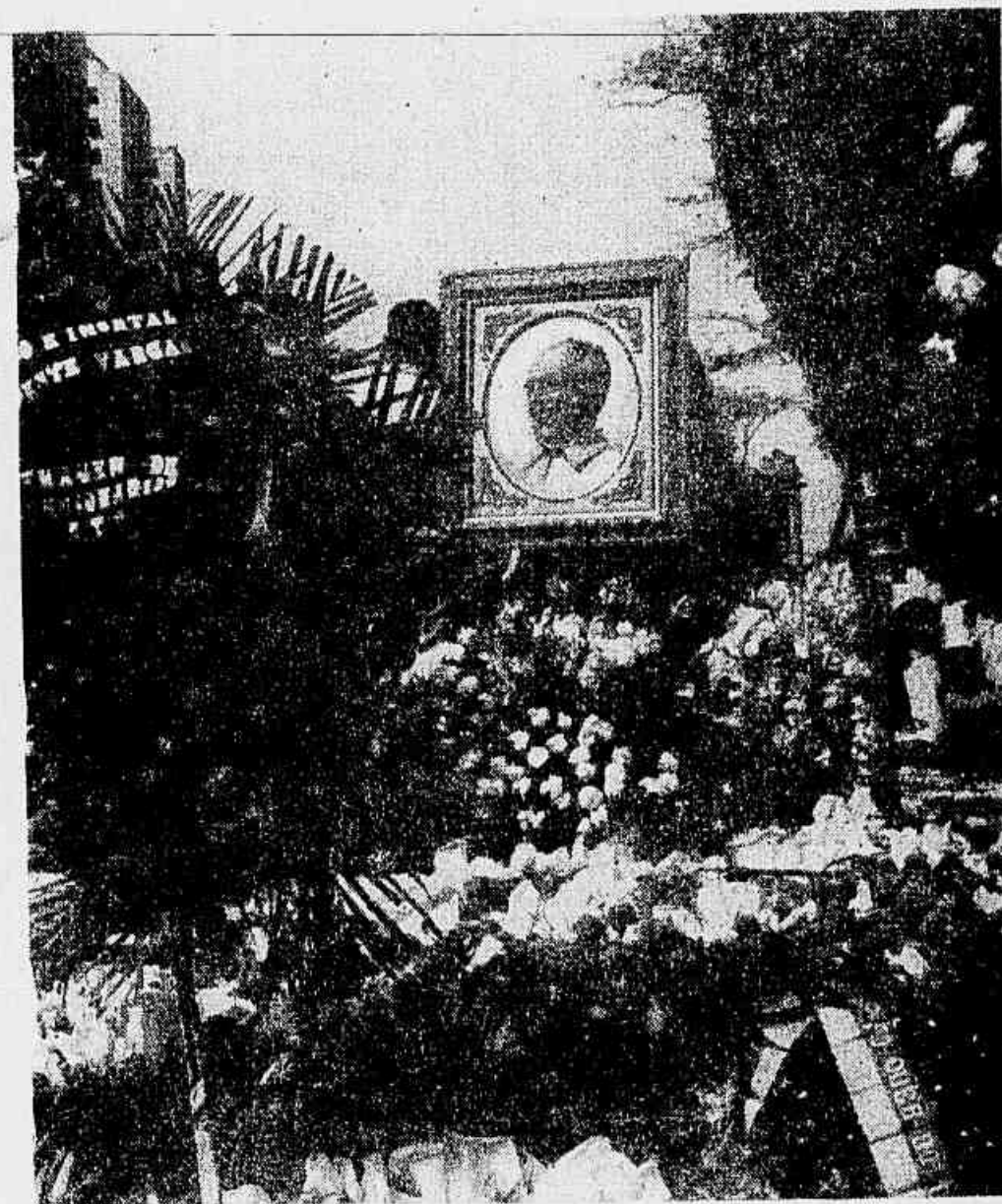




GETÚLIO VARGAS



● Desde a véspera, pessoas conduzindo à mão ramos de fillores afluíam à Praça Marechal Floriano; o índio que se vê à esquerda veio trazer a mensagem de saudade de nossos irmãos das selvas. Em plena tarde do dia 24, o aspecto que oferecia a praça era o de um lindo jardim, no meio do qual o busto de Getúlio Vargas sobressaía imponente. Tudo dentro da ordem.



REPRESENTANTES
Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: Interpresa, Florida 299, telefone 32, Av. 9509, Buenos Aires. Tem agentes em todas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO

DISTRIBUIÇÃO:

AGÊNCIA POLANO

Rua João Bricola, 46

PUBLICIDADE:

ORGANIZAÇÃO PAULISTA LTD. (ORPAL)

à rua Sete de Abril, 374

Telefone: 36-4725

REVISTA DA SEMANA

Ano 56 — Nº 36 — Rio de Janeiro — 3-9-55

Propriedade da
Companhia Editora Americana

Diretor-Presidente.....Gratuliano Brito
Diretor-Comercial.....Ivan Guimarães
Diretor-Gerente.....Wenceslau Quintas
Diretor de Publicidade.....J. M. Costa Júnior
Redatores e corretores S. L. Guimarães, A. Mendes,
S. Sant'Anna e A. Nóbrega

ENDERECO E TELEFONES

Rua Visconde de Maranguape, 15

Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria:
22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

Porte simples — Um ano	Cr\$ 250,00
Seis meses	Cr\$ 125,00
Registrada — Um ano	Cr\$ 280,00
Seis meses	Cr\$ 140,00

ASSINATURA PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr\$ 400,00
Seis meses	Cr\$ 200,00

O número avulso custa Cr\$ 5,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 6,00.

Toda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

**A FIGURA
EM FOCO**



A. B.

Só anda de Chevrolet
E todo o dinheiro enfurna.
Na hora êle mete o pé
E sai carregando a urna.

FORTUNA

(sem patrocinador)
APRESENTA

ÊLES, OS

Finalmente eis em nossas páginas os esforçados rapazes das reportagens volantes, esperando o autor que se satisfaçam em aparecer unicamente esta semana e não queiram estar em tôdas.

ALÔ, OROZIMBO!

VOCÊ, QUE ESTA MELHOR LOCALIZADO, PODE INFORMAR NOSSOS OUVINTES ?

POIS NÃO, EULINO!

TENHO A INFORMAR QUE AQUI AINDA NÃO TENHO NENHUMA INFORMAÇÃO PARA NOSSOS OUVINTES!

ENTÃO FALA, ASTRÉLIO!

PODE INFORMAR QUALQUER COISA DAÍ DE ONDE VOCÊ SE ENCONTRA, NA EXPECTATIVA DO DESEMBARQUE ?

ALÔ, ASTRÉLIO!

NUM ESFORÇO DE REPORTAGEM, VAMOS TER AGORA DECLARAÇÕES DE ALTA IMPORTÂNCIA DE SUA EXCELENCIA, O SR....

ATENÇÃO, DERALDO!

NO MARACANÃ:
FLAMENGO 4, OLARIA 0!
GÔL DE ÍNDIO!
INFORMOU O SABÃO DE CÔCO "MIMOSO"!

PERFEITO, JUCA!

DAQUI INFORMAMOS QUE UMA SENHORA ACABA DE DESMAIAR TAMBÉM NUM PATROCÍNIO DO SABÃO DE CÔCO "MIMOSO"!

ALÔ, GUMERCINDO!

NÃO ESTOU PRÓPRIAMENTE LOCALIZADO NA EXPECTATIVA DO DESEMBARQUE E SIM PERTO DA PISTA DE ATERISAGEM...

MUITO BEM, OSÓRIO!

ÊSTE RONCO QUE ESTÃO OUVINDO É DO ILUSTRE VISITANTE CHEGANDO AO AEROPORTO.

RÁDIO REPÓRTERES

ALÔ, CHICO!

O AVIÃO ACABA DE CHEGAR E
JÁ ESTOU ME ENCAMINHANDO
PARA A PISTA...
DA' LICENÇA...
DA' LICENÇA...

ÓTIMO, BENTINHO!

ENQUANTO ISSO IREI ENTREVIS-
TANDO OS PRESENTES. ÉSTE CA-
VALHEIRO, POR EXEMPLO, QUE DE
BOA VONTADE DIRÁ ALGUMAS
PALAVRAS AO NOSSO MICROFONE.

OK, MOURÃO!

TAMBÉM IREI FAZENDO O MESMO:
COMO O SR. SE SENTE MOMEN-
TOS ANTES DE VER EM PESSÕA
O ILUSTRE VISITANTE?

Σ □ Σ
Σ Σ Σ
Σ Σ Σ

PERFEITO, CORIOLANO!

ÓTIMA A SUA REPORTAGEM
COLHENDO IMPRESSÕES DE ES-
TRANGEIROS, INCLUSIVE DÊSSES
QUE FALAM IDIOMA DIFERENTE
DO NOSSO!

**ATENÇÃO!
ATENÇÃO!**

AQUI É O COSTINHA
ENTREVISTANDO O
ILUSTRE
VISITANTE!

EXATO, BENE'!

MAS O RONCO NÃO É DO ILUSTRE
VISITANTE E SIM DO AVIÃO.
CERTAMENTE DAÍ VOCÊ NÃO
PÔDE PERCEBER DIREITO...

AO POVO DO BRASIL UM SENSACIONAL
MINHAS CORDÃO DA REPORTAGEM GEN-
DAÇÕES COMOTENSZA DO SABÃO DE
DO ESPECIAL DE MIMICA "MIMOSO"!
TERRA É...



Agora, encontrei o meu cigarro...

hollywood

uma tradição de bom gosto

Cada vez mais pessoas estão mudando para Hollywood

UM PRODUTO SOUZA CRUZ

